



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

DANY GIL

“Olha com atenção para Nosso Senhor”

Cristologia nominal nas *Memórias* de Lúcia de Jesus

Trabalho Final sob orientação de:
Prof. Doutor Alexandre Coutinho Lopes de Brito Palma

Lisboa
2019

[PÁGINA EM BRANCO]

RESUMO

A presente dissertação procura elaborar uma resposta à pergunta: “Quem é o Jesus das *Memórias*?”. Primeiramente, apresenta-se uma contextualização da catequese da infância e da doutrina que terá influído no conhecimento de Jesus que os videntes terão adquirido antes das Aparições. Seguidamente, a partir das *Memórias* de Lúcia abordam-se as várias referências cristológicas, situando-as em relação com os acontecimentos fundantes da Mensagem de Fátima, as angelofanias de 1916 e as mariofanias de 1917. Posteriormente, estuda-se a relação entre os diversos nomes com os quais os videntes se referiam à pessoa de Jesus desde antes das Aparições até ao momento da sua doença, e o modo como estes contribuem para a caracterização da figura de Jesus nas *Memórias* de Lúcia. Por fim, procura-se descobrir o significado teológico presente nos diversos nomes de Jesus salientando as diversas dimensões teológicas relacionadas com a figura de Jesus nas *Memórias*.

PALAVRAS-CHAVE: ‘Jesus’, ‘Coração de Jesus’, Fátima, Lúcia de Jesus, cristologia, soteriologia, reparação.

ABSTRACT

The present dissertation seeks to elaborate an answer to the question: "Who is the Jesus of *Memories*?". First, we'll start with a contextualization of the catechesis of infancy and of the doctrine that would have influenced the knowledge of Jesus that the seers obtained before the apparitions. Then, from the *Memories* of Lucia, we approach the various Christological references, situating them in relation to the founding events of the Message of Fatima, the angelophany of 1916 and the mariophany of 1917. Subsequently, we study the relation between the different names with which the seers referred to the person of Jesus from before the apparitions until the moment of illness, and the way in which they contribute to the characterization of the figure of Jesus in the *Memories* of Lucia. Lastly, we sought to discover the theological meaning present in the various names of Jesus emphasizing the various theological dimensions related to the figure of Jesus in the *Memories*.

KEYWORDS: ‘Jesus’, ‘Jesus Heart, Fátima, Lúcia of Jesus, Christology, Soteriology, Repair.

INTRODUÇÃO

Traçar um perfil de Jesus é uma tarefa que foi iniciada pelos quatro evangelistas Marcos, Mateus, Lucas e João¹. Os evangelhos mostram como a mensagem e a atividade de Jesus geram uma discussão entre os Seus contemporâneos acerca da Sua identidade, que, num crescendo até à multiplicação dos pães, desperta o entusiasmo daqueles que viam em Jesus o *Messias*, profeta e rei, que haveria de liderar Israel na reconquista do seu território, ocupado pelos romanos (Jo 6, 14-15)². Na verdade, o próprio Jesus interroga os seus discípulos, uma única vez, sobre o que pensam d'Ele os seus contemporâneos, bem como os seus seguidores: «Quem dizem os homens que Eu sou?»; «E vós, quem dizeis que Eu sou?» (Mc 8, 27.29), obtendo de Pedro a resposta afirmativa, não só em nome próprio, mas também em nome dos Doze: «Tu és o Messias» (Mc 8, 29)³. A problemática acerca da identidade de Jesus não era também alheia às autoridades judaicas, doutores da Lei e sumos-sacerdotes, a quem a entrada messiânica em Jerusalém terá deixado desconcertados e questionando-se se Jesus seria ou não o enviado de Deus⁴.

A cristologia, ao empreender a tarefa de conhecer a pessoa de Jesus também a partir dos títulos cristológicos do Novo Testamento, compreende que a sua análise deve considerar todos os títulos atribuídos pelos primeiros cristãos, de forma a abranger a totalidade da pessoa e obra de Jesus. Com efeito, cada um deles visa um aspeto particular da pessoa e do mistério de Cristo⁵.

A Igreja ao olhar para as revelações de Fátima ratifica a sua autenticidade como revelação privada pela sua consonância com o Evangelho. O testemunho de vida dos videntes confirma o conteúdo das manifestações angélicas e das marifanias, pelo facto de as suas vidas estarem firmemente ancoradas no próprio Cristo. Assim, a Mensagem de Fátima constitui, para os nossos dias, um auxílio eficaz para a compreensão e vivência do

¹ Cf. A. PUIG, *Jesus. Uma biografia.*, Ed. Paulus, Lisboa 2006, pág. 15.

² Cf. A. PUIG, *Jesus. Uma biografia.*, pág.473.

³ Cf. A. PUIG, *Jesus. Uma biografia.*, pág. 473-474.

⁴ Cf. A. PUIG, *Jesus. Uma biografia.*, pág. 477.

⁵ Cf. O. CULLMANN, *Cristologia do Novo Testamento*, Ed. Custom, São Paulo 2002, pág. 23.

Evangelho através das diversas formas de piedade e devoção que servem de alimento à fé, esperança e caridade, conduzindo todos os crentes para o caminho da salvação⁶.

Partindo da problemática cristológica, urge perguntar: quem é o Jesus que aparece nas *Memórias*? Subjacente a esta questão, estarão ainda outras como as relativas à relação com o contexto no qual este Jesus é revelado, o modo como é revelado, com que expressividade e que contributos pode dar à restante teologia.

A presente dissertação, elaborada no contexto da conclusão do Mestrado Integrado em Teologia, procura estudar nas *Memórias* a vasta tipologia de nomenclaturas e temáticas que perpassam todas as áreas da teologia dogmática, sistemática e bíblica. Na verdade, ao analisar este texto, verifica-se que esta é a fonte mais genuína para o estudo dos acontecimentos de 1917, um testemunho direto da vivência dos videntes na qual encontram um vasto conjunto de nomes atribuídos a Jesus, a partir dos quais se vai investigar e conhecer o Jesus deste escrito de Lúcia.

A bibliografia versante sobre a cristologia na Mensagem de Fátima revela-se bastante escassa, podendo-se salientar os contributos dos estudos de cariz especificamente cristológico de Fernando Garrapucho⁷ e de Franco Manzi⁸. Ainda assim, pode-se considerar que o estudo teológico acerca da Mensagem de Fátima evoluiu exponencialmente no século XXI, com o aproximar da celebração do Centenário das Aparições de Fátima, tendo para isso contribuído de um modo particular os diversos Congressos e itinerários evocativos das Aparições angélicas e marianas de 2010 – 2017 promovidos pelo Santuário de Fátima, que fomentaram de um modo particular o interesse pela investigação teológica. Com efeito, é de salientar o estudo do teólogo espanhol Eloy Bueno de la Fuente⁹, cuja reflexão teológica se entrecruza com o conteúdo da Mensagem de Fátima.

⁶ Cf. J. RATZINGER, *Comentário Teológico*, in *Memórias da Irmã Lúcia I*, 13ª edição, Ed. Secretariado dos Pastorinhos, Fátima 2007, pág. 223.

⁷ Cf. F. R. GARRAPUCHO, «La centralidad cristológica en el mensaje de Fátima», in *Congreso Internacional: A Fenomenologia e Teologia das Aparições*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 1998, pág. 333-350.

⁸ Cf. F. MANZI, *As Crianças-profetas de Fátima – O Olhar de Três Crianças sobre o Ressuscitado*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2018.

⁹ Cf. E. BUENO DE LA FUENTE, *A Mensagem de Fátima – A Misericórdia de Deus: o Triunfo do Amor nos Dramas da História*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2013.

A primeira dificuldade deste trabalho foi a de procurar uma metodologia para o abordar, dada a peculiaridade do seu estudo. Sem protótipos inspiradores, a grande questão que se colocava era: “como levá-lo a cabo?”. Este problema encontrou a sua resolução com o decorrer das seguintes tarefas: 1) a recolha de todas as referências cristológicas presentes no texto das *Memórias* (citando as expressões do manuscrito de Lúcia a partir da sua edição crítica)¹⁰; 2) a organização por tipologias de nomes (conforme o anexo das referências); 3) a organização dos nomes segundo as diversas dimensões teológicas com as quais estes se relacionam: doxológica, soteriológica, eucarística, escatológica, cordial, bíblica. Deste modo, o trabalho das duas últimas etapas serviu de base para a projeção dos segundo e terceiro capítulos. Assim sendo, o primeiro capítulo visa contextualizar o Jesus das *Memórias*, procurando situá-lo na vida da Igreja no início do séc. XX, nos tempos coevos aos acontecimentos de 1917. Nesta linha de pensamento, apresenta-se o Jesus dos documentos do magistério pontifício de S. Pio X e outros contributos doutrinários catequéticos que terão dado a conhecer a figura de Jesus aos videntes, quer por via da catequese paroquial, quer pela do ensino na família. Num segundo plano, estabelece-se um paralelo entre os textos doutrinários e as *Memórias*, salientando a proximidade cristológica existente entre a perspectiva eclesial e o escrito de Lúcia.

No segundo capítulo pretende-se percorrer a diversas tipologias dos nomes de Jesus presentes no texto das *Memórias*, situá-las no seu contexto narrativo, designadamente no contexto das revelações celestes e de variados momentos da vida dos videntes. Deste modo procura-se descobrir, a partir das referências cristológicas, o Cristo das *Memórias* e, de certo modo, a Sua própria representação na Mensagem de Fátima.

No terceiro e último capítulo, apresenta-se uma síntese teológica em torno de cinco dimensões de maior relevo cristológico. A partir da dimensão soteriológica, a mais expressiva deste estudo, optou-se por algumas referências cristológicas (‘Senhor’, ‘Nosso Senhor’ e ‘Jesus’) mais significativas a nível teológico, e cujos nomes permitem traçar um esboço da figura de Cristo nas *Memórias*. Deste modo, a abordagem teológica dos nomes cristológicos permite cruzar a divindade e a humanidade de Cristo subjacente neste escrito de Lúcia.

¹⁰ Por este motivo as citações contêm erros ortográficos próprios da autora.

Como nota final à introdução do presente trabalho, resta apenas expor ao leitor dois aspetos metodológicos. O primeiro, prende-se com os nomes de Jesus ('Cristo', 'Nosso Deus Salvador' 'Senhor Jesus ressuscitado') não referenciados, por se considerarem irrelevantes para este estudo e serem a forma corrente de se referir à segunda pessoa da Santíssima Trindade, não tendo um significado cristológico relevante para este trabalho. O segundo, tem a ver com as duas formas de citação das *Memórias* utilizadas em nota de rodapé. A primeira forma de citação, segundo a edição crítica das *Memórias* encontra-se no primeiro e terceiro capítulos: 1) o n.º da *Memória*; 2) o n.º da folha conforme o indicado na margem do texto; 3) o n.º de página. A segunda forma de citação encontra-se no segundo capítulo, onde se remete para o "Anexo" final, indicando apenas a numeração do parágrafo.

Capítulo I: Enquadramento da Doutrina e Devoções Cristocêntricas das *Memórias*

Em ordem a compreender a base cristológica das *Memórias*, considerou-se relevante tentar compreender qual o conhecimento cristológico dos videntes de modo a perceber como este os influenciou através da catequese que tiveram antes das Aparições. Para tal, procura-se neste capítulo tentar compor esse enquadramento cristológico a partir de uma análise em dois registos. Em primeiro lugar, mediante o estudo de documentos marcantes da espiritualidade e formação católica do tempo, nos quais interessará relevar os elementos de índole cristológica; em segundo lugar, procurar-se-á caracterizar o modo como os videntes se terão deparado com a experiência cristã na sua formação e como esta ajudou a configurar o lugar de Jesus Cristo nas suas consciências e espiritualidade cristã.

O primeiro momento visa traçar o imaginário cristológico dos videntes através da análise dos seguintes documentos doutrinários: o *Catecismo da Doutrina Cristã de S. Pio X*, a *Cartilha da Doutrina Cristã* e a *Missão Abreviada*. A escolha destes textos assenta num duplo motivo: o primeiro, por serem considerados os mais relevantes para a época; o segundo, por estarem explícita ou implicitamente referidos nas *Memórias*¹¹ e na *Documentação Crítica de Fátima*¹². O estudo destes documentos tem por objetivo analisar a doutrina ensinada na catequese da infância no começo do séc. XX que, decerto modo, terá ajudado a definir a figura de Cristo patente nas *Memórias*. Apesar da novidade dos documentos, eles são significativos para perceber as ressonâncias da terminologia em uso, à época dos mesmos, no escrito de Lúcia.

Na segunda parte do capítulo, apresenta-se uma caracterização das devoções cristocêntricas narradas nas *Memórias*, que marcaram a piedade popular na paróquia de

¹¹ “Nas horas da sesta, minha mãe dava a seus filhos a sua lição de doutrina, principalmente quando se aproximava a quaresma, porque – dizia – não quero ficar envergonhada, quando o Senhor Prior vos perguntar a doutrina, na desobriga. Então todas aquelas crianças assistiam à nossa lição de catecismo; a Jacinta lá estava também”. Cit. 1ª, fl. 6, pág. 119.

¹² Cf. *Documentação Crítica de Fátima - I – Interrogatórios aos videntes- 1917*, Fátima, Santuário de Fátima, 1992, doc. 11, notas 79 e 80 e ‘Quinta Memória’ p. 35 e 36.

Fátima. Com esta abordagem procura-se contextualizar as devoções referidas a Jesus Cristo e relacionadas com a vivência dos videntes de Fátima.

Este capítulo estrutura-se, portanto, em duas partes, sendo a primeira dedicada à Doutrina da Igreja e a sua incorporação na vida espiritual dos fiéis, e a segunda dedicada ao modo como essa doutrina era vivida em Fátima. Note-se que, neste estudo, o foco incide sobretudo na cristologia e, de um modo particular neste capítulo, nas devoções que gravitam em torno da pessoa de Jesus. Em primeira instância, faz-se a análise doutrinal, partindo do *Catecismo da Doutrina Cristã de S. Pio X*, dado o facto de este ser o documento do Magistério Pontifício que transformou o ensino catequético em toda a Igreja Católica, tendo sido particularmente marcante à época. Em seguida, trata-se a *Cartilha da Doutrina Cristã* e, por fim, a *Missão Abreviada*. A apresentação dos textos enunciados anteriormente segue a ordem crescente de menções nas fontes para os estudos relativos a Fátima (*Memórias e Documentação Crítica de Fátima*), pressupondo serem a fonte doutrinal mais próxima do ensino catequético que os videntes receberam. A segunda parte do capítulo apresenta, em perspectiva histórica, uma abordagem da qual se pode depreender como foi transmitida aos videntes a vida espiritual que estava já presente no seio familiar.

1.1. Os documentos doutriniais do início do séc. XX

Os três documentos representativos da doutrina e catequese católicas no início do séc. XX são apresentados seguindo uma mesma estrutura. Inicia-se com um breve enquadramento histórico e a pertinência do seu estudo; segue-se a apresentação da estrutura do documento em análise, realçando alguns aspetos cristológicos de maior relevo (temáticas ou nomenclaturas); por fim, procura-se relacionar os elementos cristológicos dos escritos doutriniais com os presentes nas *Memórias*.

1.1.1. Catecismo da Doutrina Cristã

No início do séc. XX, o Papa Pio X publica um *Catecismo da Doutrina Cristã*, documento que vem responder aos apelos do mesmo Pontífice na sua encíclica *Acerbo Nimis* (1905) sobre o ensino da doutrina cristã. Trata-se de um compêndio do *Catecismo Maior de S. Pio X* (1908), que teve como objetivo instruir as crianças na doutrina da Igreja. Naquela época, a Igreja acreditava que vários males provinham da ignorância do povo cristão relativamente à doutrina cristã. Este catecismo era ensinado às crianças ao longo de três anos, depois de fazerem a primeira comunhão, como preparação para a comunhão solene¹³. Este escrito do Magistério Pontifício reveste-se de grande importância para compreender a figura de Jesus que se apresentava nos catecismos que serviram para o ensino da doutrina cristã aos videntes de Fátima e, de alguma forma, patente nas *Memórias*.

1.1.1.1 Síntese do Catecismo

O *Catecismo da Doutrina Cristã* de S. Pio X está estruturado em três partes fundamentais: a primeira versa sobre as principais verdades da fé cristã – dedicada ao Credo; a segunda, sobre os Mandamentos da Lei de Deus, os Mandamentos da Santa Madre Igreja e as Virtudes Cristãs; por último, sobre os Sacramentos. Previamente a esta estrutura, o catecismo inicia-se com dois apontamentos introdutórios à fé. O primeiro, apresenta as primeiras orações e fórmulas eclesiais (nomeadamente o Credo, o Pai nosso, o Glória e a Avé Maria, entre outras). Este mesmo *item* é, ainda, constituído por enunciados doutrinários, tais como os Mandamentos da Lei de Deus, da Santa Igreja e outros elementos doutrinários, com frases curtas para serem mais facilmente memorizadas. O segundo apontamento, propõe as primeiras noções básicas da fé cristã sobre Deus, a Criação, os fins últimos do homem, a Santíssima Trindade e Jesus Cristo, o Filho de Deus.

A primeira parte do catecismo tem por título “Credo ou Principais Verdades da Fé” e contém a porção do documento na qual a questão cristológica é mais desenvolvida. Ao

¹³ Cf. «Carta de S. S. Pio X ao seu Vigário Geral», in PIO X (S.), *Catecismo da Doutrina Cristã*, de S. Pio X, Trad. Manuel da Conceição Santos, Ed. “União Gráfica”, Lisboa 1938., págs.5-8.

todo, esta primeira parte subdivide-se em oito subcapítulos: 1) os Mistérios principais – Sinal da Cruz; 2) a Unidade e Trindade de Deus; 3) a Criação do Mundo – Origem e queda do homem; 4) a Encarnação, Paixão e Morte do Filho de Deus; 5) a Vinda de Jesus Cristo no fim do mundo; 6) Igreja Católica – Comunhão dos Santos; 7) a Remissão dos pecados; 8) Ressurreição da carne – Vida eterna. Quanto às referências cristológicas, na primeira metade do documento apenas são apresentadas duas. A primeira, que corresponde à designação mais recorrente em todo o documento, é a de ‘Jesus Cristo’. A segunda, é a de ‘Filho de Deus’, que surge apenas no capítulo referente à Encarnação de Cristo.

A segunda parte do catecismo aborda as questões da moral cristã e encontra-se estruturada em três subcapítulos: 1) os Mandamentos da Lei de Deus; 2) os Mandamentos da Santa Igreja; 3) as Virtudes cristãs em geral. Neste ponto, os elementos cristológicos encontram-se mencionados na introdução aos Mandamentos da Lei de Deus, usando a única denominação ‘Jesus Cristo’. Os princípios éticos, presentes no documento, são baseados na doutrina de Cristo pela qual é reconhecida a autoridade da Igreja. Assim, a figura de Cristo expressa-se como fundamento da doutrina da Igreja em termos de prescrições normativas sobre os sacramentos, as penitências, as virtudes teológicas e virtudes morais, também denominadas bem-aventuranças¹⁴.

Por fim, a terceira parte versa sobre os Sacramentos como meios da Graça. Esta parte do documento subdivide-se em duas secções. A primeira secção organiza-se em oito capítulos, sendo o primeiro dedicado aos sacramentos em geral e os restantes acerca de cada um dos sete sacramentos. A segunda secção, é constituída por um capítulo sobre a oração e, no final, orações de súplica a Deus, à Virgem Maria, à Sagrada Família e outras diversas. Esta última parte do documento é composta por variados elementos cristológicos: ‘Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo’¹⁵; ‘Coração sacratíssimo de Jesus’¹⁶; ‘Nosso Redentor Jesus Cristo, Filho de Deus’¹⁷. Estes nomes de Jesus surgem nos capítulos sobre os sacramentos da Penitência e da Eucaristia, que remetem para reflexões semelhantes às das *Memórias*. Por outro lado, estas referências cristológicas encontram-se ligadas a temáticas de cariz eucarístico e da Paixão de Cristo, relacionadas

¹⁴ Cf. S. Pio X, *Catecismo da Doutrina Cristã*, nº 161-265, págs.48-71.

¹⁵ Cf. S. Pio X, *Catecismo da Doutrina Cristã*, nº 316, pág. 81.

¹⁶ Cf. S. Pio X, *Catecismo da Doutrina Cristã*, nº425, pág. 103.

¹⁷ Cf. S. Pio X, *Catecismo da Doutrina Cristã*, nº363, pág.90.

com as angelofanias e as mariofanias, dois dos acontecimentos mais significativos da Mensagem de Fátima.

1.1.1.2. Elementos cristológicos: o Catecismo a as Memórias

Procurando relacionar os elementos cristológicos doutrinários existentes no *Catecismo da Doutrina Cristã* de S. Pio X com as manifestações angélicas e marianas em Fátima, verifica-se alguma proximidade nas suas temáticas e em algumas das diversas referências cristológicas presentes.

No que concerne ao sacramento da Eucaristia, o Catecismo refere-se à presença real do “Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo”¹⁸. Esta designação pode-se encontrar nas *Memórias*, na oração de adoração eucarística da terceira Aparição do Anjo: “Santíssima Trindade; Padre Filho Espírito Santo, ofereço-vos o preciosíssimo Corpo Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra”¹⁹. Esta afirmação acerca da presença eucarística nos sacrários é, igualmente, referida no texto de S. Pio X, com a explicitação da sua tríplice finalidade: a adoração dos fiéis, a comunhão e a sua permanência nas igrejas²⁰.

Relativamente ao sacramento da Penitência existem algumas aproximações, no *Catecismo da Doutrina Cristã*, ao apelo da Virgem Maria: “é preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados: e tomando um aspecto mais triste: Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido”²¹. Esta exortação da Virgem Maria liga-se diretamente ao significado de contrição apresentado pelo referido catecismo: “A dor perfeita ou contrição é o desgosto dos pecados cometidos, porque são ofensas de Deus

¹⁸ Cf. S. Pio X, *Catecismo da Doutrina Cristã*, 316, pág. 81.

¹⁹ Cit. 2ª, fl. 1 0v, pág. 153.

²⁰ Cf. S. Pio X, *Catecismo da Doutrina Cristã*, nº334, pág.84.

²¹ Cf. 4ª, fl. 81, pág.235.

nosso Pai, infinitamente bom e amável, e causa da Paixão e Morte do Nosso Redentor Jesus Cristo, Filho de Deus”²².

Esta atitude pode ser verificada nas *Memórias*, mais concretamente no que se refere a Jacinta quando, ao ver a Jesus crucificado e ao ouvir a história da Paixão, se compadece e se determina a não pecar para não O fazer sofrer²³. Por outro lado, no que se refere à definição de dor ou arrependimento dada no catecismo, ela tem também expressão em Francisco: “Se calhar, é por causa destes pecados que eu fiz que Nosso Senhor está tão triste! Mas eu, ainda que não morresse nunca mais os tornava a fazer. Agora estou arrependido”²⁴.

Portanto, a doutrina do início do séc. XX contém todas as expressões de cariz penitencial de contrição, arrependimento e de propósito firme de não voltar a pecar patente na vida e testemunho dos videntes. Este documento expõe as normas da Igreja sobre as obras de penitência e de piedade como complemento da penitência sacramental²⁵, sendo neste sentido espiritual que surgem os jejuns, as mortificações e as obras de misericórdia espirituais e corporais²⁶. Note-se que esta doutrina está amplamente retratada nas *Memórias*, com assinalável relevância, nos apelos marianos ao sacrifício, concretamente, em toda a ação reparadora operada pelos videntes.

Por fim, este Catecismo dedica ainda um capítulo à oração, que tem como referência cristológica o ‘Coração de Jesus’, uma designação de suma importância para salientar a unidade existente entre a doutrina da Igreja e a Mensagem de Fátima. O Catecismo refere, inclusivamente, que o ‘Coração de Jesus’ é o lugar donde brota a oração do Pai Nosso²⁷. Na verdade, o sentido da referência ao ‘Coração de Jesus’ une-se, deste modo, ao da mensagem angélica da primeira Aparição: “Orai assim, os Corações de Jesus e

²² Cit. S. Pio X, *Catecismo da Doutrina Cristã*, nº363, pág.90.

²³ Cf. 1ª, fl. 9, pág.121.

²⁴ Cit. 4ª, fl. 48, págs. 220-221.

²⁵ Cit. S. Pio X, *Catecismo da Doutrina Cristã*, nº382, pág.93: “A satisfação ou penitência sacramental é a obra boa imposta pelo confessor para castigo e correção do pecador e em desconto da pena temporal merecida pelo pecado”.

²⁶ Cf. S. Pio X, *Catecismo da Doutrina Cristã*, nº364-385, págs.90-94.

²⁷ Cf. S. Pio X, *Catecismo da Doutrina Cristã*, nº425, pág. 103.

Maria estão atentos á vós das vossas suplicas”²⁸. Deste modo, ao fazer a releitura da revelação do Anjo aos videntes, entende-se a centralidade cristológica da oração, que se verifica tanto no magistério da Igreja que instruiu os pastorinhos e as crianças do seu tempo, como na mensagem angélica.

1.1.2. A Cartilha da Doutrina Cristã

Entre os séculos XVIII-XIX, a Igreja em Portugal viveu momentos de grande adversidade pela rejeição da fé, ligada à ideologia da secularização e laicização da sociedade, operada pelo Pombalismo, o Liberalismo e o Republicanismo²⁹. Neste contexto, a *Cartilha* surge como um livro de combate, procurando esclarecer e afirmar a doutrina cristã, contra os princípios e os propósitos de destruição da crença e da vivência religiosa³⁰. Este livro foi composto em 1896, pelo Abade de Salamonde, António José de Mesquita Pimentel, em Vieira do Minho e com o intuito de ensinar a doutrina e orações às crianças. Esta obra aparece referenciada na 6ª memória, na qual Lúcia relata que sua mãe ensinava a doutrina da cartilha à família e aos jovens do lugar³¹. Assim sendo, este documento é uma fonte doutrinal imprescindível para se identificarem alguns reflexos da figura cristológica e da espiritualidade dos videntes, presentes no texto das *Memórias*.

²⁸ Cf. 2ª, fl. 9v, pág. 152.

²⁹ Cf. A. J. M. PIMENTEL, *Cartilha da Doutrina Cristã*, Texto e Contexto da Cartilha, ed. Facsimile, Ed. Salamonde, Vieira do Minho 2005 pág. XX.

³⁰ Cf. A. J. M. PIMENTEL, *Cartilha da Doutrina Cristã*, Texto e Contexto da Cartilha, pág. XX.

³¹“Durante a Quaresma, depois da ceia, com toda a família, e por vezes com jovens que vinham para nossa casa – e por serem de longe aí pernoitavam –, ela dava a todos a sua lição de catecismo, dizendo: “É melhor agora irmos a ver se nos lembramos da doutrina, para não ficarmos envergonhados quando formos à desobriga a cumprir o preceito pascal”. E começava pelos Mandamentos da Lei de Deus. E prosseguia, repetindo, a seguir aos Mandamentos da Lei de Deus, os da Santa Igreja, virtudes teologais, obras de misericórdia, etc., tais como então vinham na cartilha e se ensinavam”. Cit. 6ª, fl.76, pág.286.

1.1.2.1. Síntese da Cartilha

A *Cartilha da Doutrina Cristã* está organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata as questões da Cristologia e da Teologia dividido em quatro partes: 1) dedicada à cristologia e ao Mistério de Cristo; 2) dedicada à Teologia, ao Mistério de Deus; 3) dedicada ao Mistério da Santíssima Trindade; 4) dedicada ao Mistério de Maria Santíssima e dos Santos. No que diz respeito à cristologia, ela refere-se ao Mistério da divindade, humanidade e ao entendimento da pessoa de Jesus no Mistério trinitário.

O segundo capítulo, também de caráter doutrinário, é intitulado “Catálogo das orações”. Nele se inclui as orações da iniciação cristã (Credo, Pai nosso, Avé Maria, outras orações marianas e de cariz penitencial), enunciação de princípios doutrinários (os artigos de fé), os códigos de conduta cristã (os Mandamentos da Lei de Deus, os Mandamentos da Santa Igreja, as obras de Misericórdia) e a enunciação e explicação do septenário sacramental. O terceiro capítulo comporta uma explicação detalhada do conteúdo do segundo, no que se refere aos códigos de conduta eclesial e com a respetiva fundamentação doutrinária.

Por último, o quarto capítulo tem como título o “Modo de ajudar à Missa”. Segundo a exortação do Abade de Salomonde, o mistério da celebração eucarística ocupa um lugar central nesta cartilha: “A devoção das devoções é ouvir a missa; mas para ouvi-la deve-se acompanhar o sacerdote, considerando na Paixão e morte de Jesus Cristo que é a única consolação nos trabalhos desta vida”³². Esta inquietação do autor repercute-se na *Cartilha* ao fazer dela um guia para a participação dos fiéis na missa, em que se identifica cada gesto ritual da missa com cada passo da Paixão de Cristo, bem como com as respetivas orações que acompanham cada momento da missa.

Ao analisar a *Cartilha*, verifica-se que os elementos cristológicos do primeiro capítulo se encontram relacionados com os artigos de fé, nomeadamente, com os que se referem imediatamente a Cristo e à Santíssima Trindade. O terceiro capítulo, porém, possui elementos cristológicos nas explicações das orações, das quais se realçam aquelas relativas à oração do Credo e do Pai Nosso. Ambas as explicações têm uma particular relevância por

³² Cit. A. J. M. PIMENTEL, *Cartilha da Doutrina Cristã*, pág. 97.

fornecerem algumas definições de referências cristológicas que se podem reencontrar nas *Memórias* de Lúcia. Com relação ao Pai-nosso, há apenas a expressão: ‘Deus Nosso Senhor’. Acerca do Credo, referem-se os nomes: ‘Jesus Cristo’, ‘Nosso Senhor’ e ‘Senhor’. Por último, no quarto capítulo a *Cartilha da Doutrina Cristã* tem um acervo de enunciados, orações e devoções marcadamente cristológicos, designadamente, sobre os dotes do Corpo glorioso, os Conselhos de Cristo, a oração diante de um crucifixo, os cânticos ao Menino Deus, a oração quando se vê uma imagem de Jesus, os versos à sagrada Paixão do Divino Redentor, a Via-Sacra e a visitação dos Passos da sagrada Paixão.

Por fim, deve-se salientar que a *Cartilha* do Abade de Salamonde se centra nos mistérios da encarnação, paixão, morte e ressurreição de Cristo. A estes mistérios estão ligados um número significativo de exercícios de piedade e de devoções que refletem, maioritariamente, na meditação dos mistérios da paixão de Cristo, tema retratado intensamente na Mensagem de Fátima. Do mesmo modo, se destacam as referências cristológicas ‘Deus Nosso Senhor’ e ‘Nosso Senhor’ presentes nas orações do Pai Nosso e do Credo. Estas designações serão alvo de um estudo mais aprofundado, pela sua ligação aos discursos da Virgem Maria na Aparição de outubro e por serem as expressões de alcance cristológico com maior relevância nas *Memórias*.

1.1.2.2. Elementos cristológicos: a Cartilha e as Memórias

Convirá, ainda, notar como alguns elementos cristológicos da *Cartilha* ensinados aos videntes poderão mostrar-se refletidos na espiritualidade dos videntes narrada nas *Memórias*. Os elementos que se distinguem concentram-se em torno do nome ‘Nosso Senhor’, bem como de algumas orações e devoções já anteriormente destacadas.

No que diz respeito à explicação acercado dogma da encarnação, liga-se a referência ‘Nosso Senhor’ à pessoa de Jesus: “Que Jesus Cristo, Nosso Senhor, nasceu do puríssimo ventre da Virgem Maria”³³. Esta referência da *Cartilha*, aqui propriamente cristológica, esclarece o significado da mesma expressão nas *Memórias*. Apenas uma das referências se

³³ Cit. A. J. M. PIMENTEL., *Cartilha da Doutrina Cristã*, pág.57.

refere explicitamente a Jesus no sacramento eucarístico, que Francisco visitava frequentemente na igreja paroquial de Fátima, em vez de ir à escola. Aquando do seu regresso a casa, Lúcia, falando com o seu primo, usa essa expressão: “pediste aquela graça a Nosso Senhor”³⁴.

Todavia, a *Cartilha* dá um significado cristológico à referência em estudo: “Que quer dizer: Nosso Senhor? Que nos remiu com o seu precioso sangue, e nos há de vir a julgar no dia do juízo”³⁵. Este significado remete para dois conteúdos que perpassam todo o escrito de Lúcia: a redenção, pela paixão e morte de Cristo; e, o juízo final, retratado no céu e no inferno.

No que refere ao conceito de redenção, pode-se aferir o seu paralelismo com a mesma referência cristológica da *Cartilha*, ‘Nosso Senhor’, no texto de Lúcia. Este ato teológico-salvífico aparece relacionado com o apelo da Virgem Maria à conversão na vivência espiritual dos videntes. Estes, por meio da oração e do sacrifício, dever-se-iam unir ao amor de Cristo, em favor da conversão dos pecadores.

No que concerne ao modo como o juízo final é tratado na *Cartilha*, este encontra abordagem semelhante nas *Memórias*. Nele o céu revela-se como promessa da Virgem Maria anunciada aos videntes desde a Aparição de maio. Esta esperança do Céu está muito presente em Francisco: “Eu vou para o Céu; mas lá vou pedir muito a Nosso Senhor e a Nossa Senhora que vos levem também para lá depressa”³⁶. Esta referência a ‘Nosso Senhor’ liga-se ao lugar da presença de Jesus, a Quem, na sua doença, oferece as suas dores³⁷.

Quanto à visão do inferno – revelado na Aparição de julho – esta surge várias vezes associada à referência ‘Nosso Senhor’ e ligada a Jacinta, que foi a vidente a quem mais impressionou esta revelação. Pode-se ver uma afirmação da vidente que mostra o inferno como o centro das suas preocupações: “E se a gente resar muito por os pecadores, Nosso Senhor livra-os de lá? E com os sacrifícios também? Coitadinhos havemos de resar e fazer

³⁴ Cit. 4ª, fl. 42, pág. 218.

³⁵ Cit. A. J. M. PIMENTEL, *Cartilha da Doutrina Cristã*, pág.57.

³⁶ Cit. 4ª, fl. 49, pág. 221.

³⁷ “Sofro para consular a Nosso Senhor e depois d’aqui a pouco vou para o Céu”! Cit. 4ª, fl. 46, pág. 220.

muitos sacrifícios por eles”³⁸. Estas interrogações mostram aquelas que foram as primeiras intuições da vidente sobre o poder de Jesus Cristo em salvar as almas do inferno, através das suas várias ações em reparação ao Deus ofendido.

Por fim, a *Cartilha da Doutrina Cristã* apresenta algumas orações e devoções da paixão de Cristo: a oração diante de um crucifixo, a oração quando se vê uma imagem de Jesus, os versos à sagrada paixão do Divino Redentor, a Via-Sacra e a visitação dos passos da sagrada Paixão. Estas orações e devoções versam sobre a devoção ao Cristo sofredor e contêm orações com afirmações de verdadeira contrição, como por exemplo, a oração para se recitar diante de um crucifixo: “ó meu bom e dulcíssimo Jesus, ... vos peço e rogo...que imprimais no meu coração o firmíssimo propósito de não tornar mais a ofender-vos”³⁹. Esta devoção a Cristo crucificado está presente nas *Memórias*, de forma peculiar em Jacinta pelo gesto de devoção ao crucifixo⁴⁰e pela afirmação de contrição, uma vez que, como o seu irmão Francisco, tinha o propósito de não pecar para não ofender a ‘Nosso Senhor’⁴¹.

1.1.3. A Missão abreviada

O livro *Missão Abreviada*, é uma obra de matiz doutrinal, elaborada pelo Pe. Manuel José Gonçalves Couto, no ano de 1868⁴². Este livro surge como reação às perseguições levadas a cabo pelos regimes liberais ao catolicismo e à constatação de uma sociedade incrédula e influenciada pelo protestantismo. Na nota introdutória aos leitores, o autor recomenda expressamente a leitura deste livro por ter testemunhado um número incontável de pecadores convertidos. O seu objetivo era difundir um espírito de oração, levar os fiéis a participar nos sacramentos e a santificar os dias santos.

³⁸ Cit. 1ª, fl. 17, pág. 126.

³⁹ Cit. A. J. M. PIMENTEL, *Cartilha da Doutrina Cristã*, pág.135.

⁴⁰“Beijou e abraçou-o com tanta devoção, que nunca mais me esqueceu aquela / ação; depois olha com atenção para Nosso Senhor e pergunta; porque está Nosso Senhor assim pregado n’uma cruz? Porque morreu por nós. Conta-me como foi”? Cit. 1ª, fls. 7-8, pág. 120.

⁴¹ Cf. 1ª, fl. 9, pág. 121, 4ª, fl. 13, pág. 204.

⁴² Sobre a *Missão Abreviada* ver: Documentação Crítica de Fátima - I – Interrogatórios aos videntes-1917 (DCF-I), Fátima, Santuário de Fátima, 1992, doc. 11, notas 79 e 80 e ‘Quinta Memória’ p. 35 e 36.

A análise da *Missão Abreviada* reveste-se de particular importância para este estudo, por ser uma fonte doutrinal que Lúcia recebeu da sua mãe durante a infância⁴³ e por ser, concomitantemente, um texto com temáticas e referências da piedade popular que se relacionam com as *Memórias*.

1.1.3.1 Síntese da *Missão Abreviada*

A *Missão Abreviada* é constituída por quatro partes. A primeira parte é introduzida por uma advertência do autor para que em cada lugar haja um missionário, seja sacerdote ou, na falta deste, um homem ou mulher de vida exemplar, para rezar, fazer exercícios de piedade com o povo e preparar-se para a oração mental. É ainda composto por 25 meditações de várias matérias de cariz existencial, escatológico e, da 19.^a meditação à 25.^a, de cariz cristológico, versando sobre o Santíssimo Sacramento, a Paixão de Cristo e a Glória do Reino dos Céus.

A segunda parte do livro é constituída por 55 instruções retiradas dos Evangelhos, pelo que são de cariz cristocêntrico. Estas sentenças são seguidas de exortações de índole moral que, dirigindo-se ao pecador, denunciam o pecado, os vícios e as suas consequências no juízo final, ou seja, a condenação do inferno. Estas instruções baseiam-se na figura Cristo sofredor como remédio para a conversão do pecador, tratando de outras questões espirituais: o combate espiritual, as virtudes morais, a oração, a confissão dos pecados, a santificação dos dias santos e entre outras instruções, a denúncia do mau exemplo dos pais de família.

A terceira parte divide-se em dois grupos de instruções. O primeiro é composto por 55 instruções ou reflexões extraídas da paixão de Cristo que realçam a importância de sofrer e padecer com Cristo para alcançar a conversão; o segundo junta 44 instruções denominadas de “assuntos de maior importância”, como por exemplo, a qualidade moral da confissão, sobre os matrimónios mal celebrados, sobre costumes considerados imorais (o luxo, os bailes e danças, os divertimentos do entrudo), sobre pecados graves como a

⁴³ Cf. DCF- *Seleção de Documentos*, doc.11, Interrogatório do Dr. Formigão à Maria Rosa, questão nº7, págs.64/65.

luxúria, a usura. Este ponto versa ainda sobre o amor de Deus, as virtudes morais, sobre a Missa, o respeito dos filhos e termina com a devoção à Santíssima Virgem.

A quarta parte é constituída por histórias de vida de santos, orações de visita ao Santíssimo Sacramento, visita à Virgem Maria, o modo de ouvir a Missa e um variado conjunto de orações (orações para antes e depois da confissão, pela Igreja, pela extirpação das heresias, pela paz, pelo Papa, a estação do Santíssimo Sacramento, entre outras).

Esta obra do Pe. Manuel Couto oferece um compêndio doutrinal de cariz cristocêntrico, cuja figura de Cristo se identifica com o Jesus crucificado e sofredor, tal como se reflete nas *Memórias*. Daí que seja importante analisar a proximidade temática da conversão e da penitência destes dois textos.

1.1.3.2 Elementos cristológicos: a *Missão Abreviada* e as *Memórias*

A confrontação da *Missão Abreviada* com alguns trechos das *Memórias*, relacionando a cristologia semântica entre os dois textos, pode começar pelas advertências do pregador para a conversão dos pecadores. Pela sua preponderância em toda a obra, torna-se indispensável fazer o estudo desta problemática. Esta é uma matéria transversal às *Memórias*, aparecendo de modo explícito nomeadamente na exortação do Anjo aos videntes na sua segunda Aparição, no apelo da Virgem Maria na Aparição de outubro, na doença dos videntes Francisco e Jacinta e na afirmação da dupla possibilidade para o destino último do homem, o céu e o inferno.

No que diz respeito às problemáticas da conversão e da penitência, elas surgem na *Missão Abreviada* em duas meditações, cujos títulos são bem elucidativos sobre a relevância da temática da conversão. A primeira meditação intitula-se: “Motivos para a conversão do pecador”⁴⁴. Esta meditação começa por tecer críticas à vida mundana do homem e a sua indiferença a Deus, bem como, do alheamento à prática dominical contra as quais o pregador exorta: “Cuidado pois, e vigiar; para sermos um sinal de predestinação ou salvação, é necessário termos uma vida bem emendada, fervorosa e mortificada por Deus; é

⁴⁴ Cit. M. J. G. COUTO, *Missão Abreviada*, pág.714.

este o caminho estreito que conduz à vida eterna”⁴⁵. Esta exortação sintoniza-se com o convite à conversão feito pela Virgem Maria aos videntes, recomendando o mesmo propósito de emenda e penitência para não ofender mais a Deus e alcançarem as graças pedidas pelos doentes e pelos pecadores na Cova da Iria⁴⁶.

A segunda meditação denomina-se: “Sem penitência não se salvam os pecadores”⁴⁷. Esta reflexão apela à necessidade do oferecimento voluntário dos sofrimentos para a salvação das almas: “é necessário sofrer e padecer de boa vontade, e até com gosto, outras penitências que Deus manda, como são trabalhos e incómodos, dôres e enfermidades e tudo aquilo que mortifica o nosso corpo, para assim purificarmos a nossa alma”⁴⁸.

Por conseguinte, como a expõe a afirmação da *Missão Abreviada*, verifica-se, na Mensagem de Fátima, a mesma menção da oblatividade sacrificial. Na segunda Aparição do Anjo, é explícita a exortação aos videntes à prática de sacrifícios oferecidos em reparação pela conversão dos pecadores e a aceitação dos sofrimentos enviados por Deus⁴⁹. Lúcia, na interpretação que faz do discurso angélico, fornece uma definição mais alargada de sacrifício: “Estas palavras do Anjo, gravaram-se em nosso espírito, como uma luz que nos fazia compreender quem era Deus, como nos amava e queria ser amado, o valor do sacrifício e como êle Lhe era agradável, como por atenção a êle convertia os pecadores”⁵⁰. Assim, a noção de sacrifício entende-se como uma resposta do homem ao amor a Deus. O reflexo do amor divino no homem é a conversão dos pecadores à santidade de vida, pelo que o sacrifício é o meio para alcançar esta santidade de vida.

Outra meditação no âmbito da conversão tem o título: “Sobre o zelo de salvar as almas”⁵¹. Nesta reflexão o pregador concentra-se na figura dos zeladores das almas: “Não há no mundo ocupação de maior merecimento, nem mais agradável a Deus, do que a converter almas para o mesmo Deus. Mais se merece em converter uma só alma para Deus,

⁴⁵ Cit. M. J. G. COUTO, *Missão Abreviada*, pág.165.

⁴⁶ “É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados: e tomando um aspecto mais triste: Não ofendão mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido”. Cit. 4ª, fl. 81, pág.235.

⁴⁷ Cit. M. J. G. COUTO, *Missão Abreviada*, pág. 715.

⁴⁸ Cit. M. J. G. COUTO, *Missão Abreviada*, págs. 208/209.

⁴⁹ “De tudo que poderdes, ofereci um sacrificio em acto de reparação pelos pecados com que Êle é ofendido e de suplica pela conversão dos pecadores...Sôbretudo aceitai e suportai com submissão o sufrimento que o Senhor vos enviar”. Cit. 4ª, fl.61, pág. 227.

⁵⁰ Cit. 4ª, fl.61, pág.227.

⁵¹ Cit. M. J. G. COUTO, *Missão Abreviada*, pág. 715.

do que a dar esmola aos pobres do mundo inteiro, se fora possível”⁵². Esta nobre missão aparece nas *Memórias* retratando o desiderato dos videntes Francisco e Jacinta Marto em sofrer pela conversão dos pecadores. Uma das expressões de Jacinta durante a sua doença reflete o seu zelo pelas almas: “gosto tanto de sofrer por seu amor! para dar-lhes gosto! Eles gostam muito de quem sofre para converter os pecadores”⁵³. Esta afirmação da vidente espelha o entendimento doutrinário da *Missão Abreviada*, quer na consciência dos seus atos pela conversão das almas, quer na satisfação dada a Deus pelos mesmos. Estes mesmos sentimentos podem-se divisar também no seu irmão Francisco, sendo que, no entanto, a prioridade deste encontra-se em ser agradável a Deus para O consolar e, posteriormente, oferecer sacrifícios pela conversão dos pecadores⁵⁴. Estes zeladores de almas viveram em sintonia plena com a doutrina deste livro, tanto na doença como nos sacrifícios voluntários sofridos em resposta aos apelos celestes do Anjo e da Mãe de Deus.

Outro dado significativo da *Missão Abreviada* é o fim último do homem, pois o livro aborda os dois destinos possíveis a cada um (o do pecador e o dos justos, o inferno e o céu respetivamente). Com efeito, nas *Memórias* pode-se verificar a contemplação do Céu, peculiarmente comentada por Francisco, bem como o horror de Jacinta ao inferno e o seu grande desassossego pelos condenados.

No que diz respeito à instrução sobre o céu, o pregador faz uma reflexão sobre a felicidade dos santos: “Lá nos Céus qualquer bem-aventurado verá face a face a formosura do seu Deus! Será transformado em Deus, será uma mesma coisa com Deus; e entrará desta sorte no gozo eterno”⁵⁵. A afirmação do abade remete para o encantamento de Francisco depois da Aparição de outubro quando, segundo as *Memórias*, mostra a alegria da visão da Luz de Deus e da participação da mesma Luz. Veja-se que a esperança do santo é a mesma apresentada pelo pregador: o gozo da contemplação eterna⁵⁶. Porém, o autor não deixa de

⁵² Cit. M. J. G. COUTO, *Missão Abreviada*, pág. 272.

⁵³ Cit. 1^a, fl. 35, pág. 137.

⁵⁴ “primeiro ofereço para consular a Nosso Senhor, a Nossa Senhora, e depois então é que ofereço por os pecadores”. Cit. 4^a, fls. 34/35, pág. 215.

⁵⁵ Cit. M. J. G. COUTO, *Missão Abreviada*, pág. 213.

⁵⁶ “Gostei muito de vêr Nosso Senhor: mas gostei mais de o vêrn’ aquela luz onde nós estávamos também: Daqui a pouco já Nosso Senhor me leva lá pró pé d’Ele e entam veijo sempre”. Cit. 4^a, fl. 22, pág. 208.

fazer a devida advertência a quem não se esforça por trilhar os caminhos da virtude e persevera no erro, uma vez que, neste caminho, dá passos para a condenação ao inferno.

No que se refere ao inferno, a *Missão Abreviada* apresenta-o do seguinte modo:

“Considera, pecador, que o inferno é um lugar no centro da terra; é uma caverna profundíssima cheia de escuridão, de tristeza e de horror; é uma caverna cheia de lavaredas de fogo e de nuvens de espesso fumo. Lá são atormentados os pecadores na companhia dos demónios; lá estão bramindo como cães danados, proferindo terríveis blasfêmias contra Deus. Lá são atormentados os pecadores com a pena de dano, por terem perdido tantos e tão grandes bens, que puderam alcançar”⁵⁷.

Pode-se notar, em primeiro lugar, uma grande proximidade narrativa com a descrição da visão de Lúcia. Em ambos os casos, apresenta-se como lugar onde são atormentados os pecadores. Na verdade, a visão do inferno impressionou de forma singular Jacinta, sendo a sua maior preocupação os pecadores: “E aquela gente que lá está á arder, não morre? E não se fáz em cinza? E se a gente resar muito por os pecadores, Nosso Senhor livra-os de lá?”⁵⁸ Esta inquietação de Jacinta pelos pecadores, tal como a sua entrega incondicional de sacrifícios pela salvação das almas, são características centrais da vidente, que se identificam, com problemática do fim último do homem apresentado na *Missão Abreviada*. Pode-se, então, depreender que, a partir da catequese baseada neste documento, os videntes já estariam a ser sensibilizados para o conteúdo das revelações que iriam receber.

1.1.4. O surgimento de devoções eclesiais cristocêntricas

No séc. XIX e no início do séc. XX, deu-se uma transformação sociopolítica e religiosa que se manifestou também num movimento de descristianização da vida social. Este movimento deu expressão ao processo de secularização operado pelos regimes políticos. Tal processo dá-se em época coeva aos acontecimentos de Fátima e ele levou a Igreja a reagir através de uma série de iniciativas que contribuíram para a renovação

⁵⁷ Cit. M. J. G. COUTO, *Missão Abreviada*, pág.78.

⁵⁸ Cit. 1ª, fl. 17, pág. 126.

espiritual e pastoral das formas de expressão religiosa. Entre as várias iniciativas inserem-se as expressões devocionais de caráter cristocêntrico, tais como, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e o culto eucarístico, nas suas variadas manifestações culturais⁵⁹.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus tem a sua origem na época medieval. No séc. XVII foi animada pelas revelações a Margarida Maria Alacoque e, no séc. XIX, foi dinamizada por padres jesuítas e pelo Apostolado da Oração. Esta devoção suscitou outras, tais como a do Crucificado e a do Preciosíssimo Sangue de Cristo, esta última de cariz eucarístico, também denominada a devoção a Jesus Sacramentado⁶⁰.

No séc. XIX e no alvor do séc. XX, a devoção ao Coração de Jesus foi aquela que mais se divulgou, por certo também pelo apoio do papado. Em 1856, Pio IX, estendeu a festa do Sagrado Coração de Jesus a toda a Igreja. Em 1870, foi aprovada a ereção do Apostolado da Oração. À beira do séc. XX, Leão XIII, na encíclica *Annum Sacrum* (1899), explica a necessidade e a beleza desta devoção, a fim de, no ano seguinte, consagrar o mundo ao Sagrado Coração de Jesus. O magistério deste pontífice procurou explicitar o sentido da consagração como imagem da caridade infinita de Cristo e vinculá-la às dificuldades da Igreja na relação com a sociedade e os Estados, que se mostravam cada vez mais secularizados⁶¹.

A par da grande devoção ao Sagrado Coração de Jesus, está a devoção do culto eucarístico. Esta piedade evoluiu consideravelmente em várias formas de expressão, nomeadamente as adorações ao Santíssimo Sacramento e as procissões eucarísticas. Esta aproximação, entre o culto ao Coração de Jesus e o culto eucarístico, motivou estas devoções a revestirem-se de cariz penitencial e reparador, pelos males causados à sociedade. Assim, numa época, onde se afirmava a autossuficiência humana, a eucaristia entendia-se como remédio para a debilidade humana, realçando a dependência humana de Cristo e da Igreja. Por isso, o sacramento eucarístico adquire um significado

⁵⁹ Cf. A. ABREU, «Contextualização da Mundividência subjacente aos Acontecimentos de Fátima», in *Francisco Marto: Crescer para o Dom*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2010, págs.76-78.

⁶⁰ Cf. A. ABREU, «Contextualização da Mundividência subjacente aos Acontecimentos de Fátima», in *Francisco Marto: Crescer para o Dom*, pág.78.

⁶¹ Cf. A. ABREU, «Contextualização da Mundividência subjacente aos Acontecimentos de Fátima», in *Francisco Marto: Crescer para o Dom*, pág.79.

proeminentemente reparador das ofensas infligidas a Cristo numa sociedade cada vez mais secularizada⁶².

No dealbar do séc. XX, S. Pio X estimulou a prática sacramental, o que deu um renovado impulso à piedade eucarística. Esses estímulos concretizaram-se na proposta da comunhão frequente (através do decreto *Sacra Tridentina Synodus* de 1905) e na comunhão a partir dos 7 anos de idade (pelo decreto *Quam Singulari* de 1910). Desta forma, a Igreja assumia a Eucaristia como alimento espiritual habitual, superando a mera obrigação do cumprimento da comunhão anual pela Páscoa. Ao culto eucarístico surge também associado o repouso dominical para o cumprimento dos deveres religiosos. No caso português, na segunda metade do século XIX, esta matéria foi alvo de sempre difíceis debates entre a Igreja e Estado. Por isso, somente em 1907 foi publicado um decreto parlamentar sobre o dever do descanso semanal ao domingo⁶³.

Em conclusão, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e o culto eucarístico contribuíram para a renovação espiritual na Igreja, favorecendo a restauração católica e trazendo consigo uma renovação espiritual alicerçada na oração, conversão e reparação. Estas mesmas devoções conheceram um novo impulso pela Mensagem de Fátima, preconizadas tanto pelas suas angelofanias como pelas mariofanias.

1.2. As devoções cristocêntricas de Fátima

Ao estudar as formas de expressão devocional cristocêntrica características da época dos videntes, importa contextualizá-las na conjuntura da recomposição do catolicismo português e, de modo particular, da sua vivência na paróquia de Fátima. De seguida, é apresentado o modo como se assumia a vida devocional e cultural na paróquia de Fátima, as expressões de vivência cristã no âmbito familiar na aldeia de Aljustrel e a leitura de alguns elementos devocionais nas *Memórias*.

⁶² Cf. A. ABREU, «Contextualização da Mundividência subjacente aos Acontecimentos de Fátima», in *Francisco Marto: Crescer para o Dom*, págs. 82-83.

⁶³ Cf. A. ABREU, «Contextualização da Mundividência subjacente aos Acontecimentos de Fátima», in *Francisco Marto: Crescer para o Dom*, págs. 85-89.

1.2.1. A vida espiritual e eclesial na paróquia de Fátima

Na paróquia de Fátima, a piedade popular de cariz cristológico conhece grande impulso por ocasião da visita pastoral do Patriarca de Lisboa, em maio de 1902. Nesta ocasião, D. José Sebastião de Almeida Neto estabeleceu, como devoções paroquiais, o Culto do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria e o culto eucarístico, nomeadamente a prática da comunhão solene das crianças associada ao implemento da catequese⁶⁴.

Nesta época, a solenidade do Coração de Jesus era celebrada na paróquia de Fátima no primeiro domingo de setembro, precedida de um tríduo preparatório. Alguns anos depois, esta festa seria transferida para o primeiro domingo de agosto, juntamente com a festa do Santíssimo Sacramento, organizada pela confraria do Santíssimo Sacramento⁶⁵. Estas festas ganharam de tal modo importância que eram chamadas “as Festas Grandes”⁶⁶. A junção destas solenidades reflete a experiência do século anterior, no qual se uniu o significado espiritual da devoção do Sagrado Coração de Jesus ao culto eucarístico. A vivência cristã do povo de Fátima valorizava a prática dominical, na qual a comunhão pressupunha a confissão e a sociedade organizava-se como Igreja, segundo a imagem do Corpo de Cristo. No panorama eclesial havia também o Apostolado da Oração, que mobilizava a sociedade em torno da oração, a qual se viria a revelar significativa para a Igreja na Primeira República⁶⁷.

Por esta altura, os lares de Aljustrel eram o que hoje se considerariam igrejas domésticas. Neles, as famílias viviam uma vida orante, em que a fé era passada em casa através das gerações. A prática religiosa era comum nas famílias dos videntes, os quais, nas suas práticas quotidianas, eram iniciados na prática da oração pela mãe ou, supletivamente, pelas irmãs mais velhas. Os pais davam a bênção aos filhos antes de saírem de casa e à noite ao deitar; depois da ceia à volta da lareira o pai ou a mãe presidiam às Santíssimas

⁶⁴ Cf. J. M. D. POÇAS DAS NEVES, *A Fátima dos Inícios do Século XX*, pág. 257.

⁶⁵ Cf. J. R. ABRANTES, *Aljustrel. Uma Aldeia de Fátima, O passado e o presente*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 1993, pág. 337.

⁶⁶ Cit. J. R. ABRANTES, *Aljustrel. Uma Aldeia de Fátima, O passado e o presente*, pág. 337.

⁶⁷ Cf. J. R. ABRANTES, *Aljustrel. Uma Aldeia de Fátima, O passado e o presente*, pág. 337.

Graças⁶⁸, às quais se seguiam as invocações dos santos, precedidas da invocação do Santíssimo Sacramento.

Neste contexto de vivência cristã no seio familiar em Aljustrel, pode-se mencionar a existência de alguns elementos de devoção cristológica comuns a todas as casas. As casas tinham uma sala que servia de oratório, a chamada a casa-de-fora. Nesta sala havia um crucifixo fixado na parede e uma mesa onde se tinham algumas imagens de santos, entre as quais uma imagem do Coração de Jesus. A educação cristã dos filhos era dada pela mãe, que lhes ensinava orações, narrava histórias bíblicas e contava os sofrimentos que Jesus teve na sua Paixão⁶⁹. Este tipo de ensino catequético sobre a Sagrada Escritura e a narração da Paixão foi também recebida por Lúcia e seus primos⁷⁰. Assim, a devoção a Jesus crucificado e o sentimento de contrição na sua relação com Ele eram parte da educação cristã recebida pelas crianças da paróquia de Fátima.

A nível paroquial, a educação católica estava sob a responsabilidade do pároco. Este apresentava a doutrina, em cada homilia, na catequese, nos cerimoniais e nos rituais, em vista da construção de condutas sociais e padrões de sociabilidade. O tempo estava ligado ao ano litúrgico, o qual marcava o ciclo da vida individual dos membros da comunidade cristã, evocando a vida de Cristo e as manifestações da sua divindade. Desta forma, o ciclo do batismo, da primeira comunhão, do crisma e do casamento ligavam-se ao calendário litúrgico, construindo uma espécie de ciclo da construção de uma memória do ser em sociedade⁷¹.

⁶⁸ “Muitas Graças e louvores/ Vos sejam dadas, ó meu Deus/ Pelos muitos bens, mercês e esmolas/ Que nos fizeste e tens para fazer”. Cit. J. R. ABRANTES, *Aljustrel. Uma Aldeia de Fátima, O passado e o presente*, pág. 358.

⁶⁹ Cf. J. R. ABRANTES, *Aljustrel. Uma Aldeia de Fátima, O passado e o presente*, págs. 360-362.

⁷⁰ “Minha Mãe costumava ao serão contar contos... vinha minha Mãe, com a história da Paixão... Eu conhecia pois a Paixão de Nosso Senhor como uma história, e como me bastava ouvir as histórias uma vez, para as repetir com todos os seus detalhes; comecei a contar aos meus companheiros, promenorizadamente a história de Nosso Senhor, como eu Ihe chamava”. Cit. 1^a, fl. 8, pág. 120.

⁷¹ Cf. J. M. D. POÇAS DAS NEVES, *Memórias de BOLEIROS – Uma aldeia de Fátima*, e Ed. Boleiros 400 anos – Associação Cultural, Fátima 2007, pág. 47.

1.2.2. Elementos das devoções cristocêntricas nas *Memórias*

A partir das *Memórias*, é possível relacionar a vivência da vida da época em Fátima com a grande devoção dos videntes ao Coração de Jesus e ao culto eucarístico. A primeira expressão devocional das *Memórias* liga-se à terceira Aparição do Anjo. Nesta angelofania, revela-se a devoção ao Coração de Jesus e ao culto eucarístico, que apresentam configuração de unidade e expressão cultural semelhante. Assim, as devoções eucarísticas, tal como a devoção ao Coração de Jesus, identificam-se com o sentido reparador e penitencial vivido pela Igreja⁷². A este propósito deve-se sublinhar a unidade espiritual das duas devoções, dada na parte final do discurso do Anjo nessa mesma Aparição: “Tomai e bebei o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, orrivelmente ultrajado pelos homens ingratos; reparaí os seus crimes e conçulai o vosso Deus”⁷³. Esta expressão denota que o sentido da comunhão eucarística é, concomitantemente, reparador das ofensas a Deus e em prol da conversão dos pecadores.

Há outras referências, feitas por Lúcia a esta devoção popular em Fátima. Tal sucede, nomeadamente, quando ela indica a festa do Coração de Jesus como uma das festas principais da freguesia, ou quando descreve a atitude devocional de Jacinta, durante a sua doença, ao beijar a estampa do Coração de Jesus oferecida por Lúcia, ou ainda quando recorda a sua irmã como zeladora do altar do Coração de Jesus⁷⁴. No que diz respeito aos elementos devocionais do culto eucarístico nas *Memórias*, para além daquela relativa à Aparição do Anjo, eles apresentam três tipos culturais: a festa do Corpo de Deus e a procissão eucarística, a comunhão e a adoração⁷⁵. Destas devoções, nas *Memórias*, surge com maior destaque o amor dos videntes à comunhão eucarística e o trato de familiaridade com Jesus sacramentado diante do sacrário.

⁷²“Deixando o caliz e a Hostia suspenso no ar, prostrou-se em terra e repetiu tres vezes a oração. Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espirito Santo, adoro-vos profundamente e ofereço-vos o preciosissimo Corpo sangue, alma e Devindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrarios da terra, em reparação dos ultrages, sacrilegios e endifrenças com que Êle mesmo é ofendido. E pelos meritos infinitos do seu santissimo Coração, e do Coração Imaculado de Maria, peço-vos a conversão dos / pobres pecadores”. Cit. 4^a, fl. 62, pág. 227.

⁷³ Cit. 2^a, fl.10v, pág. 153.

⁷⁴ Cf. 2^a, fl. 2, pág. 143; 3^a, fl. 5v, pág. 195 e 1^a, fl. 9, pág. 121.

⁷⁵ Cf. 1^a, fl. 10, pág. 122; 3^a, fl. 6, pág. 195; 4^a, fl. 42, pág. 218; 4^a, fl. 49, pág. 221 e 1^a, fl. 33, pág.

O percurso efetuado neste primeiro capítulo pretendeu dar a compreender o contexto eclesial dos videntes de Fátima. Os documentos doutrinários ajudam a compreender a centralidade então reconhecida à figura de Jesus crucificado e a reconhecer um discurso eclesial particularmente insistente nos temas da reparação e da conversão, esta, em especial, dos pecadores. Por outro lado, as devoções cristocêntricas permitem verificar as influências por elas exercidas na religiosidade popular de Fátima e na vivência cristã da pequena povoação dos videntes (Aljustrel).

Deste modo, esta sumária introdução à vivência eclesial do tempo e às suas repercussões no texto das *Memórias*, permite compreender o contexto das referências cristológicas presentes neste escrito de Lúcia. Esta base serve para a leitura dos vários nomes cristológicos que se relacionam com a espiritualidade dos três videntes nos vários contextos presentes neste escrito de Lúcia.

Capítulo II: Os elementos cristológicos nas *Memórias*

Neste capítulo pretende-se fazer a leitura das referências cristológicas nas *Memórias*, procurando situar cada uma no seu contexto. Com esta interpretação quer-se explicitar quais as diferentes referências, quem as diz e qual a sua dimensão no contexto da Mensagem de Fátima e nesta narrativa de Lúcia. Assim, o capítulo estrutura-se em cinco pontos organizados por referências, partindo das que têm um maior número de ocorrências para as menos mencionadas. O último ponto apresenta uma compilação das referências que aparecem menos vezes neste escrito de Lúcia.

2.1. Referência cristológica ‘Nosso Senhor’

O nome cristológico ‘Nosso Senhor’ é uma referência fulcral nas *Memórias*, pois é mencionado 110 vezes, sendo a designação deste tipo mais recorrente neste escrito. Deste nome de Jesus destaca-se a vasta relação com os dois irmãos Francisco e Jacinta, aparecendo 69 vezes associada a ambos. Individualmente, as referências ligadas a Jacinta surgem 40 vezes e, a Francisco, 29 vezes.

A estrutura de análise da referência em estudo é traçada a partir do enquadramento em que as referências são mencionadas nas *Memórias*, tendo como ponto nevrálgico as Aparições marianas. O segundo eixo de leitura deriva da relação das referências com Jacinta e Francisco, por haver neles um maior número de incidências desta titulação na obra, procurando articulá-las com as etapas mais significativas das suas vidas.

O primeiro campo de análise das referências é aquele mais ligado a Jacinta, dividindo-se o seu estudo em três partes: antes das Aparições, durante as Aparições e na sua doença. No tratamento das referências associadas a Francisco, o seu estudo, devido à menor expressão numérica, será dividido em apenas duas partes: durante as Aparições e na sua doença.

Por fim, serão estudadas as referências ‘Nosso Senhor’ noutros contextos menos expressivos e relacionadas, nomeadamente, com o ambiente familiar dos videntes, com os

interrogatórios por parte de Sacerdotes ou com Lúcia como narradora em contextos específicos.

2.1.1. ‘Nosso Senhor’ nas Aparições da Virgem Maria

No contexto das Aparições da Virgem Maria, a referência ‘Nosso Senhor’ surge por 4 vezes, todas elas relacionadas com a Aparição de outubro. Há duas referências que são mais importantes, por estarem ligadas ao discurso da Virgem: “Não ofendão mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido”⁷⁶. A primeira referência, ligada ao apelo da Virgem, é precedida de dois pedidos necessários para a reparação de Deus ofendido. O primeiro é a construção de uma capela e a oração do terço pela paz; o segundo consiste na recomendação do propósito de emenda e de reconciliação, em resposta aos pedidos de cura e de conversão dos pecadores. Veja-se que, esta nomenclatura, no apelo de Maria, revela aos videntes a dor de Deus pelos pecadores e a necessidade de reparação das ofensas cometidas contra Ele.

A segunda referência cristológica aparece também ligada à recordação da Lúcia sobre a mesma exortação mariana da Aparição de outubro. A autora expressa como as palavras da Virgem Maria foram inolvidáveis e, concomitantemente, o modo como as recebeu: “Que amorosa queixa e que terno pedido”⁷⁷. Esta exclamação de Lúcia reflete a marca deixada pela mensagem cristocêntrica da Virgem Maria, ao desejar que ela se propague pelo mundo inteiro⁷⁸. Com efeito, esta expressão da Lúcia justifica, de certa maneira, a ênfase da referência ‘Nosso Senhor’ nas múltiplas menções relacionadas com o apelo mariano ao longo do seu escrito.

Por outro lado, há ainda outras duas referências relacionadas com a Aparição de outubro. A primeira, alude à promessa da Virgem Maria da Aparição da figura de ‘Nosso Senhor’, a fim de abençoar o mundo juntamente com Nossa Senhora das Dores, Nossa

⁷⁶ Cit. Anexo, 1.

⁷⁷ Cit. Anexo, 2.

⁷⁸ Cf. Anexo, 2.

Senhora do Carmo e de S. José com o Menino Jesus⁷⁹. Uma segunda referência, vem na descrição que Lúcia faz das mesmas personagens no decorrer da visão de outubro, na qual se mostra ‘Nosso Senhor’ num gesto de bênção do mundo⁸⁰.

Verifica-se, deste modo, que a referência ‘Nosso Senhor’ está relacionada com o conteúdo essencial da mensagem da Virgem de Fátima, nomeadamente, a oração, a conversão e a reparação. Por isso, toma-se a referência na mariofania de outubro como o ponto de partida para situar a figura de Cristo no corpo das *Memórias*.

2.1.2. ‘Nosso Senhor’ no ciclo de Jacinta

Nas *Memórias* verifica-se que a relevância da referência ‘Nosso Senhor’ está particularmente, associada a Jacinta, como foi referido anteriormente. Esta nomenclatura destaca-se na seguinte passagem, que dá título a este estudo: “olha com atenção para Nosso Senhor”⁸¹.

2.1.2.1. Jacinta: antes das Aparições

No que diz respeito ao período antes das Aparições, existem 10 menções do nome ‘Nosso Senhor’ relacionadas com a Jacinta. Elas aparecem nas *Memórias* na narração sobre a vida de Jacinta mencionadas quer no discurso da narradora Lúcia quer em discurso direto proferidas pela própria Jacinta.

Neste contexto, antes das Aparições, uma referência cristológica remete para a temática da imitação de Cristo. Ela aparece nas *Memórias*, quando a pastora Jacinta se iniciou na guarda do rebanho: “Para fazer como Nosso Senhor”⁸². Pelo comportamento inusitado de seguir no meio do rebanho com uma ovelha ao colo, esta atitude de Jacinta é

⁷⁹ Cf. Anexo, 3.

⁸⁰ Cf. Anexo, 4.

⁸¹ Cit. Anexo, 6.

⁸² Cit. Anexo, 8.

questionada por Lúcia. Informam as *Memórias* que tal gesto se inspirava numa a pagela de Jesus Bom Pastor, revelando, portanto, a sua predisposição para a imitação de Cristo⁸³.

Há 5 referências que irrompem no seio das brincadeiras entre os videntes em casa de Lúcia e cujo episódio revela uma singular aliança de Jacinta para com a Paixão de Cristo. Este nome de Jesus está, então, referido a uma questão central da vida da vidente: “porque está Nosso Senhor assim pregado n’uma cruz?”⁸⁴. Esta referência na pergunta de Jacinta, expressa a sua aproximação à figura de Cristo crucificado, que é precedida de um gesto de especial devoção da vidente, designadamente, o beijar piedosamente o crucifixo e o olhar fixo para Cristo⁸⁵.

Há duas outras referências cristológicas relacionadas com o conhecimento da história da Paixão de Cristo, que Lúcia conta detalhadamente aos seus primos⁸⁶. Outras referências ligadas à história da Paixão mostram a compaixão da vidente, que se comove ao ouvi-la e diz: “coitadinho de Nosso Senhor, eu não eide fazer nunca nenhum pecado, não quero que Nosso Senhor sofra mais”⁸⁷. Esta condolência da vidente pelos sofrimentos de Cristo e a determinação em não ofender a Deus permitem estabelecer uma ligação próxima entre esta referência e o tema do sacrifício e da reparação, que se prolonga no tempo das Aparições e na sua doença.

2.1.2.2. Jacinta: durante as Aparições

As *Memórias* de Lúcia apresentam 12 referências a ‘Nosso Senhor’ associadas a Jacinta no período em que decorrem as Aparições. Este nome cristológico está ligado a duas problemáticas centrais na vida da vidente. São elas a visão do inferno e a oblatividade sacrificial.

Ao tempo das Aparições, duas referências ‘Nosso Senhor’ versam sobre a visão do inferno, sendo a salvação dos pecadores a grande inquietação de Jacinta: “E se a gente resar

⁸³ Cit. Anexo, 8.

⁸⁴ Cit. Anexo, 5.

⁸⁵ Cit. Anexo, 5.

⁸⁶ Cf. Anexo, 6.

⁸⁷ Cit. Anexo, 7.

muito por os pecadores, Nosso Senhor livra-os de lá? E com os sacrifícios também?”⁸⁸. A vidente ficou tão aterrorizada com a ida dos pecadores para o inferno que envida todos os seus esforços para oferecer sacrifícios pela conversão dos pecadores⁸⁹. Com efeito, ao ler esta referência cristológica na relação com o tema do inferno, verifica-se que a entrega de Jacinta se concentra, primordialmente, na conversão dos pecadores, conjugando os dois elementos essenciais da reparação: a oração e o sacrifício⁹⁰.

Todavia, por 8 vezes esta referência surge também relacionada com a afirmação da vontade de Jacinta em oferecer os seus sacrifícios: “quero oferecer êste sacrifício a Nosso Senhor”⁹¹. Esta afirmação da vontade repete-se em variadas espécies de sacrifícios: a renúncia ao bailar, o de estar na prisão, pelas aflições da sua prima Lúcia, o uso da corda à cintura, passar sede, beber a água asquerosa da lagoa⁹². Estas referências cristológicas estão todas relacionadas com as mortificações da vidente, as quais têm como fim o sofrimento por amor a Jesus.

Outras duas referências ‘Nosso Senhor’ ajudam a alargar a compreensão da relação de Jacinta com Jesus. Uma das referências insere-se no contexto de um interrogatório de três homens que aludem às ameaças de morte do administrador de Ourém caso os videntes não revelassem o segredo. Jacinta reage com alegria, devido à esperança de ver em breve a Jesus e a Virgem Maria⁹³.

A segunda referência está associada aos ensinamentos do Pe. Formigão aos três videntes. Exortava-os a dar graças e a amar a Jesus, o que Jacinta recorda a Francisco e a Lúcia da seguinte forma: “Vocês têm-se esquecido de dizer a Nosso Senhor que O amam, pelas graças que nos tem feito”⁹⁴?. A pequena vidente mostra todo o seu cuidado para que não fique esquecida, por parte dos seus companheiros, esta oração louvor e de ação de graças.

⁸⁸ Cit. Anexo, 9.

⁸⁹ Cf. Anexo, 9, 12.

⁹⁰ Cf. Anexo, 12.

⁹¹ Cit. Anexo, 11.

⁹² Cf. Anexo, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17.

⁹³ Cf. Anexo, 14.

⁹⁴ Cit. Anexo, 19.

2.1.2.3. Jacinta: o período da doença

Esta referência cristológica, ‘Nosso Senhor’, relaciona-se, por fim, com a doença de Jacinta. De entre os vários tempos anteriormente analisados, é no contexto da sua doença que ela se torna a mais significativa, pela sua menção por 25 vezes.

Este nome de Jesus por 4 vezes alude à alegria da vidente durante a vivência da sua doença. Esta felicidade brota de uma profunda entrega a Jesus, como bem expressa a sua afirmação: “gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, que nunca me canço de lhes dizer que os amo”⁹⁵. Este amor a Jesus relaciona-se com 3 referências ligadas ao regozijo da vidente quando sofre por amor a Jesus, em reparação do Imaculado Coração de Maria, pela conversão dos pecadores e pelo Santo Padre⁹⁶.

A última referência à alegria no tempo da doença de Jacinta encontra-se nos momentos que antecedem a sua partida para o hospital. Apesar da saudade em deixar a sua terra natal e do medo da solidão, pode-se verificar que a referência ‘Nosso Senhor’ se liga a uma experiência gozosa, que deriva fundamentalmente do ardor da vidente na oração dirigida a Jesus e à Virgem Maria. A leitura desta referência permite ver a esperança como fundamento da alegria pelo aproximar-se da realização da promessa de ir para o céu e de poder louvar eternamente a ‘Nosso Senhor’⁹⁷.

Uma outra referência a ‘Nosso Senhor’ está relacionada com a eucaristia. Esta é uma experiência inefável de Jacinta cujo seu encanto pela comunhão a leva a dizer: “é tão bom estar com Êle!”⁹⁸.

Por 8 vezes a expressão ‘Nosso Senhor’ se relaciona com a configuração de Jacinta com o Cristo da Paixão, no sofrimento e no silêncio. Este uso fundamenta a sua identificação com o crucificado: “tenho tantas dores no peito! mas não digo nada, soffro pela conversão dos pecadores”⁹⁹. Na verdade, muitos são os sofrimentos da vidente que se identificam com os de Cristo: a sede, as dores no peito, o beber o leite amargo, o estar

⁹⁵ Cit. Anexo, 20.

⁹⁶ Cf. Anexo, 26, 32.

⁹⁷ Cf. Anexo, 20, 33.

⁹⁸ Cit. Anexo, 35.

⁹⁹ Cit. Anexo, 23.

imobilizada no seu leito¹⁰⁰. Nestas referências ‘Nosso Senhor’ realça-se um forte paralelismo entre Jacinta na sua doença e a crucificação de Jesus no calvário (no caso deste, nomeadamente, com a sede, o lado aberto, o beber do fel e o estar pregado na cruz).

Por fim, na análise das referências ‘Nosso Senhor’ alusivas ao tempo da doença de Jacinta, há ainda 5 que estão relacionadas com o apelo da Virgem de Fátima expresso na Aparição de outubro¹⁰¹. As menções do nome de Jesus mostram a vidente a ensinar às crianças a rezar, a cantar e a repreendê-las:

“Se diziam alguma coisa que não lhe parecesse bem, acudia logo: Não digam isso, que ofendem a Deus Nosso Senhor. Se contavam alguma coisa de suas famílias que não fosse boa: respondia-lhes: não deixem os seus filhinhos fazerem pecados, que / lhe podem ir para o inferno”¹⁰².

Esta afirmação esclarece o sentido das referências cristológicas que surgem por três vezes relacionadas com a problemática do inferno. Este assunto aterroriza a vidente a ponto de repreender com firmeza tanto crianças, como adultos, quer pequenos por gestos como por palavras¹⁰³. A sua intolerância ao pecado brota do seu sentido apurado para a necessidade de reparação a ‘Nosso Senhor’ e da visão do inferno como consequência da condenação dos mesmos pecadores¹⁰⁴.

2.1.3 ‘Nosso Senhor’ no ciclo de Francisco

A referência ‘Nosso Senhor’ aparece relacionada também com Francisco, sobretudo no período das Aparições (16 vezes) e no da sua doença (13 vezes). Durante as Aparições, esta referência cristológica está particularmente presente nas Aparições de maio e de outubro associada ao seu encantamento e gozo pela visão beatífica de Deus. Durante o tempo da doença esta expressão surge, sobretudo, ligada ao tema da consolação de Jesus.

¹⁰⁰ Cf. Anexo, 21, 22, 30, 38.

¹⁰¹ “Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido”. Cit. Anexo, 1.

¹⁰² Cit. Anexo, 40.

¹⁰³ Cf. Anexo, 39.

¹⁰⁴ Cf. Anexo, 39, 37, 38.

2.1.3.1 Francisco: durante as Aparições

Durante o tempo das Aparições, há 5 referências a ‘Nosso Senhor’ relacionadas com as marifanias de maio e de outubro. A primeira referência aparece nas *Memórias* no discurso de Francisco, que revela a influência da primeira Aparição da Virgem Maria: “gostei muito de vêr o Anjo, mas gostei ainda mais de Nossa Senhora. Do que / gostei mais foi de vêr a Nosso Senhor, naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus!”¹⁰⁵.Mencionado por 6 vezes, especial importância adquire aqui o verbo «ver», o qual acaba também por qualificar a referência ‘Nosso Senhor’. Nisto se revela que Jesus se torna visível na Luz que emana da Virgem e através da qual Francisco se percebe como que participante nessa mesma Luz. Com efeito, em duas destas referências a ‘Nosso Senhor’ se verifica que a visão da Luz se relaciona com um sentimento de alegria e de desejo em se encontrar com Ele no céu a fim de o ver permanentemente¹⁰⁶.

No contexto da Aparição de maio, a menção da mesma referência ‘Nosso Senhor’ na citação anterior, surge também relacionada com a percepção de Francisco acerca da tristeza de Deus: “Êle está tam triste, por causa de tantos pecados! Nós nunca havemos de fazer nenhum”¹⁰⁷. Esta nomenclatura cristológica identifica-se com a percepção da dor de Jesus que se mostra ao vidente no momento em que a Virgem, de semblante triste, na Aparição de outubro lhes revela que Deus está ofendido.

As *Memórias* mencionam em 6 referências a ‘Nosso Senhor’ a influência da Aparição de outubro, visível na atitude orante de Francisco. A leitura das referências permite ver que Jesus é objeto da compaixão do santo, através da sua predisposição para a oração contemplativa e individual designada por: rezar, pensar e consolar¹⁰⁸. Assim, a contemplação é o modo peculiar de Francisco corresponder ao apelo da Virgem e de realizar a reparação pelas ofensas cometidas contra Deus.

Por último, há 4 referências a ‘Nosso Senhor’ que refletem a imagem de Francisco como consolador das suas companheiras, consolador de Deus e intercessor diante do

¹⁰⁵ Cit. Anexo, 42.

¹⁰⁶ Cf. Anexo, 42-44.

¹⁰⁷ Cit. Anexo, 42.

¹⁰⁸ Cf. Anexo, 46 e 47.

sacrário. A primeira está associada a Francisco no contexto das perseguições a Lúcia, no seio familiar e pelo administrador de Ourém. Procura consolá-la do seguinte modo: “paciência se nos baterem, sufremos por amor de Nosso Senhor e pelos pecadores”¹⁰⁹. Neste âmbito, uma segunda referência evoca a recordação do vidente acerca da recomendação da Virgem Maria: de entregar os seus sofrimentos com o fim da reparação de Cristo e do Imaculado Coração de Maria com a alegria de os poder consolar¹¹⁰. A terceira referência cristológica relaciona-se com a consolação da sua irmã Jacinta, que está impressionada com o inferno. Assim, Francisco diz-lhe que pense em ‘Nosso Senhor’ para dissipar-lhe o pavor do inferno¹¹¹. A quarta menção mostra a sua entrega a ‘Nosso Senhor’ na oração de intercessão diante do sacrário. Esta adoração de Francisco mostra que o sacrário é lugar de profunda relação com Jesus de tal modo que, ao pedir uma graça, ele obtém uma resposta afirmativa da parte Jesus¹¹².

2.1.3.2 Francisco: o período da doença

No que diz respeito às referências a ‘Nosso Senhor’ no contexto da doença de Francisco há uma menção que fundamenta o sentido das suas dores: “sofro tudo por amor de Nosso Senhor e de Nossa Senhora”¹¹³. Neste sentido, há 6 referências a ‘Nosso Senhor’ que expressam o significado do amor que o vidente manifesta através do sofrimento para consolação de Cristo e da Virgem Maria¹¹⁴. Deste modo, há 2 referências na narrativa de Lúcia que ajudam a compreender a predileção de Francisco por consolar a Cristo. A primeira surge por comparação com Jacinta: “Enquanto a Jacinta parecia preocupada com o único pensamento de converter pecadores e livrar almas do inferno, ele parecia só pensar em consolar a Nosso Senhor e a Nossa Senhora que lhe tinha parecido estarem tão tristes”¹¹⁵. Esta afirmação revela que o centro das atenções do vidente prende-se com a percepção da tristeza de Cristo e da Virgem Maria revelada nas marifanias. A segunda

¹⁰⁹ Cit. Anexo, 48.

¹¹⁰ Cf. Anexo, 45.

¹¹¹ Cf. Anexo, 50.

¹¹² Cf. Anexo, 51.

¹¹³ Cit. Anexo, 52.

¹¹⁴ Cf. Anexo, 53.

¹¹⁵ Cf. Anexo, 53.

menção, é proferida por Francisco: “primeiro ofereço para consolar a Nosso Senhor, a Nossa Senhora e depois, então, é que ofereço por os pecadores e por o Santo Padre”¹¹⁶. Esta indicação de Francisco surge em resposta ao pedido de Jacinta de que ofereça os sacrifícios da sua doença pelos pecadores.

A relação entre a expressão ‘Nosso Senhor’ e a ação reparadora de Francisco surge reforçada por 3 referências relacionadas com a sua necessidade de reconciliação com Deus. A referência na petição de Francisco a Lúcia é bem elucidativa: “pede tu também a Nosso Senhor que me perdoe os meus pecados”¹¹⁷. Veja-se que a menção de ‘Nosso Senhor’ pelo vidente reflete a impressão da tristeza marcada pela Aparição de outubro, tendo ele viva percepção da implicação dos próprios pecados como geradores das ofensas a Deus¹¹⁸.

Todavia, há 5 referências a ‘Nosso Senhor’ no âmbito da doença que aludem à temática central da esperança, como se pode ver no discurso do vidente: “Sinto-me muito peor, já me falta pouco para ir para o Céu: lá vou consular muito a Nosso Senhor, e a Nossa Senhora”¹¹⁹. Esta referência cristológica remete para a experiência de uma alegria escatológica vivida pelo santo no sofrimento causado pela doença. Esta esperança da vida no “Céu” traz consigo o desejo de que as suas companheiras participem com ele no lugar de encontro definitivo com Cristo¹²⁰. Com efeito, a menção ‘Nosso Senhor’ relacionada com a visão da Luz da primeira Aparição (que absorveu intensamente Francisco) torna-se na sua doença uma esperança da visão do Céu como lugar de permanência na consolação de Deus, ficando no esquecimento os pedidos de intercessão pelos pecadores¹²¹.

2.1.4. Outras referências

Há ainda outras referências que se encontram mais ligadas ao percurso e vivência de Lúcia. Estas surgem no âmbito do seio familiar, nos interrogatórios à vidente sobre as

¹¹⁶ Cit. Anexo, 53.

¹¹⁷ Cit. Anexo, 111.

¹¹⁸ Cf. Anexo, 57.

¹¹⁹ Cit. Anexo, 54.

¹²⁰ Cf. Anexo, 56, 58.

¹²¹ Cf. Anexo, 57.

Aparições e nos momentos de diálogo com o Bispo D. José Alves Correia da Silva, a quem se dirige na narração das *Memórias*.

2.1.4.1 Antes das Aparições

Esta referência cristológica aparece nas *Memórias* ligada a passagens que se enquadram na vida familiar de Lúcia, nomeadamente, no que se refere à sua mãe. Nos diálogos de Maria Rosa surge a referência ‘Nosso Senhor’ no contexto do ensinamento à sua filha Lúcia da simbologia do sol, então conhecida por “candeia de Nosso Senhor”. Imagem distinta e contrastante com esta é a da Virgem Maria associada à lua¹²². Com efeito, esta referência simbólica liga-se à contemplação do céu por Jacinta e Francisco. A vidente prefere a luz suave da lua, justificando que o sol a encandeia. Francisco, por sua vez, prefere contemplar a “candeia de Nosso Senhor”, fixando o olhar nos seus raios matinais¹²³.

Outras referências a ‘Nosso Senhor’ surgem ainda no contexto da preparação de Lúcia para a sua primeira comunhão, nas palavras de Maria Rosa, sua mãe: “pede a Nosso Senhor que te faça uma santa”¹²⁴. Foi sob o impulso destes ensinamentos maternos que Lúcia pronunciou os seus primeiros louvores na comunhão eucarística. Neste contexto familiar, há ainda outras referências cristológicas que se referem aos louvores da vizinhança e à ação de graças que Maria Rosa devia elevar a Deus pelos seus filhos¹²⁵.

2.1.4.2 Durante as Aparições

Esta referência a ‘Nosso Senhor’ surge, igualmente, no contexto da narrativa da Aparição de setembro. Neste texto, Lúcia compara a sua experiência de passar entre a multidão (no percurso entre Aljustrel e a Cova da Iria) com a experiência semelhante de

¹²² Cf. Anexo, 61.

¹²³ Cf. Anexo, 62.

¹²⁴ Cit. Anexo, 64.

¹²⁵ Cf. Anexo, 74.

Jesus na Palestina¹²⁶. Após a Aparição de setembro, Lúcia refere-se a ‘Nosso Senhor’ no âmbito das perseguições de sua mãe, motivadas pela descrença nas marifanias e interpretadas pela própria como expressão da vontade de Deus para que lhe oferecesse sacrifícios¹²⁷. Uma vez mais, esta expressão aparece ligada a Maria Rosa, sobretudo ao modo como esta encara os sofrimentos enviados por Deus¹²⁸.

Há referências cristológicas que surgem no âmbito dos interrogatórios, os primeiros dos quais levados a cabo pelo pároco, que terá induzido Lúcia a pensar que se tratariam de visões demoníacas. Estas referências à pessoa de Jesus narradas por Lúcia, mostram a sua impressionante resiliência apesar de viver atribulada pelas dúvidas. Elas expressam a confiança da vidente na onisciência de Jesus relativamente aos seus sofrimentos e o entendimento da Sua ação providencial, expresso na forma como Jacinta insistiu junto de Lúcia para que esta continuasse a acorrer ao lugar das Aparições¹²⁹.

Existem também duas referências a ‘Nosso Senhor’ no contexto de dois interrogatórios: um do Dr. Formigão e outro do Pe. Faustino, vigário do Olival. A peculiaridade destas referências cristológicas prende-se com o facto de os ensinamentos espirituais destes sacerdotes estarem intimamente relacionados com as recomendações da Virgem Maria sobre a oração e o sacrifício. O primeiro, o Dr. Formigão, dá a sua instrução a Lúcia, ensinando-a a rezar dando graças a Deus pelos muitos dons recebidos de ‘Nosso Senhor’. O segundo, o Pe. Faustino, ensina os videntes a fazer os mais variados sacrifícios nas circunstâncias ordinárias do dia-a-dia: a renunciar a comida, às brincadeiras e a aceitar os interrogatórios dos curiosos¹³⁰.

Outras duas referências estão relacionadas com outros dois interrogatórios de dois sacerdotes. A primeira surge no contexto da inquirição de um sacerdote de Santarém que deixou Lúcia com dúvidas sobre o modo de guardar o segredo que lhe foi confiado pela Virgem Maria. A vidente faz um pedido de auxílio a ‘Nosso Senhor’ e à Virgem Maria para

¹²⁶ Cf. Anexo, 68.

¹²⁷ Cf. Anexo, 14; 71.

¹²⁸ Cf. Anexo, 70.

¹²⁹ Cf. Anexo, 77-79.

¹³⁰ Cf. Anexo, 83, 82.

que lhe seja esclarecida qual é a Sua vontade¹³¹. A segunda referência surge na sequência da ida de Lúcia ao local das Aparições acompanhada pelo Dr. Carlos Azevedo Mendes. O medo de estar com um desconhecido fê-la pensar na própria morte, mas a confiança na promessa do céu tranquilizou-a¹³².

Outras referências aparecem no contexto da redação das *Memórias*. Esta nomenclatura de ‘Nosso Senhor’ enquadra-se nos discursos introdutórios dirigidos ao Bispo D. José Alves Correia da Silva. Neles Lúcia refere-se a ‘Nosso Senhor’ no sentido de obediência ao prelado, no modo de redação deste escrito ao estilo das *Memórias*, na narração dos sofrimentos e graças concedidas por ‘Nosso Senhor’, na confiança que por Jesus seja revelado a Francisco o escrito sobre a sua vida e, ao mesmo tempo, o fazer a vontade a Jesus e ao Imaculado Coração de Maria¹³³.

Uma derradeira referência a ‘Nosso Senhor’ relaciona-se com a intervenção da Madre Superiora de Pontevedra junto de Lúcia, nomeadamente acerca das suas responsabilidades diante de Jesus em ser testemunho para as suas irmãs no convento¹³⁴.

2.2. Referências cristológicas: ‘Jesus’, ‘ó Jesus’, ‘ó meu Jesus’

Estas referências cristológicas são estudadas conjuntamente devido à sua proximidade semântica, proximidade essa, reforçada nos diálogos da Virgem Maria na Aparição de julho. A sua análise está estruturada a partir da Aparição de julho e da sua relação peculiar com Jacinta e com a temática da reparação.

2.2.1 ‘Jesus’, ‘ó Jesus’, ‘ó meu Jesus’: na Aparição de julho

Neste ponto as referências cristológicas em estudo são essencialmente três: ‘Jesus’, ‘ó Jesus’, ‘ó meu Jesus’. As três referências são aqui analisadas como uma única, para uma melhor compreensão da sua unidade temática em torno do tema da reparação. Deste modo,

¹³¹ Cf. Anexo, 80.

¹³² Cf. Anexo, 82, 81.

¹³³ Cf. Anexo, 72, 74, 73.

¹³⁴ Cf. Anexo, 75.

estas referências surgem nas *Memórias* por 39 vezes e encontram a sua maior expressão junto de Jacinta (por 19 vezes).

Estes nomes de Jesus têm em comum estarem relacionados com a oração reparadora ensinada pela Virgem Maria na Aparição de julho:

“Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei a Jesus muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício. Ó Jesus é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria”.¹³⁵

De facto, esta forma de invocar o nome de Jesus tem a sua origem no discurso da Virgem Maria. Esta referência surge, assim, com maior predominância nos diálogos de Jacinta e Francisco, na oração e nos atos de reparação ao Imaculado Coração de Maria e a Jesus Cristo ofendido.

Outra referência está também relacionada com uma oração ensinada pela Virgem aos videntes, neste caso, após a visão do inferno: “Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as alminhas tôdas para o Céu, principalmente aquelas que mais precisarem”¹³⁶. Assim estas nomenclaturas de Jesus adquirem uma grande importância por fazerem parte do segredo e nele estar o núcleo fundamental da mensagem da Virgem de Fátima: a oração, a conversão e a reparação.

2.2.2 ‘Jesus’, ‘ó Jesus’, ‘ó meu Jesus’: depois da Aparição de julho

As *Memórias* indicam que a fonte do amor de Jacinta a ‘Jesus’ brota dos ensinamentos da mariofania de julho, que fundamenta, segundo a narradora, a sua oblatividade sacrificial pela conversão dos pecadores, atuada na oração reparadora¹³⁷.

No estudo deste tríptico de referências cristológicas, associadas ao período posterior às Aparições de julho, verificam-se as repercussões que a mariofania deixou em Jacinta, nomeadamente, acerca da visão do inferno: “O inferno! O inferno! que pena eu tenho das

¹³⁵ Cit. Anexo, 85.

¹³⁶ Cit. Anexo, 87.

¹³⁷ Cf. Anexo, 89.

almas que vão para o inferno!... Ó meu Jesus perdoai-nos, livrai-nos do fôgo do inferno, levai as alminhas tôdas para o Céu, principalmente as que mais precisarem”¹³⁸.

Outra referência ao nome de ‘Jesus’ enquadra-se no contexto de vida de Jacinta e no seu oferecimento de sacrifícios pelos pecadores juntamente com a intenção de rezar pelo Santo Padre no final do terço¹³⁹. Com efeito, há uma peculiaridade em Jacinta que se relaciona com esta referência a ‘Jesus’, ligada à sua postura no momento da oração reparadora, com a elevação das mãos e dos olhos ao céu, o lugar para onde se orienta toda a sua vida¹⁴⁰.

2.2.3. ‘Jesus’, ‘ó Jesus’, ‘ó meu Jesus’: na doença de Jacinta

As referências ao nome de ‘Jesus’ no contexto da doença de Jacinta remetem para as orações ensinadas pela Virgem. Uma dessas referências surge num diálogo com a sua prima Lúcia: “gosto tanto de dizer a Jesus que o amo! quando lho digo muitas vezes, parece que tenho lume no peito; mas não me queimo”¹⁴¹. Esta referência, ajuda a caraterizar a relação íntima de Jacinta com Jesus. Essa referência articula-se como desejo ardente da vidente de continuar a viver no Céu o amor a Cristo vivido na terra, em união com o Imaculado Coração de Maria e a todos com quem ela conviveu na terra¹⁴². Com efeito, a leitura das referências ao nome de ‘Jesus’ encontra-se de tal modo vinculado à experiência de amor da vidente que aparece numa recomendação a Lúcia para que dê continuidade ao amor a Jesus, ao Coração de Maria e à prática do sacrifício pelos pecadores¹⁴³.

A leitura das referências ‘Jesus’, ‘ó Jesus’ e ‘ó meu Jesus’ mostram a experiência da solidão de Jacinta unida a Cristo crucificado no sacrifício da sede e, concretamente, na veneração da cruz. Em qualquer dos momentos há a manifestação de amor a ‘Jesus’ e de entrega aos pecadores, mas acontece com maior profundidade espiritual quando sofre diante do crucifixo ao dizer a oração reparadora: “Ó Jesus, agora podes converter muitos

¹³⁸ Cit. Anexo, 94.

¹³⁹ Cf. Anexo, 90.

¹⁴⁰ Cf. Anexo, 90.

¹⁴¹ Cit. Anexo, 95.

¹⁴² Cf. Anexo, 98.

¹⁴³ Cf. Anexo, 97.

pecadores porque este sacrifício é muito grande!”¹⁴⁴. Assim, a referência ‘Jesus’ relaciona-se também com o desejo de Jacinta sofrer por Cristo crucificado e pela invocação ‘ó Jesus’ na oração mostra-se o desejo de realizar a sua oblação de amor a ‘Jesus’ e o ato reparador pelos pecadores¹⁴⁵.

Há referências com o uso do vocativo ‘meu Jesus’ / ‘ó meu Jesus’ relacionadas com a intercessão de Jacinta a suplicar o perdão e a conversão por aqueles que, por palavras grosseiras, ofendem a Deus. Este tipo de ocorrência acentua que a razão mais premente na oração de Jacinta pelos pecadores é a de que eles não sofram o suplício do inferno¹⁴⁶.

Uma última referência a ‘Jesus’ insere-se no âmbito da visita da Virgem Maria a Jacinta em sua casa e na fase final da sua doença. Neste contexto, o apelo a ‘Jesus’ relaciona-se com a aceitação de Jacinta à proposta da Virgem Maria, a fim de continuar a sofrer pela conversão dos pecadores, em reparação ao Coração Imaculado de Maria e a culminar com a oferta do sacrifício por amor de Jesus¹⁴⁷.

2.2.4. ‘Jesus’, ‘ó Jesus’, ‘ó meu Jesus’: referências ligadas a Francisco e Lúcia

Neste campo de estudo das referências cristológicas são tratadas aquelas que têm pouca expressão no escrito, tendo mais que ver com a vida de Francisco e com Lúcia enquanto narradora.

Existem apenas duas referências ligadas a Francisco. Uma primeira situa-se no contexto da prisão, em que ele faz o oferecimento do sacrifício de não ver os pais pelo facto de estar preso. Francisco faz a mesma oração que a sua irmã e dirige-a a ‘Jesus’: “Ó meu Jesus é por vosso amor e pela conversão dos pecadores”¹⁴⁸. A segunda ocorrência insere-se no contexto da doença de Francisco. Ele, na proximidade da sua morte, tem consciência dos seus pecados e, de coração contrito, pede perdão a ‘Jesus’ com a oração ensinada pela

¹⁴⁴ Cit. Anexo, 100.

¹⁴⁵ Cf. Anexo, 95, 100.

¹⁴⁶ Cf. Anexo, 101.

¹⁴⁷ Cf. Anexo, 102.

¹⁴⁸ Cit. Anexo, 110.

Virgem Maria em julho: “Ó meu Jesus perdoai-nos, livrainos do fôgo do inferno, levai as alminhas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem”¹⁴⁹.

Por fim, outras referências a ‘Jesus’ surgem em nomes compostos¹⁵⁰, que se inserem numa oração dirigida aos Corações de Jesus e Maria, numa prece dirigida a Jacinta e outra num pedido de intercessão a Francisco¹⁵¹. Estas orações são feitas por Lúcia enquanto escritora das *Memórias*, nada acrescentando elas à história e ao conteúdo da Mensagem de Fátima.

2.3. ‘Jesus escondido’ e ‘Menino Jesus’

A terceira referência cristológica com maior relevo nas *Memórias* é a de ‘Jesus escondido’ e ‘Menino Jesus’. Estas denominações, apesar de linguisticamente distintas, são tratadas em conjunto pela sua unidade temática relativa a Jesus eucarístico. Assim, a sua abordagem faz-se pela ligação estreita das referências ao modo de Francisco e Jacinta se relacionarem com o sacramento eucarístico.

2.3.1. ‘Jesus escondido’ e ‘Menino Jesus’ na perspectiva de Jacinta

Nas *Memórias*, a designação cristológica ‘Menino Jesus’ surge no contexto das lições de doutrina, no tempo da quaresma, dadas por Maria Rosa à sua filha Lúcia e a todas as crianças do lugar. O nome ‘Menino Jesus’ aparece apenas duas vezes. Uma referência encontra-se associada à formação da consciência do pecado por palavras injuriosas que ofendem a Cristo. A segunda, ligada a Jacinta, tem a ver com recomendação de sua mãe para se apartar daqueles que dizem palavras pecaminosas que ofendem a Jesus¹⁵².

Antes das Aparições, o nome ‘Menino Jesus’ integra-se no âmbito das festividades do Corpo de Deus, nomeadamente, num diálogo de Lúcia com Jacinta: “o Menino Jesus da

¹⁴⁹ Cit. Anexo, 111.

¹⁵⁰ “glória de Jesus”. Cit. Anexo, 106.

¹⁵¹ Cit. Anexo, 106, 108, 107.

¹⁵² Cf. Anexo, 128, 129.

hóstia não se vê, está escondido, é o que nós recebemos na comunhão”¹⁵³. É Lúcia quem ensina a sua prima a identificar a presença real de Jesus na sagrada hóstia, algo que a infante não reconhece na procissão eucarística¹⁵⁴.

Esta referência a ‘Jesus escondido’ está também relacionada com o desejo ardente de Francisco e Jacinta que, desde tenra idade, anseiam por receber a sagrada comunhão¹⁵⁵. Ela relaciona-se com desejo crescente de Jacinta em compreender o mistério eucarístico através de sucessivas questões dirigidas à sua prima Lúcia¹⁵⁶. Com efeito, algumas vezes esse modo de nomear Jesus refere-se ao anelo da vidente por receber a sagrada comunhão, nomeadamente já no período da sua doença: “vou morrer sem receber a Jesus escondido?”¹⁵⁷. Neste contexto, a referência expressa mais significativamente o ardor da vidente pela eucaristia. Este sentimento reflete-se, por exemplo, na veneração da imagem do cálice com uma hóstia, patente numa pagela que recebeu de sua prima: “é Jesus escondido, gosto tanto d’ê!e!”¹⁵⁸. Esta nomenclatura associa-se, portanto, ao encanto de Jacinta pela imagem das espécies eucarísticas, mencionando a vontade de as receber na igreja, no Céu e no hospital levada pelo Anjo.

Outras duas referências a ‘Jesus escondido’ aludem às visitas ao sacrário. A primeira, está ligada à adoração pessoal de Jacinta diante do Santíssimo no sacrário durante o tempo das Aparições. A vidente manifesta a sua amizade ao desejar estar e falar a sós com ‘Jesus escondido’. A segunda referência insere-se já no âmbito da doença de Jacinta. Num diálogo com a sua prima Lúcia, a vidente pede-lhe que manifeste o seu amor a Jesus. Esta nomenclatura demonstra a existência de uma relação de franca amizade que se expressa, não só, mas também, pelo contacto visual com o sacrário¹⁵⁹.

¹⁵³ Cit. Anexo, 130.

¹⁵⁴ Cf. Anexo, 113.

¹⁵⁵ Cf. Anexo, 130.

¹⁵⁶ Cf. Anexo, 115.

¹⁵⁷ Cit. Anexo, 118.

¹⁵⁸ Cf. Anexo, 119.

¹⁵⁹ Cf. Anexo, 116, 117.

2.3.2. ‘Jesus escondido’ e ‘Menino Jesus’ na perspectiva de Francisco

A referência ‘Jesus escondido’, relacionada com Francisco no tempo das Aparições, aparece também significativamente ligada à adoração eucarística diante do sacrário. Ela alude à precedência do encontro de Francisco com Jesus relativamente a frequentar a escola, devido à certeza deste de partir brevemente para o céu. Na verdade, esta promessa da Virgem Maria faz com que o vidente relativize a importância do estudo e prefira recolher-se na igreja em adoração. Assim, se explica o motivo pelo qual o nome de ‘Jesus escondido’ se configura como atitude orante do santo em permanecer escondido com Ele na igreja paroquial. Esta atitude confiante, própria da intimidade na amizade, repercute-se na resposta de Francisco a um pedido de uma graça que lhe é feita ao início do dia e que, no regresso das suas companheiras da escola, ele dá a certeza de ser alcançada¹⁶⁰.

No período da doença de Francisco, a referência a ‘Jesus escondido’ remete para a nostalgia do vidente em estar em contemplação diante do sacrário, desejo expresso à sua prima Lúcia: “Olha vai á Igreja e dá muitas saudades minhas a Jesus escondido”¹⁶¹. Esta alusão à saudade de Francisco em estar com Jesus expressa, noutras duas referências, o desejo de receber a comunhão eucarística, pelo que pede à sua prima Lúcia que vá à igreja e peça a Jesus sacramentado para que o prior lhe dê a comunhão¹⁶².

Por fim, a última referência a ‘Jesus escondido’ ligada a Francisco ocorre no âmbito da visita do pároco. Já próximo do fim da vida, Francisco fez a sua confissão e recebeu o Viático. Esta referência ajuda a evidenciar a felicidade do vidente pelo privilégio de guardar no seu peito a ‘Jesus escondido’ e pela brevidade da sua partida para o Céu. Esta felicidade leva-o a desejar que em breve o acompanhem também as suas companheiras¹⁶³.

¹⁶⁰ Cf. Anexo, 122, 124.

¹⁶¹ Cit. Anexo, 123.

¹⁶² Cf. Anexo, 121.

¹⁶³ Cf. Anexo, 127.

2.4. As referências cristológicas: ‘Corações de Jesus e de Maria’

Neste ponto trata-se das referências aos ‘Corações de Jesus e Maria’ que, agrupa as várias designações de ‘Corações Santíssimos de Jesus e Maria’, ‘Santíssimo Coração e do Imaculado Coração de Maria’. Estas referências são abordadas conjuntamente devido à devoção ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria. As diferenças nas expressões utilizadas derivam do seu enquadramento, ora no contexto das angelofania ora no da devoção particular da autora ao redigir o escrito.

2.4.1. ‘Corações de Jesus e de Maria’ nas angelofanias

Nas *Memórias*, a referência ao ‘Coração de Jesus’ ocupa um lugar de relevo por duas razões fundamentais: primeiro, pela sua invocação nas Aparições do Anjo, onde aparece em três momentos e com três acentuações distintas; segundo, pela sua ligação íntima com o Coração Imaculado de Maria, outro tema central na Mensagem de Fátima¹⁶⁴.

No que diz respeito às narrações das Aparições do Anjo nas *Memórias*, Lúcia faz menção do ‘Coração de Jesus’ por três vezes: na primeira, ‘Os Corações de Jesus e Maria’; na segunda, ‘Os Corações Santíssimos de Jesus e Maria’; e, na terceira, ‘Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria’¹⁶⁵. São imediatamente perceptíveis as acentuações graduais deste apelo aos Sagrados Corações, pela variação na forma como é referido e no contexto em que cada um se insere.

Na primeira Aparição, a primeira referência aos ‘Corações de Jesus e Maria’ destaca-se a forma simples deste encontro e a modéstia do discurso do Anjo. Ele apenas se apresenta “sou o Anjo da paz”¹⁶⁶, convida os videntes a rezar com Ele e ensina-lhes o modo de rezar: “Meu Deus! Eu creio”¹⁶⁷. Por fim, exorta os videntes à oração, porque serão ouvidos por Jesus e Maria. Logo, desta mensagem entende-se que o ‘Coração de Jesus’ para as três crianças representa uma presença real que escuta as suas orações. Nelas há uma

¹⁶⁵ Cit. Anexo, 133, 134, 136.

¹⁶⁶ Cit. Anexo, 133.

¹⁶⁷ Cit. Anexo, 133.

consciência dialógica de relação entre Deus e o homem, mediada pela figura concreta do ‘Coração de Jesus’.

Contudo, no contexto da primeira angelofania, há uma questão evocada por Francisco Marto acerca do significado das palavras do Anjo: “Que quer dizer: os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas”¹⁶⁸? Esta questão ajuda a compreender que o conteúdo da mensagem do Anjo não é facilmente inteligível. Os videntes vão sendo introduzidos progressivamente no mistério da vida divina, numa relação íntima com Jesus e respeitando os limites do seu entendimento. Na verdade, Lúcia no seu escrito *Apelos da Mensagem de Fátima* esclarece: “as pobres crianças estiveram longe de supor todo o seu alcance e significado como o podemos compreender hoje”¹⁶⁹.

Na narração da segunda Aparição, as *Memórias* apresentam a referência aos ‘Corações Santíssimos de Jesus e Maria’. Destaca-se o uso do predicado ‘Santíssimos’. Dito desta forma, assim se expressa o crescendo da índole da mensagem do Anjo em relação à Aparição precedente. Ora, podemos verificar que se dá um salto qualitativo na transmissão da mensagem. Com esta terminologia, a referência cristológica reflete o teor sublime da mensagem angélica, na sua afirmação: “Orai, orai muito, os Corações Santíssimos de Jesus e Maria teem sobre vós dizignios de misericórdia”¹⁷⁰. Assim, a figura do ‘Coração de Jesus e de Maria’ revela-se aos videntes como uma presença constante nas suas vidas. O discurso do Anjo marcará a vida dos videntes e manifesta-lhes a predileção divina para realizarem os planos de Deus em favor da humanidade, repercutindo-se na sua oblatividade orante e nos sacrifícios em reparação das ofensas a Deus pela conversão dos pecadores.

A referência ao ‘Coração de Jesus’ na mensagem do Anjo tem acentuações distintas em cada angelofania. A distinção desta nomenclatura a propósito da última Aparição assume uma maior relevância pelo momento de adoração e comunhão eucarística. Nela está condensado o sentido de toda a mensagem do Anjo e o significado do ‘Coração de Jesus’,

¹⁶⁸ Cit. Anexo, 135.

¹⁶⁹ Cit. LÚCIA DE JESUS (Irmã), *Apelos da Mensagem de Fátima*, Ed. Secretariado dos Pastinhos, 3ª edição, Fátima 2005, nº8, pág.90.

¹⁷⁰ Cit. Anexo, 134.

ganha maior densidade nesta terceira Aparição. Assim, o mensageiro celeste faz menção da referência cristológica na oração de adoração eucarística: “pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria”¹⁷¹. Com efeito, na oração e nas palavras do Anjo no momento da comunhão é expresso o sentido e a finalidade do sacramento eucarístico: “Tomai e bebei o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, orrivelmente ultrajado pelos homens ingratos; reparaí os seus crimes e conçulai o vosso Deus”¹⁷². Neste discurso mostra que o sacrifício de Cristo está no centro da ação reparadora solicitada aos videntes. Note-se que esta oração do Anjo condensa todos os motivos da mensagem das precedentes Aparições: oração, o oferecimento de sacrifícios em ato reparação pela conversão dos pecadores e a consolação de Deus.

Desta forma, nesta leitura das referências ao ‘Coração de Jesus’ nas três mensagens do Anjo, percebe-se que a revelação da vontade divina se vai desvelando progressivamente. Assim, o Anjo dá a conhecer às três crianças a possibilidade de uma nova relação com Deus, iniciando-as na arte de rezar tanto por palavras como pela postura corporal¹⁷³, na entrega dos seus sacrifícios até à sua identificação com a eucaristia.

2.4.2 ‘Corações de Jesus e de Maria’ fora do ciclo das angelofanias

Por outro lado, igual referência aparece associada a uma pagela do ‘Coração de Jesus’ que Jacinta recebeu de Lúcia. Apesar de repudiar a imagem pela sua fealdade, venera-a, beija-a, e guarda-a religiosamente¹⁷⁴. Como este gesto de devoção e culto ao Coração de Jesus, existem outras duas referências que são igualmente expressão do culto local e familiar, uma ligada à festa do Sagrado ‘Coração de Jesus’¹⁷⁵(uma das principais

¹⁷¹ Cit. Anexo, 163.

¹⁷² Cit. Anexo, 172.

¹⁷³ “Deixando o caliz e a Hostia suspenso no ar, prostrou-se em terra e repetiu tres vezes a oração”. Cit. Anexo, 170.

¹⁷⁴ Cf. Anexo, 141.

¹⁷⁵ Cf. Anexo, 139.

festas paroquiais) e outra ligada a uma irmã de Lúcia, que era zeladora do altar dedicado, precisamente, ao ‘Coração de Jesus’¹⁷⁶.

No estudo de outra ocorrência desta expressão, pode-se ver um sinal da devoção ao ‘Coração de Jesus’ dito por Jacinta, pouco tempo antes de ir para o hospital. Ela dirigia-se à sua prima Lúcia com o intuito de a estimular ao empenho na propagação da devoção ao Coração de Maria: “diz a toda a gente que Deus nos consede as graças por meio do Coração Imaculado de Maria, que Ihas peçam a ela, que o Coração de Jesus quer, que a seu lado se venere o Coração Imaculado de Maria”¹⁷⁷. Esta recomendação de Jacinta à sua prima Lúcia manifesta o seu amor ao ‘Coração de Jesus’ e o desejo de difundi-lo: “Se eu pudesse meter no coração de tôda a gente o lume que tenho cá dentro no peito a quei-mar-me e a fazer-me gostar tanto do Coração de Jesus e do Coração de Maria”¹⁷⁸!. Este desejo de Jacinta, citando Jean-François de Louvencourt, é a manifestação do “amor ardente pelo Coração de Jesus”, que o autor caracteriza como uma atitude reveladora do “embaralhamento contínuo” diante do ‘Coração de Jesus’¹⁷⁹.

No que diz respeito à análise das referências cristológicas fora do ciclo das angelofanias, elas são expressas no prefácio à primeira memória. Lúcia usa por três vezes a expressão os ‘Santíssimos Corações de Jesus e Maria’, que se relacionam com as duas primeiras Aparições do Anjo. As duas primeiras referências aludem, como se viu anteriormente, à forma de rezar ensinada pelo Anjo: “os Corações de Jesus e de Maria estão atentos á vós das vossas súplicas”¹⁸⁰. A primeira referência é precedida pela expressão: “Depois de ter implorado a proteção dos Santíssimos...”; e a segunda por: “Começo pois êste trabalho, pedindo aos Santíssimos...”¹⁸¹. Esta designação mostra que o diálogo com Anjo fora memorável para a vidente Lúcia, de tal modo que mostra a sua atitude suplicante e confiante no pedido de intercessão aos Santíssimos ‘Corações de Jesus e Maria’. A terceira referência indica a confiança total nos ‘Corações de Jesus e de Maria’,

¹⁷⁶ Cf. Anexo, 138.

¹⁷⁷ Cit. Anexo, 140.

¹⁷⁸ Cit. Anexo, 140.

¹⁷⁹ Cf. J. LOUVENCOURT, *A arte de se maravilhar com Francisco e Jacinta de Fátima*, Ed. Paulinas, Lisboa 2016, pág. 206.

¹⁸⁰ Cit. Anexo, 133.

¹⁸¹ Cit. Anexo, 142.

entregando-se à sua vontade para executar a tarefa de redigir as memórias sobre a sua prima Jacinta¹⁸².

2.5. A referência cristológica ‘Senhor’

Apesar da proximidade linguística com a referência ‘Nosso Senhor’, esta referência aparece apartada da anterior devido à diferença temática, à distinta relação com as personagens e ao seu contexto específico – a saber: o das angelofanias. A referência ‘Senhor’ surge no texto de Lúcia no contexto da segunda Aparição do Anjo e nos discursos da autora ligada à interpretação da vontade divina em vários ambientes: no escrito dirigido ao Bispo aquando a sua redação, na sua relação com a mãe, na relação com a superiora ena celebração das festas pascais em Aljustrel.

2.5.1 ‘Senhor’: nas angelofanias

Esta referência cristológica ‘Senhor’ é relevante nas *Memórias* por se integrar na mensagem do Anjo na segunda Aparição: “Sôbretudo aceitai e suportai com submissão o sofrimento que o Senhor vos enviar”¹⁸³. Nesta mensagem, o nome cristológico relaciona-se com o ensinamento da obediência a Deus, na submissão no sofrimento e na entrega dos sacrifícios em ato de reparação. A referência ‘Senhor’ surge, pois, na narração de Lúcia, associada à determinação dos videntes em oferecer sacrifícios. Esta correspondência dos videntes deve-se à compreensão do modo como se manifesta o amor de Deus e de como Ele deseja ser amado¹⁸⁴.

Esta referência cristológica em análise é transcrita nas *Memórias* na segunda angelofania. A memória das palavras angélicas tem a sua origem no contexto das dificuldades económicas da família de Lúcia devido à perda de terrenos agrícolas da qual a

¹⁸² Cf. Anexo, 144.

¹⁸³ Cit. Anexo, 145.

¹⁸⁴ Cf. Anexo, 146.

vidente era vítima das acusações de toda a família. Por este facto, Lúcia recorda o pedido do Anjo de submissão à vontade de Deus nos seus sacrifícios¹⁸⁵.

2.5.2. ‘Senhor’: nos discursos de Lúcia

Esta referência cristológica ‘Senhor’ aparece no escrito de Lúcia dirigido ao Bispo de Leiria. Nele a narradora usa o nome de Jesus ligado ao reconhecimento da vontade de Deus no sofrimento provocado, a Francisco e Jacinta, pelo segundo interrogatório a eles feito pelo pároco de Fátima¹⁸⁶.

Há duas referências que dizem respeito à leitura de Lúcia acerca da vontade do ‘Senhor’. Uma prende-se como facto de ter sido confiada ao cuidado paternal e pastoral de D. José Alves Correia da Silva¹⁸⁷. Outra liga-se com a leitura feita por Lúcia sobre um comentário da Madre Superiora de Pontevedra: “mais uma moeda que o Senhor quis confiar-me, da qual me pedirá contas”¹⁸⁸. Esta nomenclatura ‘Senhor’ revela o olhar crente de Lúcia, que vê na confiança nela depositada por Deus a exigência da sua responsabilidade e da influência positiva que tem diante das suas irmãs religiosas. Noutra ocasião, a referência ‘Senhor’ está ligada ao ato de obediência de Lúcia aos seus superiores e no amor a Jesus, motivos pelos quais aceita escrever as suas *Memórias*¹⁸⁹.

Na leitura das referências ‘Senhor’ encontram-se algumas provindas de citações bíblicas, que são usadas pela narradora para fundamentar realidades concretas do quotidiano. Lúcia apresenta três casos: primeiro, a exigência de seguir Jesus na fidelidade à eleição de Deus como vidente das Aparições, citando Mt16, 24; segundo, os Mandamentos da Lei de Deus apresentados como regra de vida de sua mãe e que ensina aos filhos, citando a passagem do jovem rico (cf. Mt19, 16); terceiro, o reconhecimento do amor e do perdão

¹⁸⁵ Cf. Anexo, 147.

¹⁸⁶ Cf. Anexo, 148.

¹⁸⁷ Cf. Anexo, 150, 162.

¹⁸⁸ Cit. Anexo, 152.

¹⁸⁹ Cf. Anexo, 159.

de Deus e da necessidade de arrependimento do pecado, citando o episódio da mulher adúltera (cf. Jo8, 10-11)¹⁹⁰.

Há ainda, nas *Memórias*, três referências compostas, ligadas à tradição da celebração da Páscoa: ‘Senhor Ressuscitado’, ‘Ressurreição do Senhor Jesus’ e ‘Senhor Jesus Ressuscitado’¹⁹¹. Estes nomes de Jesus estão relacionados com visita pascal, cuja narração identifica a bênção do prior com a de Jesus Ressuscitado. Estas referências marcam a vivência de fé comum ao povo português, não trazendo consigo qualquer especificidade a ressaltar para este estudo.

No final deste capítulo, salienta-se o percurso realizado pelas diversas tipologias dos nomes de Jesus presentes nas *Memórias*, principalmente o contributo das referências mais expressivas ‘Nosso Senhor’ e ‘Jesus’. A partir da primeira, ‘Nosso Senhor’, pode-se ver a imagem do Cristo crucificado, unindo numa só aceção as três perspetivas sobre a figura de Cristo: a Virgem Maria, Jacinta e Francisco. Na perspetiva da Virgem Maria divisa-se o Jesus compadecido e sofredor pelos homens que vivem na indiferença, revelando o “Deus ofendido”. A mensagem da Virgem Maria contribui para a perceção da tristeza de ‘Nosso Senhor’ por Francisco, e, na sensibilidade de Jacinta, o ‘Nosso Senhor’ necessitado de reparação. Na verdade, a figura de ‘Nosso Senhor’ apresenta-se aos videntes como Objeto divino de contemplação, de desejo de ser consolado, de imitação do próprio Jesus no sofrimento.

¹⁹⁰ Cf. Anexo, 160, 177, 155.

¹⁹¹ Cf. Anexo, 156.

Capítulo III: Traços cristológicos das *Memórias*

No primeiro capítulo, foi feita uma contextualização do ambiente religioso em Aljustrel na qual se apresenta o tipo de cristologia dos documentos doutrinários e catequéticos que terão contribuído para o conhecimento que os videntes teriam sobre Jesus Cristo. O estudo realizado no segundo capítulo, relativo ao uso dos diversos nomes de Jesus, traça um percurso da figura de Jesus localizada nos vários ambientes das *Memórias*. Neste capítulo, desenvolve-se um ensaio sobre o tipo de contributo que as *Memórias* podem oferecer à compreensão de algumas dimensões da cristologia. Com este percurso, pretende-se estudar de que modo a Mensagem de Fátima, transmitida nas *Memórias*, se insere no conhecimento dogmático de Cristo transmitido pela Igreja.

As cinco dimensões escolhidas para formarem este ensaio são a dimensão soteriológica, a dimensão doxológica, a dimensão eucarística, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a dimensão escatológica. Estudando deste modo a Soteriologia, pretende-se mostrar a imagem do Jesus salvador, através dos mensageiros celestes e da resposta dos videntes que, por ela, expressam o seu olhar sobre Jesus. Na dimensão doxológica quer-se estudar que nuances da divindade de Cristo eram objeto do louvor dos videntes. A análise da cristologia eucarística procurará, sobretudo, definir a figura de Jesus eucarístico proveniente da terceira angelofania, bem como a relação dos videntes com o Senhor através das Espécies Eucarísticas. O estudo das passagens sobre o Sagrado Coração de Jesus almeja mostrar o modo como esta devoção pesou na vida espiritual dos videntes. Por fim, o confronto dos videntes com a escatologia pode ajudar a compreender, a partir das marifanias e da esperança que brota dos seus corações, o desejo intenso que estes viveram do encontro definitivo no céu.

Estes temas podem alcançar uma síntese rica dos diferentes contributos que Deus, pelas manifestações que tomaram lugar em Fátima, quer dar aos que O procuram conhecer. Este conjunto foi escolhido por opção do autor e porque pode representar, de um modo significativo, o modo como os videntes viviam a fé e a celebravam (dimensão doxológica, dimensão eucarística e a devoção ao Sagrado Coração), bem como o modo como viviam a

esperança e a doutrina da Igreja (sobretudo a partir da dimensão escatológica e soteriológica). Assim sendo, a estrutura do capítulo divide-se em cinco subpontos, cada um caracterizando a respetiva dimensão.

Dentro de cada subponto há também uma estrutura idêntica. O subponto começa por definir de um modo sucinto a dimensão a tratar. De seguida expõe brevemente como essa dimensão seria percebida no contexto dos videntes, ou seja, que noção teriam estes desta cristologia. Apresenta-se então o estilo em que essas dimensões aparecem nas *Memórias*, a partir de alguns excertos representativos do escrito. Por fim, a conclusão de cada subponto faz uma ponte entre os dois passos anteriores, realçando algum aspeto merecedor de destaque na percepção da figura de Cristo.

Ao olhar particularmente para as diversas tipologias dos nomes cristológicos formaram-se vários conjuntos de referências das quais sobressaem estas cinco dimensões teológicas, anteriormente apresentadas. A ordem sequencial dos cinco pontos estrutura-se segundo a importância preconizada pelas revelações celestes do Anjo e da Virgem Maria e fundamentalmente pela própria vivência espiritual dos videntes, que vai desde a questão da salvação até à problemática do destino último do homem.

3.1. A dimensão soteriológica

O termo soteriologia deriva do grego *sōteria*, que significa salvação. Partindo da definição bíblica, pode-se notar que no Antigo Testamento a noção de salvação tinha como pressuposto a situação negativa do homem, cujo conceito se identifica com a experiência histórica da libertação da escravidão egípcia. Desta experiência brota a soberana ação de Deus, livre e gratuita que inaugura uma relação de familiaridade intensa entre Deus e o povo de Israel¹⁹². Em continuidade com a soteriologia de Israel, o Novo Testamento traz a novidade da mediação salvífica de Cristo operada pela sua vida, morte e ressurreição. Este fundamento bíblico é importante para o estudo dos nomes cristológicos nas *Memórias* a fim

¹⁹² Cf. G. SALVATI, “Salvação”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, Ed. Paulus, São Paulo 1998, pág. 817.

de aferir o nexo da Mensagem de Fátima com um dos aspetos mais relevantes da soteriologia cristã¹⁹³.

A teologia soteriológica implícita nas *Memórias* pode ser dividida em dois grupos, segundo os interlocutores dos videntes. Esta análise é pertinente, porque as mensagens recebidas a partir das mariofanias e das angelofanias compõem um estilo diferente das que provêm dos videntes. Assim, a teologia da redenção dos nomes cristológicos será analisada em duas perspetivas: uma primeira perspetiva, facultada pelas mensagens celestes; e uma segunda, que advém da vivência espiritual dos videntes. Dentro do primeiro grupo pode-se ainda verificar uma diferença significativa entre o teor da mensagem do Anjo, que é, sobretudo, de apelo à oração e ao sacrifício, e a mensagem da Virgem Maria. Nas mariofanias, por seu lado, o essencial para a soteriologia parece ser a apresentação da salvação como perdão divino aos pecadores. Esta necessidade que o homem tem de pedir a misericórdia de Deus faz com que a soteriologia apareça na forma do pedido da colaboração dos videntes¹⁹⁴. O segundo ângulo de análise tem a ver com o carisma próprio dos videntes. Nele se mostra a relação pessoal dos videntes com o Senhor, a partir da qual se pode traçar uma fisionomia de Jesus.

3.1.1. A soteriologia na mensagem do Anjo

Ao analisar a mensagem do Anjo, na segunda Aparição do mesmo, podem-se extrair alguns elementos da figura de Cristo que se enquadram na dimensão soteriológica: “ofreeci um sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Êle é ofendido e de suplica pela conversão dos pecadores...Sôbretudo aceitai e suportai com submissão o sofrimento que o Senhor vos enviar.”¹⁹⁵.O traço de Jesus saliente neste nome ‘Senhor’ associa-se ao dinamismo teológico da reparação e da conversão que descreve um movimento ascendente pelo oferecimento a Deus do sacrifício que associa os videntes ao sacrifício de Cristo na

¹⁹³ Cf. G. SALVATI, “Salvação”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, pág. 819-820.

¹⁹⁴ Cf. J. FARIAS, “Redenção”, in AZEVEDO, Carlos – CRISTINO, Luciano, coord. *Enciclopédia de Fátima*, Ed. Principia, Estoril, 2007, pág. 448-449.

¹⁹⁵ Cit. 4^a, fl.61, pág. 227.

Cruz e com Ele se oferecem a Deus¹⁹⁶. Deste modo, o rosto de Jesus que transparece no nome ‘Senhor’ na mensagem angélica associa-se à obra da redenção de Cristo da qual participam os videntes.

A mensagem angélica de cariz soteriológico tem, por isso, o sentido de reparação. A proposta de reparação do Anjo aos videntes baseia-se no princípio da salvação que se concretiza na solidariedade pelos pecadores através de orações e sacrifícios¹⁹⁷. Com efeito, esta solidariedade com Cristo só se entende numa visão conjunta da dinâmica teológica introduzida pelas Aparições angélicas através da oração reparadora “Meu Deus eu creio” e da comunhão eucarística. Assim, o ciclo das angelofanias revela aos videntes a presença de Cristo na realização dos desígnios salvíficos de reconciliação dos homens com Deus e dos homens entre si¹⁹⁸.

3.1.2. A soteriologia nas mariofanias

No âmbito das mariofanias, a dimensão soteriológica é mais manifesta nas referências cristológicas ‘Jesus’ e ‘Nosso Senhor’. A primeira está associada à mensagem mariana de julho:

“Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei a Jesus muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria”¹⁹⁹.

Esta prece contém o núcleo essencial da reparação, da qual brota a originalidade do espírito sacrificial dos videntes e tornando os seus atos de expiação uma oferta em plena união à oblação sacerdotal de Jesus Cristo²⁰⁰.

¹⁹⁶ Cf. P. COELHO, «Ciclo Angélico: a pedagogia da adoração reparadora», in *Congresso Internacional: Fátima para o Século XXI*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2008, págs. pág.221.

¹⁹⁷ Cf. P. COELHO, «Ciclo Angélico: a pedagogia da adoração reparadora», págs.222-223.

¹⁹⁸ Cf. P. COELHO, «Ciclo Angélico: a pedagogia da adoração reparadora», págs.222.

¹⁹⁹ Cit. 2ª, fl.16v, pág.160.

²⁰⁰ Cf. E. BUENO DE LA FUENTE, *A Mensagem de Fátima – A Misericórdia de Deus: o Triunfo do Amor nos Dramas da História*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2013, pág. 234.

Neste convite da Virgem Maria à conversão, à penitência e à oração, aparecem os traços fundamentais da espiritualidade da redenção demarcada pela figura de Jesus. A dimensão soteriológica das referências cristológicas relaciona-se com a salvação oferecida por Cristo, com o perdão divino aos pecadores através da mediação da Virgem Maria e pela colaboração dos videntes com as suas orações e sacrifícios²⁰¹.

Nesta linha, é representativo o pedido da Virgem Maria na Aparição de outubro: “Não ofendão mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido”²⁰². Ao considerar-se o nome cristológico ‘Nosso Senhor’ desvela-se o significado soteriológico ligado à imagem do Cristo das *Memórias*. As palavras da Virgem Maria permitem olhar para o Deus revelado por Jesus Cristo nos Evangelhos, o qual, ao contrário do Deus da filosofia grega e do teísmo filosófico, não se mostra impassível, incapaz de sofrer e de amar o Homem²⁰³.

A leitura teológica desta nomenclatura demonstra a centralidade cristológica da mensagem mariana, da qual emerge a figura de Deus ‘ofendido’ e ‘triste’. Neste entendimento de Cristo, os videntes percecionam a figura do Deus ‘paciente’, à semelhança da figura de um Pai misericordioso, daquele que é revelado por Jesus na parábola do “filho pródigo” (cf. Lc 15,11-32)²⁰⁴. Assim, o nome ‘Nosso Senhor’ nas *Memórias*, a partir das mariofanias, mostra um traço da vulnerabilidade do amor de Deus, testemunhado por Cristo, que se compadece da humanidade.

3.1.3. Jacinta e os títulos ‘Nosso Senhor’ e ‘Jesus’

Ao longo do texto de Lúcia abordam-se referências cristológicas de cariz soteriológico que se articulam com os elementos peculiares da espiritualidade de Jacinta relativamente à paixão de Cristo. Neste contexto, os nomes cristológicos retratam a imagem de Jesus crucificado caracterizada pela mística da vidente que, segundo o teólogo italiano

²⁰¹ Cf. J. FARIAS, “Redenção”, in *Enciclopédia de Fátima*, pág. 448-449

²⁰² Cit. 2ª, fl.23v, pág.168.

²⁰³ Cf. F. R. GARRAPUCHO, «La centralidade cristológica en el mensaje de Fátima», págs. 337-338.

²⁰⁴ Cf. F. R. GARRAPUCHO, «La centralidade cristológica en el mensaje de Fátima», págs.338.

Franco Manzi, se define por uma “imitação generosa de Cristo, servo sofredor e abandonado na cruz”²⁰⁵.

Ao tratar das referências cristológicas ‘Nosso Senhor’ e ‘Jesus’, relacionadas com Jacinta, podem-se descortinar várias semelhanças entre o Cristo das *Memórias* e algumas passagens do Evangelho sobre a Paixão de Cristo: 1) a prisão de Jesus (cf. Jo 18,12) associada à prisão de Jacinta na cadeia de Ourém²⁰⁶; 2) a corda atada à cintura²⁰⁷; 3) a sede do crucificado (cf. Jo 19,28) associada à sede da vidente na experiência da cruz na sua doença²⁰⁸; 4) o beber do fel (cf. Jo 19,29-30) com o beber do leite com sabor amargo²⁰⁹; 5) o lado aberto (cf. Jo19,34) associado à chaga nas costelas do lado esquerdo provocada por uma pleurite purulenta²¹⁰; 6) e, por último, a solidão do crucificado na morte (Mt27,39-44) associada à solidão de Jacinta no hospital²¹¹. Esta espiritualidade sacrificial revela o afeto da vidente por Jesus que a fez desejar tomar parte nos seus sofrimentos. Foi por meio desta vivência que Jacinta assumiu de um modo íntimo e profundo atos de reparação pelos pecadores, ao oferecer-se a si mesma²¹².

No que diz respeito a Jacinta no tempo da sua doença, as referências à invocação ‘Ó Jesus’ refletem a sua devoção a Cristo crucificado: “Ó meu Jesus, eu Vos amo, e quero sofrer muito por Vosso amor”²¹³. Neste contexto, a invocação do nome de Jesus assemelha-se ao pedido de perdão de Jesus pelos seus inimigos no momento da sua morte: “Perdoa-

²⁰⁵ Cit. F. MANZI, *As Crianças-profetas de Fátima – O Olhar de Três Crianças sobre o Ressuscitado*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2018, pág. 288.

²⁰⁶ “Jacinta então tu não queres oferecer este sacrifício a Nosso Senhor? Ihe perguntei. Quero, mas lembro-me de minha mãe e choro sem querer”. Cit. 1ª, fl.26, pág.131.

²⁰⁷ “Seja pela gruçura e aspreza da corda, seja porque às vezes a pertassemos demasiado, este instrumento fazia-nos por vezes sofrer horrivelmente; a Jacinta deixava às vezes cair algumas lágrimas com a força do incomodo que Ihe causava; e dizendo-lhe eu algumas vezes para a tirar, respondia. Não! Quero oferecer este sacrificio a Nosso Senhor, em reparação e pela conversão dos pecadores”. 2ª, fl.20, pág.164.

²⁰⁸ “quando Nosso Senhor mandou a Penamonica... nas vésperas de adoecer dizia; doe-me tanto a cabeça, e tenho tanta sede; mas não quero beber, para sofrer pelos pecadores”. Cit. 1ª, fl.33, pág.135.

²⁰⁹ “Como desobedecees assim a tua mãe e não ofereces este sacrificio a Nosso Senhor? ... disse agora não me lembrei, e chama pela Mãe pede-lhe predão que toma tudo quanto ela quizer; a Mãe trás-lhe a chicra do leite; toma-o sem mostrar a mais leve repugnância, depois disse-me se tu soubesses quanto me custou a tomar”. Cit. 1ª, fl.33, pág.135.

²¹⁰ Cf. F. MANZI, *As Crianças-profetas de Fátima – O Olhar de Três Crianças sobre o Ressuscitado*, pág.294.

²¹¹ “Nunca mais eide ver ninguém? E depois morro sozinha!”. Cit. 1ª, fl. 37, pág. 138.

²¹² Cf. F. MANZI, *As Crianças-profetas de Fátima – O Olhar de Três Crianças sobre o Ressuscitado*, pág.288.

²¹³ Cit. 1ª, fl.37, pág. 138.

lhês meu Jesus e converte-os, decerto não sabem que com isto ofendem a Deus. Que pena meu Jesus! Eu rezo por êles”²¹⁴. O nome ‘Jesus’ liga-se aos sofrimentos físicos da vidente, mostrando o percurso de uma verdadeira “*Via Crucis*” numa enraizada intimidade com Aquele que foi crucificado pela redenção do mundo²¹⁵. Estes nomes – ‘Nosso Senhor’ e ‘Jesus’ – reportam o conteúdo soteriológico nas *Memórias* que é caracterizado pelo testemunho da vidente que, no dizer do teólogo Franco Manzi, se pode definir como: “memória viva de Cristo Crucificado”²¹⁶.

3.1.4. Francisco e a figura de Jesus

Ao abordar a dimensão soteriológica das referências cristológicas relacionadas com Francisco verifica-se que o nome de ‘Nosso Senhor’ (associado à “luz” recebida pelas mãos da Virgem Maria em maio) transmite ao santo não só o gozo da contemplação de Deus²¹⁷, mas, simultaneamente, a alegria e a condolência para com Deus: “Mas Êle está tam triste, por causa de tantos pecados!”²¹⁸. Assim, o vidente expressa a percepção da dor de Deus ofendido. Esta percepção caracteriza-se fundamentalmente pela sua teopatia, isto é, a sua sensibilidade perante o sofrimento de Deus, e é a Sua dor que faz brotar nele o profundo desejo de O consolar²¹⁹.

Esta leitura nominal de ‘Nosso Senhor’ faz emergir a noção do sofrimento de Deus. Ainda que o seu significado pareça ser meramente teo-lógico, ele é, também, profundamente cristológico. Esta ambiguidade pode ser superada na análise ao nome de ‘Nosso Senhor’ que se enquadra na atitude de Francisco, que é preeminentemente

²¹⁴ Cit. 3ª, fl.3v, pág.190.

²¹⁵ Cit. F. MANZI, *As Crianças-profetas de Fátima – O Olhar de Três Crianças sobre o Ressuscitado*, pág. 293.

²¹⁶ Cit. F. MANZI, *As Crianças-profetas de Fátima – O Olhar de Três Crianças sobre o Ressuscitado*, pág. 293.

²¹⁷ Cf. “. Do que / gostei mais foi de vêr a Nosso Senhor, naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus!” Cit. 4ª, fl. 13, pág. 204.

²¹⁸ Cit. 4ª, fl. 13, pág. 204.

²¹⁹ Cf. E. BUENO DE LA FUENTE, *A Mensagem de Fátima – A misericórdia de Deus*, pág. 189-190.

consoladora de Deus diante do sacrário na presença de ‘Jesus escondido’²²⁰. Com efeito, a adoração de Francisco reflete a sua orientação cristocêntrica, tal como fora recomendado pelo Anjo na comunhão eucarística: “Tomai e bebei o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, orrivelmente ultrajado pelos homens ingratos; reparai os seus crimes e conçulai o vosso Deus”.²²¹ Desta forma, pode-se verificar que o sacrifício de Cristo está no centro da ação reparadora que se repercute a cada visita que o vidente faz ao sacrário.

Ao refletir nos nomes cristológicos, verifica-se que a espiritualidade da reparação em Francisco surge pela via da consolação. Esta consolação, que, num primeiro momento, se manifesta pela iniciativa do amor de Deus, é concedida ao santo, primeiramente, através da contemplação²²². Num segundo momento, a consolação é algo que Francisco deseja oferecer a Deus: “Gostava mais de consular a Nosso Senhor... Eu queria consular a Nosso Senhor e depois converter os pecadores, para que não o ofendessem mais”²²³.

Neste contexto, a dimensão soteriológica pode-se definir pelo Espírito comunicado nas mariofancias cuja espiritualidade da consolação do vidente se define como “escondimento de si”²²⁴. Neste autoescondimento de S. Francisco Marto pode-se divisar o rosto de Jesus orante no jardim das oliveiras, cuja oração coincide com a oferta de si em sacrificio a Deus²²⁵.

Pode-se então concluir que a grande mensagem soteriológica das *Memórias* tem, maioritariamente, o sentido de reparação com o forte apelo à penitência e à conversão preconizados pelo Anjo e pela Virgem de Fátima²²⁶. Desta abordagem, sobressai o Jesus que se compadece da humanidade. Nela subjaz uma figura de Cristo ferido pela indiferença

²²⁰ “diz-me o Francisco, olha, enquanto que vais à escola eu fico com Jesus escondido e cá Lhe peço isso. Ao sair da escola fui chama-lo e perguntei-lhe: pediste aquela graça a Nosso Senhor?”. Cit. 4ª, fl.42, pág.218.

²²¹ Cit. 4ª, fl.63, p.227 e 228.

²²² Cf. J. CARVALHO, «A reparação como via de consolação a Deus», pág.95.

²²³ Cit.4ª, fl.33, pág.214.

²²⁴ Cf. F. MANZI, *As Crianças-profetas de Fátima – O Olhar de Três Crianças sobre o Ressuscitado*, pág.302.

²²⁵ Cf. F. MANZI, *As Crianças-profetas de Fátima – O Olhar de Três Crianças sobre o Ressuscitado*, pág.302-303.

²²⁶ Cf. J. FARIAS, “Redenção”, in *Enciclopédia de Fátima*, pág. 446.

dos homens para com Deus. A partir da vida dos videntes Francisco e Jacinta reflete-se a figura de um Jesus sofredor, que marca a espiritualidade da reparação e da consolação das duas crianças. Esta noção de reparação, que brota da mensagem cristocêntrica de Fátima, pode-se relacionar com a ideia da teologia patrística oriental de Santo Atanásio. Este padre da Igreja usa a expressão “restauração da imagem” para se referir à ação de Cristo que, através da Encarnação, restaura a imagem de Deus no homem. Estabelecendo a ligação com a soteriologia das *Memórias* podem inserir-se neste processo os videntes de Fátima que assumiram parte ativa na satisfação e na reparação dos pecados e dos seus efeitos no homem²²⁷.

3.2. A dimensão doxológica

O termo doxologia deriva de dois conceitos gregos: *dóxa*, significa a glória; e *lógos* a palavra; ou seja, a palavra de glória. Para se compreender as referências cristológicas relacionadas com esta vertente teológica nas *Memórias*, recorre-se a uma definição que expressa o ímpeto dos videntes para o louvor de Deus: “O louvor doxológico é o movimento pelo qual se ama o Senhor por causa dele mesmo, «a ti porque és tu», de maneira desinteressada”²²⁸.

O estudo da teologia doxológica que emerge dos nomes de Jesus tem a sua chave de compreensão no mistério de Deus como mistério trinitário. Este mistério de fé, genuinamente cristão, contribuiu para uma nova conceção de Deus, revelado por Jesus Cristo como Pai. O testemunho da filiação divina de Cristo e a sua atitude de louvor ao Pai e do amor do Pai ao Filho, manifesta ao homem o espírito de filiação adotiva recebido que o integra no dinamismo do amor trinitário²²⁹.

Uma teologia doxológica, a partir das *Memórias*, situa-se, sobretudo, na experiência mística das mariofanias de maio e junho. Estas são a fonte e origem da manifestação do

²²⁷ Cf. J. FARIAS, «A espiritualidade dos Pastorinhos, à luz da teologia da reparação», in COUTINHO, Vítor, coord., *Jacinta Marto do Encontro à Compaixão*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2010, pág. 299.

²²⁸ Cit. T. FEDERICI, “Doxologia”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, pág. 226.

²²⁹ Cf. M. PEREIRA DE MATOS, “Trindade”, in *Enciclopédia de Fátima*, pág. 549.

mistério de Deus à qual se liga diretamente a referência cristológica-trinitária associada ao louvor de Deus. As outras referências que aparecem no escrito são de menor importância, pois derivam desta experiência que se repercute no louvor de Jacinta e Lúcia, expressão da luz interior que lhes invade o coração.

A doxologia das referências cristológicas presente nas *Memórias* pode-se caracterizar na expressão da atitude orante de cada um dos videntes através das seguintes palavras: “a pessoa ama para além de si próprio, da situação, da necessidade, da recompensa, da espera, do próximo, de toda a criatura. É anseio, desejo do Senhor, “por ele só”, para a comunhão inefável”²³⁰. De alguma forma esta afirmação expressa a interioridade dos videntes cujo louvor tem como único objeto a pessoa de Jesus, amada e louvada por causa do que ela é para os homens²³¹.

3.2.1. O Mistério da Trindade como fonte da doxologia

A dimensão doxológica nas *Memórias* aflora da experiência das Aparições de maio e junho. Nelas, a Virgem Maria proporcionou aos videntes uma experiência mística que os mergulhou na luz do mistério inefável de Deus Trindade²³². Isto levou-os a exprimir uma oração de louvor: “Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu vos amo no Santíssimo Sacramento”²³³. Segundo o teólogo italiano Federici numa reflexão sobre a vivência do homem diante do mistério trinitário, pode-se aferir que a experiência da Trindade leva a que o “eu” dos videntes se perca diante do “Tu” divino dentro dos limites da sua própria criaturalidade humana²³⁴.

Lúcia descreve a experiência mística da “luz” com estas palavras: “abriu pela primeira vez as mãos comunicando-nos uma luz tam entensa, como que reflexo que d’elas expedia, que penetrando-nos no peito e no mais intimo da alma, fazendo-nos vêr a nós

²³⁰ Cit. T. FEDERICI, “Doxologia”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, pág. 227.

²³¹ Cf. T. FEDERICI, “Doxologia”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, pág. 227.

²³² Cf. A. MARTO, «A Beleza do Rosto Trinitário de Deus na Mensagem de Fátima», in *Congresso Internacional: Santíssima Trindade Pai, Filho, Espírito Santo*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2008, pág. 47

²³³ Cit. 4ª, fl.68, pág. 230.

²³⁴ Cf. T. FEDERICI, “Doxologia”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, pág. 227.

mesmos em Deus que era essa luz”²³⁵. Pode-se dizer que é esta experiência arrebatadora que faz subir as três crianças à comunhão com o Objeto divino por meio do louvor e da graça divina²³⁶. Também a referência à Trindade brota da experiência mística da “luz” de Lúcia, que faz expressar o espírito de permanente louvor da glória de Deus, segundo a afirmação de Lúcia, citada por Bueno de la Fuente: “Fomos criados e escolhidos por Deus para sermos o louvor da sua eterna glória. Ser o louvor da sua glória: é o fim mais alto, a que Deus nos podia ter destinado! É termos em nós, por participação, a glória de Deus, com a qual O podemos louvar”²³⁷.

Há ainda outro tipo de referências cristológicas de cariz doxológico que surgem no contexto de expressões de Lúcia enquanto escritora das *Memórias*: “sinto brotar-me do coração / um hino de acção de graças ao Nosso Deus Salvador, pelos dotes da natureza e da graça com que se dignou enriquecer aquela que escolheu, para dar-me o ser sobre a terra e erguer-me o olhar para o Céu”²³⁸. Este nome cristológico é expressão do “louvor doxológico” de Lúcia que elevando o seu hino de gratidão mostra a surpresa, a admiração pelas maravilhas realizadas por Deus, o que lhe provoca gozo e entusiasmo já numa etapa de maior reflexão e distanciamento perante os acontecimentos que relata²³⁹.

3.2.2. A doxologia de Jacinta

Como foi referido no ponto anterior, nas marifanias os videntes fazem a experiência salvífica onde se dá, por Maria, o processo descendente da manifestação trinitária de Deus. Porém, o estudo das referências cristológicas associadas a Jacinta mostra o processo ascendente da doxologia. Neste processo, a santa pastorinha mostra como, de um modo sobrenatural e simples, se chega ao Pai, no Espírito e pelo Filho. Assim, o

²³⁵ Cit. 4ª, fl.68, pág.230.

²³⁶ Cf. T. FEDERICI, “Doxologia”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, pág. 227.

²³⁷ LÚCIA DE JESUS, citada por E. BUENO DE LA FUENTE, *A Mensagem de Fátima – A misericórdia de Deus*, pág.193.

²³⁸ Cit. 6ª, fl.113, pág.327/328.

²³⁹ Cf. T. FEDERICI, “Doxologia”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, pág. 230.

encontro com Deus Pai é, também nas *Memórias*, a meta e o fim de todo o louvor e adoração²⁴⁰.

Concretamente, o texto das *Memórias* apresenta algumas referências cristológicas relacionadas com Jacinta, que expressam o seu louvor a ‘Jesus’ durante a sua doença: “gosto tanto de dizer a Jesus que o amo! quando lho digo muitas vezes, parece que tenho lume no peito; mas não me queimo. Outra vez dizia – gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, que nunca me canço de lhes dizer que os amo”²⁴¹. Para Bueno de la Fuente, esta expressão de louvor da vidente pode ser lida, segundo a reflexão de Lúcia sobre a Mensagem de Fátima, como “o reconhecimento de que Deus é o único digno do seu amor, leva a que a adoração se funda com o amor, com o reconhecimento e com gratidão”²⁴².

Na dimensão doxológica salienta-se a referência cristológica que reflete o amor de Jacinta a Jesus: “As vezes beijava um cruxifixo e abraçando-o, dizia. Ó meu Jesus, eu Vos amo, e quero sofrer muito por Vosso amor. Outras vezes dizia. Ó Jesus, agora podes converter muitos pecadores porque este sacrificio é muito grande!”²⁴³. Este amor da vidente vai para além do amor de si próprio. Na sua doença, Jacinta elevou o seu louvor a ‘Jesus’ expressando-se de uma maneira completa e perfeita. Isso viveu de um modo tão admirável que foi retamente encaminhada para a comunhão inefável com Deus²⁴⁴.

A doxologia presente nas *Memórias* expressa a comunhão mística dos videntes pela experiência do encontro com Deus mediada pelas mãos de Maria. Neste escrito, esta vivência foi espelhada, sobretudo, nas referências cristológicas ligadas às vidas de Lúcia e de Jacinta. Nelas se torna visível o hino de louvor de que ambas fizeram das suas vidas, a fim de serem expressão do louvor de Deus e de gratidão, independente da alegria ou do sofrimento em que se encontrem.

²⁴⁰ Cf. E. TOURÓN, “Escatologia”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, pág. 275.

²⁴¹ Cit. 1ª, fl. 30, pg. 133.

²⁴² Cf. E. BUENO DE LA FUENTE, *A Mensagem de Fátima – A misericórdia de Deus*, pág. 192.

²⁴³ Cit. 1ª, fl. 37, pág. 138.

²⁴⁴ Cf. T. FEDERICI, “Doxologia”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, pág. 227.

3.3. A dimensão eucarística

Para traçar a figura do Jesus eucarístico que aparece nas *Memórias*, devem-se situar os nomes cristológicos ao nível da fé cristológica e trinitária. A espiritualidade eucarística brota da entrega sacrificial de Cristo que compendia a grandeza do mistério do amor salvífico de Deus pela humanidade. Diante deste mistério inefável nasce uma atitude de pura gratidão que transporta o crente para a adoração como sinal de acolhimento do dom por meio do acontecimento salvífico na cruz. Este é o fundamento cristológico que ajuda a entender toda a reflexão que se segue sobre o Jesus eucarístico²⁴⁵.

Na abordagem da dimensão eucarística optou-se pelo estudo das referências cristológicas nos contextos mais relevantes de índole sacramental eucarística, em que podem ser delineados os traços mais salientes de Jesus eucarístico. Neste sentido destacam-se dois contextos: a terceira Aparição do Anjo e a vida eucarística de Francisco e Jacinta.

3.3.1. O Jesus eucarístico da terceira angelofania

As *Memórias*, ao narrarem a terceira angelofania, registam as várias nomenclaturas cristológicas que se identificam com Jesus eucarístico. Na oração surgem as expressões: ‘Padre, Filho e Espírito Santo’, ‘Corpo sangue, Alma e Devindade de Jesus Cristo’, e o ‘Coração de Jesus’²⁴⁶. Na comunhão eucarística destaca-se o ‘Corpo e Sangue de Jesus Cristo’²⁴⁷. Estas referências cristológicas evidenciam o teor eminentemente eucarístico da mensagem angélica que se divide em dois momentos: a oração de adoração e a comunhão

²⁴⁵ Cf. J. MENDES, “Eucaristia”, in *Enciclopédia de Fátima*, pág. 206.

²⁴⁶ “Apareceu-nos pela terceira vez, trazendo da mão um caliz e sobre êle uma Hóstia da qual caiam dentro do caliz algumas gotas de sangue. Deixando o caliz e a Hostia suspensos no ar, prostrou-se em terra e repetiu tres vezes a oração. Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, adoro-vos profundamente e ofereço-vos o preciosíssimo Corpo sangue, Alma e Devindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacarios da terra, em reparação dos ultrages, sacrilegios e endifrenças com que Êle mesmo é ofendido. E pelos meritos infinitos do seu santissimo Coração, e do Coração Imaculado de Maria, peço-vos a conversão dos / pobres pecadores”. Cit.4ª, fl.62, pág.227.

²⁴⁷ “Tomai e bebei o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, orrivelmente ultrajado pelos homens ingratos; reparai os seus crimes e conçulai o vosso Deus”. Cit. 4ª, fls.63, págg.227/228.

eucarística. Além destes, o relato da angelofania mostra o uso de dois elementos explicitamente eucarísticos: o cálice e a hóstia.

Desta forma, a dimensão eucarística nas nomenclaturas cristológicas ‘Corpo, Sangue, Alma e Devindade’ e a do ‘Coração de Jesus’²⁴⁸ surge profundamente ligada a Cristo “vítima na Eucaristia”²⁴⁹. Estas referências eucarísticas colocam Cristo no centro do mistério da “adoração reparadora” que, por meio dela, une os videntes à expiação realizada por Cristo na cruz, colocando-os em íntima relação com o mistério eucarístico²⁵⁰.

Neste contexto eucarístico da terceira angelofania, os videntes são introduzidos numa autêntica experiência mística que os introduz no mistério da comunhão eucarística: “Tomai e bebei o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, orrivelmente ultrajado pelos homens ingratos; reparaí os seus crimes e conçulai o vosso Deus”²⁵¹. Esta experiência mística revela-se aos videntes como sinal da presença de Cristo pelo amor vivificante do Espírito Santo. A comunhão do Corpo e Sangue manifesta a figura do Jesus eucarístico aos videntes. Mostra igualmente que estes, na solidariedade relacional e salvífica, segundo a ação do Espírito, viveram uma vida eucarística que se expressou em atos reparação pelo pecado dos homens²⁵².

A vivência do sentido reparador que parte da espiritualidade eucarística dos pastorinhos é expressão da relação vital dos videntes com Cristo. Esta experiência contemplativa de Cristo na Eucaristia, revela às três crianças os traços do “Rosto Trinitário de Deus”²⁵³. Assim, a centralidade eucarística da mensagem angélica une-se à adoração reparadora a ‘Jesus escondido’, expressa na resposta teológica à iniciativa de Deus. Este modo de resposta dos videntes às interpelações divinas, através do Anjo, mostra o reconhecimento que estes fizeram da santidade de Deus que se fez próximo dos videntes de Fátima²⁵⁴.

²⁴⁸ Cf. 2^a, fl. 10v, pg. 153.

²⁴⁹ Cf. P. COELHO, «Ciclo Angélico: a pedagogia da adoração reparadora», pág.224.

²⁵⁰ Cf. P. COELHO, «Ciclo Angélico: a pedagogia da adoração reparadora», pág.224.

²⁵¹ Cit. 2^a, fl.10v, pg.153.

²⁵² Cf. A. MARTO, «A Beleza do Rosto Trinitário de Deus na Mensagem de Fátima», pág.45/46.

²⁵³ Cf. A. MARTO, «A Beleza do Rosto Trinitário de Deus na Mensagem de Fátima», pág.43.

²⁵⁴ Cf. E. BUENO DE LA FUENTE, *A Mensagem de Fátima – A misericórdia de Deus*, pág.179.

Também a figura do ‘Coração de Jesus’ deve ser inserida no contexto do ciclo angélico que acompanha o itinerário espiritual dos videntes ligado à oração, ao sacrifício e à Eucaristia. De facto, desde a primeira Aparição que o Anjo comunica e suscita nos videntes o espírito de adoração reparadora na fé, esperança e caridade em atenção ao ‘Coração de Jesus’. Na segunda, transmite-lhes o espírito sacrificial através do sacrifício quotidiano segundo os desígnios do ‘Coração de Jesus’. Na última angelofania, o mensageiro celeste explicita e concretiza o espírito de adoração sacrificial numa dimensão trinitária e eucarística, através da oração e da comunhão. Nesta, o próprio Anjo tem como propósito claro conferir à Sagrada Comunhão uma finalidade reparadora pelos méritos do ‘Coração de Jesus’²⁵⁵.

3.3.2. O Jesus eucarístico de Francisco e Jacinta.

Nas diversas referências ao ‘Jesus escondido’, a partir das perspetivas de Francisco e Jacinta, a figura de Jesus eucarístico aparece ligada à espiritualidade da consolação e da reparação. Esta espiritualidade, por sua vez, está intimamente unida à tradição teológica que brota da devoção ao Coração de Jesus do séc. XVII, privilegiando a adoração junto ao sacrário. O desejo que Jacinta exprime de “estar muito tempo sozinha a falar com Jesus escondido”²⁵⁶ é representativo e, por isso, expressa a sua devoção eucarística. Neste sentido, e integrada nesta espiritualidade, se compreende a atitude dos videntes de Fátima, ao procurarem fazer companhia a Jesus na adoração eucarística. Para os videntes esta adoração era entendida como um ato de comunhão de puro amor a ‘Jesus escondido’²⁵⁷.

3.3.2.1. Jesus eucarístico e a espiritualidade de Francisco

A dimensão eucarística refletida nas referências cristológicas é mais significativa na espiritualidade de Francisco no âmbito da adoração reparadora. O seu interesse era o de

²⁵⁵ Cf. A. MARTO, «Eucaristia e Trindade – A Dimensão Eucarística na Mensagem de Fátima» in *Humanística e Teologia* XIX/1-2 (1998), pág. 22.

²⁵⁶ Cit. 1ª, fl. 28, pg. 132.

²⁵⁷ Cf. J. FARIAS, «A espiritualidade dos Pastorinhos, à luz da teologia da reparação», pág.301.

estar próximo de Jesus presente no sacrário. Esse interesse na sua vida torna-se patente nas suas opções e em vista da doença que o atingia: “olha tu vai á escola, eu fico aqui na Igreja junto de Jesus escondido, não me vale a pena aprender a lêr, daqui a pouco vou para o Céu”²⁵⁸. As *Memórias* mostram a presença de Jesus eucarístico que, em Francisco, se reflete na oração contemplativa diante do sacrário. Aí, o vidente experienciou uma relação de íntima comunhão com Jesus na eucaristia. Desta opção orante resulta aquela que é a espiritualidade mais peculiar de Francisco Marto: a imitação de Cristo “escondido”²⁵⁹.

A comunhão do cálice na terceira Aparição terá ajudado a fazer com que o vidente situasse a eucaristia no centro da sua espiritualidade. As Aparições da Virgem Maria e a contemplação do rosto entristecido do Senhor, por seu lado, tê-lo-ão ajudado a reforçar a sua relação com ‘Jesus escondido’ nas espécies eucarísticas²⁶⁰. Com efeito, a figura de Jesus eucarístico define-se, nas *Memórias*, em grande parte, pela espiritualidade da consolação de Francisco. O encontro com ‘Jesus escondido’ é fruto de um amor consolador que se oferece a Deus tal como um amigo é consolador do seu amigo²⁶¹. A companhia que Francisco fazia a ‘Jesus escondido’ significava estar em contemplação diante do sacrário, deixando-se envolver pelo olhar do Mestre. Neste movimento o jovem pastor ia também ele colhendo um novo olhar, a partir do qual via e sentia com os olhos de Deus a realidade do mundo²⁶².

3.3.2.2. Jesus eucarístico e a espiritualidade de Jacinta

As referências mais significativas da relação de Jacinta com Jesus eucarístico estão ligadas à comunhão sacramental. A vidente mostra a figura de Jesus eucarístico como uma presença inefável. Ela descreve a experiência da sagrada comunhão como uma presença que se sente e na qual se entende o que diz Jesus, mas sem ver nem ouvir. O relato da

²⁵⁸ Cit. 4ª, fl.33, pág. 214.

²⁵⁹ Cf. F. MANZI, *As Crianças-profetas de Fátima – O Olhar de Três Crianças sobre o Ressuscitado*, pág.306-307.

²⁶⁰ Cf. F. MANZI, *As Crianças-profetas de Fátima – O Olhar de Três Crianças sobre o Ressuscitado*, pág. 305.

²⁶¹ Cf. M. MORUJÃO, «Uma espiritualidade da consolação», in *Francisco Marto Crescer para o Dom*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2010, pág.202 e ss.

²⁶² Cf. J. FARIAS, “Adoração eucarística”, in *Enciclopédia de Fátima*, pág.18

própria mostra de um modo claro esta sua atração por Jesus que se esconde nas espécies eucarísticas: “não sei como é, sinto a Nosso Senhor dentro em mim, compriendo o que me diz, e não o vejo nem oiço, mas, é tam bom estar com Êle!”²⁶³. Este trato íntimo da vidente com o Santíssimo Sacramento reflete-se neste desejo de estar a sós, pois Jesus eucarístico mostra-se uma presença viva que atrai o coração da vidente: “é tam bom estar com Êle!”²⁶⁴.

Ao analisar os nomes de Jesus relacionados com Jacinta Marto podem-se delinear os traços da espiritualidade eucarística da vidente usando uma expressão de Emanuel Silva sobre o tema: “A identidade da Eucaristia é dada pela Pessoa de Jesus que entrega aos seus discípulos o mistério da sua própria Pessoa para que vivam dele e para que o re-vivam no mundo”²⁶⁵. Em Jacinta é possível ver a passagem da configuração com Jesus eucarístico na contemplação e na conseqüente imitação de Cristo crucificado. Neste sentido, afirma-se que a vidente, como discípula de Cristo, é eucaristia unida ao Único Jesus Cristo, que se ofereceu para a salvação dos homens. Para o referido autor, isto significa que, a vida de Jacinta se faz Pão que se transforma e, concomitantemente, altar onde ela se oferece com a oferta do próprio Jesus²⁶⁶.

Em suma, as *Memórias* traçam a figura de Jesus eucarístico que vem da experiência genuína da comunhão eucarística dos videntes na angelofania. Os nomes cristológicos da dimensão eucarística mostram a espiritualidade própria dos videntes, espiritualidade essa que é vivenciada através da união dos seus sacrifícios ao sacrifício de Cristo Redentor na Eucaristia. Além disso, esta não se limitou aos momentos das angelofanias, mas aprofundou-se na estrutura orante dos videntes através da adoração eucarística que, para eles, se manifestava no estar com ‘Jesus escondido’²⁶⁷.

²⁶³ Cit. 3ª, fl.6, pág.195.

²⁶⁴ Cit. 3ª, fl.6, pág. 195.

²⁶⁵ Cit. E. SILVA, «Uma Espiritualidade sacrificial», pág.360.

²⁶⁶ Cf. E. SILVA, «Uma Espiritualidade sacrificial», pág.361.

²⁶⁷ Cf. E. BUENO DE LA FUENTE, *A Mensagem de Fátima – A misericórdia de Deus*, pág.224-225.

3.4 A dimensão cordial de Jesus

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus, derivada da tradição teológica do séc. XVII e centrada na mística da reparação e da consolação, estava ligada ao culto eucarístico, mais concretamente, à adoração eucarística²⁶⁸. Esse movimento de renovação espiritual iniciou-se entre o povo cristão, precisamente, com a prática da adoração eucarística. A adoração era feita nas igrejas e tinha como propósito a consolação e reparação em Cristo das ingratidões causadas pela sociedade²⁶⁹.

Também nas Aparições angélicas aos videntes a devoção ao ‘Coração de Jesus’ teve um grande relevo. Sendo a mesma estrutura devocional dos séculos anteriores, ela contribuiu significativamente para a espiritualidade da reparação assumida e vivida pelos videntes. Assim, a análise da cristologia nominal do ‘Coração de Jesus’ nas *Memórias* é muito significativa por esta ser a fonte inspiradora da mensagem de conversão transversal a toda a Mensagem de Fátima.

3.4.1. O ‘Coração de Jesus’ no ciclo angélico

A referência ao ‘Coração de Jesus’ surge na primeira Aparição associada à oração “Meu Deus eu creio” ensinada pelo Anjo aos videntes. Apesar da oração ser explicitamente de cariz teocêntrico, ela é igualmente cristocêntrica, por ser atendida pelo ‘Coração de Jesus’ e, em consequência, pode-se depreender que se dirige ao Deus Uno e Trino da fé cristã. Esta fórmula de adoração ensinada aos videntes pretende criar uma vida interior e de união com Deus por meio do ‘Coração de Jesus’²⁷⁰. Esta angelofania foca-se no mistério do Filho de Deus: enviado pelo Pai para estabelecer a Nova Aliança, na Sua entrega na cruz realiza a redenção dos homens e intercede pelos homens junto do Pai²⁷¹.

Na segunda Aparição angélica, o ‘Coração de Jesus’ assume uma acentuação profundamente soteriológica, como se nota pela exortação do Anjo: “Orai! Orai muito! Os

²⁶⁸ Cf. J. FARIAS, «A espiritualidade dos Pastorinhos, à luz da teologia da reparação», pág.301.

²⁶⁹ Cf. J. FARIAS, “Adoração eucarística”, in *Enciclopédia de Fátima*, pág. 16.

²⁷⁰ Cf. P. COELHO, «Ciclo Angélico: a pedagogia da adoração reparadora», págs.215-216.

²⁷¹ Cf. P. COELHO, «Ciclo Angélico: a pedagogia da adoração reparadora», págs.215-216.

Corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Ofereci constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios”²⁷². A mensagem angélica mostra o rosto do ‘Coração de Jesus’ ligada à reparação pedida aos videntes, cujo significado soteriológico está relacionado com o sacrifício de Cristo na cruz oferecido ao Pai por toda a humanidade²⁷³. Este ato salvífico de Cristo constitui o princípio eficaz da participação dos videntes na obra de reparação e desperta (ou promove) neles a solidariedade para com os pecadores. Esta solidariedade em Cristo é fruto da pedagogia divina que une os corações dos três videntes à figura do ‘Coração de Jesus’. Nesta união os videntes oferecem-se juntamente com o Senhor ao Pai pelos pecadores²⁷⁴.

Na terceira Aparição, o mensageiro celeste faz a menção da referência cristológica ao ‘Coração de Jesus’ na oração de adoração eucarística: “pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração”²⁷⁵. Esta expressão liga a devoção ao ‘Coração de Jesus’ à sua história na Igreja, porque mostra a continuidade da união desta espiritualidade com a adoração reparadora ligada ao sacramento eucarístico. Esta nomenclatura situa a figura do ‘Coração de Jesus’ no âmago da espiritualidade eucarística, através da qual se descobre que é na Eucaristia que se concentram a adoração e a reparação. Deste modo, o memorial eucarístico – oferecido pelo Anjo na comunhão reparadora²⁷⁶ – acentua que a obra de reparação assenta nos merecimentos do ‘Coração de Jesus’, sendo uma dádiva do amor divino aos videntes para que se tornem participantes dela²⁷⁷.

3.4.2. A unidade dos “Corações de Jesus e de Maria”

O estudo da figura do ‘Coração de Jesus’ no ciclo angélico é indissociável da figura de Maria. De facto, desde a primeira Aparição do Anjo que a figura do ‘Coração de Maria’ surge ligado ao ‘Coração de Jesus’: “Orai assim, os Corações de Jesus e Maria estão atentos á

²⁷² Cit. 2ª, fl. 9v, pg. 152

²⁷³ Cf. P. COELHO, «Ciclo Angélico: a pedagogia da adoração reparadora», págs.221-222.

²⁷⁴ Cf. P. COELHO, «Ciclo Angélico: a pedagogia da adoração reparadora», págs.222-223.

²⁷⁵ Cit. 2ª, fl.10v, p.153

²⁷⁶ “Tomai e bebei o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, orrivelmente ultrajado pelos homens ingratos; reparaí os seus crimes e conçulai o vosso Deus”. Cit. 2ª, fl.10v, pág.153.

²⁷⁷ Cf. P. COELHO, «Ciclo Angélico: a pedagogia da adoração reparadora», págs.223-225.

vós das vossas suplicas”²⁷⁸. Na terceira memória, Lúcia explica como Jacinta interpretava na sua espiritualidade esta íntima união, bem como o que lhe parecia ser o pedido de Deus para a sua oração: “o Coração de Jesus quer, que a seu lado se venere o Coração Imaculado de Maria”²⁷⁹. Na sua vivência deste amor ardente por Deus, Jacinta entende que é da vontade de Cristo que com Cristo se venere o Coração de Maria. O significado desta união dos ‘Corações de Jesus e de Maria’ apresenta-se teologicamente com dois sentidos: o primeiro, bíblico-teológico; o segundo, eclesiológico.

O sentido bíblico-teológico refere-se à união de Maria com a obra redentora de Cristo revelada nos Evangelhos²⁸⁰. No início do Evangelho de S. Lucas, o Coração de Maria surge como o primeiro a acreditar no que lhe fora anunciado da parte de Deus no episódio da Visitação (cf. Lc 1, 45). Mais tarde, aquando do nascimento de Jesus, foi ele que prestou os primeiros cuidados ao seu Filho Jesus em Belém (cf. Lc 2, 19). Também, no final da vida de Jesus se dá um forte relevo à presença do ‘Imaculado Coração de Maria’. No capítulo dezanove de S. João relata-se que o Coração de Maria participou na agonia do Seu Filho na Cruz (cf. Jo 19, 25) e que viu o soldado a trespassar o coração do seu Filho (cf. Jo 19, 34). Também neste final se mostra a concretização espiritual da profecia de Simeão (cf. Lc 2, 35). Assim, a espiritualidade associada ao ‘Coração de Maria’ aparece vinculada ao ‘Coração de Jesus’ nas Aparições angélicas, sem nada acrescentar à eficácia salvífica de Cristo único mediador²⁸¹.

O sentido eclesiológico é expresso de modo exímio pelas palavras de S. Paulo VI no encerramento do terceiro período do Concílio Vaticano II: “o conhecimento da verdadeira doutrina Católica sobre Maria será sempre a chave da exata compreensão do mistério de Cristo e da Igreja, porque em Maria tudo é referido a Cristo e tudo depende d’Ele”²⁸². Esta frase elucida a compreensão da ligação entre o ‘Coração de Jesus e de Maria’ que perpassa toda Mensagem de Fátima.

²⁷⁸ Cit. 2ª, fl. 9v, pág. 152.

²⁷⁹ Cit. 3ª, fl. 5v, pg.195.

²⁸⁰ Cf. P. COELHO, «Ciclo Angélico: a pedagogia da adoração reparadora», pág.216.

²⁸¹ Cf. P. COELHO, «Ciclo Angélico: a pedagogia da adoração reparadora», pág.217.

²⁸² Cit. E. BUENO DE LA FUENTE, «Dimensão teocêntrica da mensagem de Fátima», in COUTINHO, Vítor, coord., *Mensagem de Esperança para o Mundo - Acontecimento e Significado de Fátima*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2012, pág.92.

Verifica-se então que, ao longo das Aparições, a figura do ‘Coração de Jesus’ vai sendo progressivamente desvelada aos videntes em três fases distintas. A primeira fase, na primeira oração do Anjo, na qual é criado o primeiro laço entre os videntes e o ‘Coração de Jesus’. A segunda fase, na união da figura do ‘Coração de Jesus’ à oração e ao sacrifício. Por último, a terceira fase, em que se destaca a íntima ligação da espiritualidade do ‘Coração de Jesus’ ao culto eucarístico. A novidade das revelações, contudo, não se centra no seu conteúdo, mas na progressividade e gradualidade da pedagogia divina para com os videntes.

3.5. A dimensão escatológica

A outra dimensão da vida espiritual dos videntes, que foi, neste ensaio, considerada importante para alcançar uma imagem do Cristo das *Memórias*, é a dimensão escatológica. Escatologia deriva do termo grego *éschathon*, que significa as coisas últimas e definitivas. Assim, num sentido cristão, a escatologia aborda o Reino de Deus na ressurreição. Este Reino final foi visto no cristianismo, a partir de S. Paulo, como o “tempo” em que Deus vem “instaurar todas as coisas em Cristo” (Ef 1, 10)²⁸³. Este “tempo” a que se refere S. Paulo é o lugar da revelação na história de Deus Trindade, como uma consequência da Páscoa de Jesus. No plano da revelação divina, a Páscoa é o ponto culminante da história, em que Deus se revela a partir do Ressuscitado²⁸⁴.

As *Memórias* apresentam também uma cristologia sobre o destino último do homem, o que o espera para lá da morte. Contudo, elas tratam sobretudo a chamada escatologia individual e, dentro dessa, os novíssimos paraíso e inferno²⁸⁵. Esta dimensão é aqui abordada a partir do confronto que os videntes tiveram com estas realidades. Em primeiro lugar a contemplação que Francisco faz da ressurreição de Jesus, no contexto das mariofancias. Em segundo lugar a percepção que Jacinta tinha do inferno e a reflexão que fazia sobre o destino dos pecadores.

²⁸³ Cf. E. TOURÓN, “Escatologia”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, pág. 264.

²⁸⁴ Cf. E. TOURÓN, “Escatologia”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, pág. 274.

²⁸⁵ Cf. J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima. Ensaio Teológico sobre a Mensagem de Fátima como contributo para entender e viver hoje em Portugal*, Ed. Paulinas, Lisboa 2010, pág. 83.

3.5.1 A escatologia das mariofanias

As várias menções do nome ‘Nosso Senhor’, estão identificadas com a experiência mística de Francisco Marto no âmbito das Aparições de maio, setembro e outubro. Em todas, o tema da “luz” é relatado pelo vidente como uma grande experiência que o envolveu²⁸⁶. Esta luz é a presença escatológica do Senhor, que surge aos videntes pela envolvimento que estes nela fizeram, como que num vislumbre da eternidade. E foi nesse vislumbre que os próprios videntes foram inseridos: “Gostei muito de vêr Nosso Senhor: mas gostei mais de o vêr n’aquela luz onde nós estávamos também”²⁸⁷. Para E. Bueno de la Fuente, esta vivência mística do santo que lhe permite identificar Cristo na “luz” assemelha-se àquela experiência pascal de luz que permitiu aos apóstolos uma compreensão do sentido dos acontecimentos e os tornou testemunhas da ressurreição de Cristo²⁸⁸.

Deste modo, a experiência mística das Aparições despertou em Francisco o desejo de encontro com ‘Nosso Senhor’ pela esperança de brevemente “ir para céu”. Esta experiência de contemplar ‘Nosso Senhor’ na “luz” é reveladora da esperança escatológica do santo no encontro definitivo que o faz desejar intensamente vê-la no paraíso: “Daqui a pouco já Nosso Senhor me leva lá pró pé d’Ele e entam veijo sempre”²⁸⁹. Este enunciado escatológico do vidente sobre o seu encontro definitivo com Deus funda-se na experiência de encontro com Cristo que se tornou uma presença de graça salvífica. Assim, o princípio fundamental dos enunciados escatológicos nas *Memórias* é a revelação por Maria da “luz” que é Cristo²⁹⁰.

O pendor escatológico das mariofanias encontra-se ainda ligado à relação de Maria com o Ressuscitado. Esta relação está ligada à referência a ‘Nosso Senhor’, a partir do

²⁸⁶ Cit. 4ª, Fl.13, pág. 204; “Gostei muito de vêr Nosso Senhor: mas gostei mais de o vêr n’aquela luz onde nós estávamos também: Daqui a pouco já Nosso Senhor me leva lá pró pé d’Ele e entam veijo sempre”. Cit. 4ª, fl. 22, pág. 208.

²⁸⁷ Cf. 4ª, fl. 68, pág. 230

²⁸⁸ Cf. E. BUENO DE LA FUENTE, *A Mensagem de Fátima – A misericórdia de Deus*, pág.170-171.

²⁸⁹ Cit. 4ª, fl.22, p.208.

²⁹⁰ Cf. K. VECHTEL, «A esperança cristã no encontro definitivo com Deus», in *Envolvidos no Amor de Deus pelo Mundo – Experiência de Deus e Responsabilidade Humana*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2015, pág. 91.

gesto da bênção. Na Aparição, a descrição da visão foca essa bênção no momento do fenómeno solar: “Nosso Senhor parecia abençoar o mundo da mesma fôrma que S. José”²⁹¹. A referência cristológica associada ao gesto de bênção de Cristo pode ser interpretada à luz do mistério da Ascensão de Jesus, no momento da sua elevação ao Céu, no qual Ele se despede dos seus discípulos dando-lhes a bênção. Deste modo, pode-se entender esta bênção de ‘Nosso Senhor’ como componente nuclear do mistério pascal de Cristo que é o pressuposto de todas as bênções de Deus²⁹².

Além do gesto concreto da bênção, a partir da leitura das nomenclaturas de ‘Nosso Senhor’ pode-se haurir o seu significado escatológico pela relação das mariofanias com a ressurreição de Jesus. Este evento escatológico de Cristo possibilita a experiência do encontro dos videntes com a humanidade glorificada da Virgem de Fátima que os leva à experiência do encontro com Cristo Ressuscitado²⁹³.

3.5.2. O inferno

Na dimensão escatológica, as *Memórias* apresentam a referência cristológica relacionada com a temática do inferno no âmbito da mariofania de julho. Depois da visão do inferno, a Virgem Maria vem em auxílio da humanidade por meio da oração ensinada na mesma Aparição de julho: “Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno; levai as alminhas todas para o Céu, principalmente aquelas que mais precisarem”²⁹⁴. Deste modo Maria ensina os videntes a dirigirem-se a Cristo, a invocar o nome de Cristo, porque só por meio d’Ele se pode livrar do mal todos os homens e levá-los à salvação²⁹⁵.

Esta referência cristológica refere-se ao cerne da escatologia cristã que é a salvação do homem. A meditação do inferno versa sobre a perdição do homem pecador que a si

²⁹¹ Cit. 4ª, fl.82, pág.236

²⁹² Cf. E. BUENO DE LA FUENTE, *A Mensagem de Fátima – a Misericórdia de Deus: o Triunfo do Amor nos Dramas da História*, pág.268 e 269.

²⁹³ Cf. E. BUENO DE LA FUENTE, «Dimensão teocêntrica da mensagem de Fátima», pág.71

²⁹⁴ Cit. 4ª, fl.75, pág.232.

²⁹⁵ Cf. F. R. GARRAPUCHO, «La centralidade cristológica en el mensaje de Fátima», pág.336.

mesmo se exclui do Céu e da relação com Deus por recusar o Seu amor²⁹⁶. Neste sentido, a Mensagem de Fátima tem um enorme acento profético e apocalíptico, como uma última oportunidade para que os homens se possam salvar²⁹⁷.

Esta visão do inferno, na Aparição de julho, relaciona-se com a problemática da salvação das almas, que é o que mais preocupa Jacinta: “temos que resar e oferecer sacrifícios a Nosso Senhor, para que o converta e não vá para o inferno coitadinho”²⁹⁸. A visão do inferno, que mais impressionou Jacinta, leva-a a refletir nas suas consequências. A vidente preocupa-se seriamente com a possibilidade de que o homem pecador se possa perder eternamente. Por outro lado, a pastorinha confia na possibilidade de o homem ser libertado do juízo pela graça superabundante em Cristo²⁹⁹: “temos que resar e oferecer sacrifícios a Nosso Senhor”³⁰⁰.

Assim, através do estudo das referências cristológicas pode-se observar o seu conteúdo teológico-escatológico, presente desde o acontecimento fundante das mariofanias. No ponto anterior, as referências cristológicas aludiam à luz do ressuscitado, inflamando o desejo de Francisco pela salvação definitiva na contemplação de Deus face a face. Neste último, sobre o inferno, destaca-se o amor de Jacinta pelos pecadores. Unida a Cristo em orações e sacrifícios, a vidente deseja ardentemente salvá-los do inferno, o lugar da perdição³⁰¹.

À luz da ressurreição de Cristo, vê-se o sentido profundamente cristocêntrico das mariofanias. A reflexão trinitária e cristológica é essencial para a interpretação do conteúdo soteriológico e escatológico das referências cristológicas nas quais, à luz das múltiplas manifestações de Cristo ressuscitado, se compreende o sentido da mensagem das

²⁹⁶ Cf. J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima*, pág.84.

²⁹⁷ Cit. J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima*, pág.83.

²⁹⁸ Cit. 1ª, fl.29, p.133

²⁹⁹ Cf. E. TOURÓN, “Escatologia”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, pág. 278.

³⁰⁰ Cit. 1ª, fl.29, pág. 133.

³⁰¹ Cit. J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima*, pág.83.

mariofanias³⁰². Nas referências ao inferno, por seu lado, é crucial a compreensão da necessidade de salvação. Jacinta entendeu esta necessidade profundamente e viu que a sua ação reparadora contribuía para que Cristo continuasse a salvar as almas.

Concluindo este estudo teológico das referências cristológicas salienta-se que a figura de Jesus das *Memórias* é o Cristo crucificado, sobre a qual assenta a dimensão soteriológica que brota das mensagens celestes e para a qual convergem todos os traços de Jesus das outras dimensões teológicas. Na abordagem da cristologia nominal das *Memórias* releva-se que a imagem de Jesus é fruto da espiritualidade dos videntes que deriva das angelofanias e das mariofanias. Apesar de estas revelações não trazerem qualquer novidade à revelação operada por Cristo, elas dão-lhe um novo impulso espiritual, concentrando-a no âmbito da figura de Jesus da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, do culto eucarístico e do conhecimento dos novíssimos, nomeadamente, do paraíso e inferno. Assim, a reflexão teológica ao redor dos nomes de Jesus contribui para recentrar a figura de Cristo que fica diluída no universo da religiosidade popular mariana de Fátima.

³⁰² Cf. E. BUENO DE LA FUENTE, *A Mensagem de Fátima – A misericórdia de Deus*, pág.155-158.

CONCLUSÃO

Em conclusão, pode afirmar-se que os traços de Jesus nas *Memórias* aparecem em sintonia com a figura de Jesus apresentado pela Igreja do séc. XX, uma vez que a Mensagem de Fátima anda a par com os apelos da Igreja à conversão e penitência. Esta mensagem é a mesma da palavra de arrependimento e de conversão dos pecadores, explícita na *Missão Abreviada* e na *Cartilha da Doutrina Cristã*, dois documentos sumamente importantes para compreender a doutrina e a piedade do povo de Fátima, que era comumente incutida às crianças na época dos pastorinhos. Por fim, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e o culto eucarístico criaram as predisposições necessárias para os videntes conhecerem e aprofundarem o Cristo das revelações do Anjo e da Virgem Maria.

A partir das *Memórias* é possível elaborar um discurso com os traços fundamentais da figura de Jesus que constituem o *corpus* da Mensagem de Fátima. Este estudo, ao debruçar-se sobre a cristologia nominal, permite dizer que o Jesus extraído do escrito de Lúcia é tido como “objeto” de relação com os diversos intervenientes. Assim, a leitura das referências cristológicas permite desvendar quem é o Cristo das *Memórias*.

Ao analisar o nome ‘Nosso Senhor’, que melhor define o Jesus das *Memórias*, este pode-se caracterizar, por meio da mensagem da Virgem Maria, como o Deus que se compadece da humanidade pelo Seu Filho Jesus Cristo. O nome ‘Nosso Senhor’ mostra, através do olhar dos videntes, a imagem do Jesus crucificado, o servo sofredor que é objeto de simpatia dos videntes, de sentimentos de comiseração pelos sofrimentos causados pelos pecados dos homens. Com efeito, este nome cristológico mostra a atitude sacrificial, não propriamente em ação reparadora, mas especificamente como propósito ou desejo de reparação em sacrifícios diversificados que ligam intimamente o coração dos videntes ao de Cristo.

Por outro lado, a referência cristológica ‘Jesus’ está conotada com o apostolado da reparação pedido pela Virgem de Fátima aos videntes. Este nome ‘Jesus’, associado à atividade reparadora dos videntes, tem como destinatário a Cristo. Ele é, antes de mais, o mediador da graça salvífica das ações solidárias dos videntes. Deste modo, este nome

cristológico ganha particular significado em Jacinta e Francisco, sendo as noções de reparação e consolação expressão da participação na redenção de Cristo.

Estes dois nomes – ‘Nosso Senhor’ e ‘Jesus’ – são relevantes para a soteriologia haurida das *Memórias*. O primeiro, mostra uma experiência de encontro dos videntes com Cristo crucificado pela contemplação e, concomitantemente, pelo desejo de corresponder aos desígnios de Deus por meio da oração e do sacrifício. O segundo nome, relaciona-se com a participação dos videntes no mistério salvífico de Cristo, da ação reparadora que aparece quer nos sacrifícios voluntários, quer no sofrimento enviado por Deus e acolhido com amor pelos pecadores e pela consolação de Deus ofendido.

Porém, dos vários nomes cristológicos estudados nas *Memórias* destaca-se o ‘Coração de Jesus’ como o mais relevante da Mensagem de Fátima, por condensar em si todos os significados das referências cristológicas deste escrito de Lúcia. Por um lado, a figura do Coração de Jesus revela-se unida à ação salvífica de Cristo pela exortação à reparação com orações e sacrifícios (dimensão soteriológica). Por outro, o ‘Coração de Jesus’ é indissociável do mistério eucarístico e da oração trinitária. Com efeito, pode-se aferir que toda a ação solidária dos videntes e a sua espiritualidade tem como alicerce a figura do Coração de Jesus, que é o rosto do encontro com Cristo na oração, conversão e reparação.

Ao refletir-se sobre a cristologia nominal das *Memórias* realça-se o seu contributo para a soteriologia como uma dimensão transversal a todos os nomes de Jesus nas *Memórias*. Assim, verifica-se que ela supera alguns limites e carências apontados a certos tratados de soteriologia sistemática: a visão individualista da salvação; o juridicismo da visão soteriológica; o espiritualismo; e por último a salvação vista como um dado escatológico³⁰³.

Ao contrário da visão redutora da salvação, o contributo deste estudo sobre o Jesus das *Memórias* mostra que a salvação tem a mediação da Virgem Maria, na luz que ela infunde aos videntes manifestando a superabundância do dom de Deus que se oferece ao homem, contrastando com o aspeto voluntarista e do mérito pessoal da espiritualidade

³⁰³ Cf. G. SALVATI, “Salvação”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, pág. 826.

cristã. Com efeito, a contemplação dos videntes de Cristo crucificado e a doação das suas vidas em sacrifício de reparação mostra o espírito de comunhão e de compromisso com a Igreja que se distancia da perspectiva meramente transformadora da alma sem repercussões no corpo eclesial. Por último, o Jesus das *Memórias* é a fonte da redenção do homem, verdadeira experiência de salvação dos videntes na terra, com a esperança escatológica de a viver eternamente no céu, o que enfraquece a ideia da redenção somente na posteridade da vida terrena³⁰⁴.

Por fim, há algumas considerações finais acerca do contributo deste estudo para uma nova forma de olhar o fenómeno de Fátima. O contributo mais significativo desta reflexão prende-se com os elementos cristocêntricos tratados no estudo das *Memórias*. É sem dúvida um olhar mais amplo sobre a figura de Jesus na Mensagem de Fátima, tal como este se mostra na sua iconografia e na sua espiritualidade. Em termos iconográficos salienta-se, por exemplo, a imagem do Sagrado Coração de Jesus situada no centro do Recinto de Oração do Santuário de Fátima. Outro elemento de destaque é a cruz alta no recinto, também ela é reflexo do Jesus presente na mensagem do escrito de Lúcia. O crucificado é a representação mais relevante do Jesus dos videntes e à qual configuraram as suas vidas. Por outro lado, em termos espirituais poder-se-ão evocar a própria devoção do rosário; a devoção dos primeiros sábados em reparação ao Imaculado Coração de Maria; o culto eucarístico expresso nas celebrações, na adoração ao Santíssimo e na procissão eucarística; e, por último, o sacramento da reconciliação. Estes momentos celebrativos da vida espiritual do Santuário entrecruzam-se com o Jesus das *Memórias* e configuram tópicos cristológicos de Fátima.

³⁰⁴ Cf. G. SALVATI, “Salvação”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, pág. 827.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

Documentação Crítica de Fátima - I – Interrogatórios aos videntes- 1917, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 1992.

Documentação crítica de Fátima – Seleção de documentos (1917-1930), Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2013.

LÚCIA DE JESUS (Irmã), *Apelos da Mensagem de Fátima*, Ed. Secretariado dos Pastorinhos, 3ª edição, Fátima 2005.

LÚCIA DE JESUS (Irmã), *Memórias da Irmã Lúcia I*, 13ª edição, Ed. Secretariado dos Pastorinhos, Fátima 2007.

LÚCIA DE JESUS (Irmã), *Memórias* (edição crítica de Cristina Sobral), Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2016.

2. Documentos catequéticos

COUTO, Manuel José Gonçalves Couto, *Missão Abreviada*, Tipografia de Sebastião José Pereira, Porto 1968.

PIMENTEL, António José de Mesquita, *Cartilha da Doutrina Cristã*, ed. Fac-simile, Ed. Salamonde, Vieira do Minho 2005.

PIO X (S.), *Catecismo da Doutrina Cristã*, de S. Pio X, Trad. Manuel da Conceição Santos, Ed. “União Gráfica”, Lisboa 1938.

3. Estudos

ABRANTES, Joaquim Roque – PINTO, Manuel Serafim – PINTO, Maria Palmira Carvalho, *Aljustrel. Uma Aldeia de Fátima, O passado e o presente*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 1993.

ABREU, Adélio Fernando, «Contextualização da Mundividência subjacente aos Acontecimentos de Fátima», in *Francisco Marto: Crescer para o Dom*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2010, págs. 59-103.

BUENO DE LA FUENTE, Eloy, «Dimensão teocêntrica da mensagem de Fátima», in COUTINHO, Vítor, coord., *Mensagem de Esperança para o Mundo - Acontecimento e Significado de Fátima*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2012, págs. 49-110.

BUENO DE LA FUENTE, Eloy, *A Mensagem de Fátima – a Misericórdia de Deus: o Triunfo do Amor nos Dramas da História*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2013.

CARVALHO, José Carlos, «A reparação como via de consolação a Deus», in VAZ, Carla Abreu, coord., *Envolvidos no amor de Deus pelo mundo: Itinerário temático do Centenário das Aparições de Fátima: 4.º ciclo*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2013, págs. 93-107.

COELHO, Paulo, «Ciclo Angélico: a pedagogia da adoração reparadora», in *Congresso Internacional: Fátima para o Século XXI*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2008, págs. 205-226.

CULLMANN, Óscar, *Cristologia do Novo Testamento*, Ed. Custom, São Paulo 2002.

FARIAS, José Jacinto, «A espiritualidade dos Pastorinhos, à luz da teologia da reparação», in COUTINHO, Vítor, coord., *Jacinta Marto do Encontro à Compaixão*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2010, págs. 289-302.

FARIAS, José Jacinto, *Um fogo que arde, mas não queima. Ensaio Teológico sobre a Mensagem de Fátima como contributo para entender e viver hoje em Portugal*, Ed. Paulinas, Lisboa 2010.

GARRAPUCHO, Fernando Rodriguez, «La centralidad cristológica en el mensaje de Fátima», in *Congresso Internacional: A Fenomenologia e Teologia das Aparições*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 1998, pág. 333-350.

LOUVENCOURT, Jean-François, *A arte de se maravilhar com Francisco e Jacinta de Fátima*, Ed. Paulinas, Lisboa 2016.

MANZI, Franco, *As Crianças-profetas de Fátima – O Olhar de Três Crianças sobre o Ressuscitado*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2018.

MARTO, António, «A Beleza do Rosto Trinitário de Deus na Mensagem de Fátima», in *Congresso Internacional: Santíssima Trindade Pai, Filho, Espírito Santo*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2008, págs. 35-56.

MARTO, António, «Eucaristia e Trindade – A Dimensão Eucarística na Mensagem de Fátima», in *Humanística e Teologia XIX/1-2* (1998), págs. 15-37.

MILITELLO, Cettina, «O Evangelho de Jesus: resposta ou pergunta na busca humana de Deus?», in *Envolvidos no Amor de Deus pelo Mundo – Experiência de Deus e Responsabilidade Humana*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2015, págs. 63-88.

MORUJÃO, Manuel, «Ciclo Mariano: a Visitação de Nossa Senhora em Fátima – Oração e Conversão», in *Congresso Internacional: Fátima para o Século XXI*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2008, págs. 229-264.

MORUJÃO, Manuel, «Uma espiritualidade da consolação», in *Francisco Marto Crescer para o Dom*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2010, págs. 185-212.

POÇAS DAS NEVES, José Manuel Dias, *Memórias de BOLEIROS – Uma aldeia de Fátima*, e Ed. Boleiros 400 anos – Associação Cultural, Fátima 2007.

POÇAS NEVES, José Manuel Dias, *A Fátima dos inícios do século XX – A Freguesia de Fátima (1900-1917)*, Ed. Rotary Club, Fátima 2005.

PUIG, Armand, *Jesus. Uma biografia*, Ed. Paulus, Lisboa 2006.

SCHEFFCZYK, Leo, «A mensagem da Paz de Fátima», in COUTINHO, Vítor, coord., *Mensagem de Esperança para o Mundo – Acontecimento e Significado de Fátima*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2012, págs. 243-315.

SILVA, Emanuel Matos, «Uma Espiritualidade sacrificial», in COUTINHO, Vítor, coord., *Jacinta Marto: Do Encontro à Compaixão*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2010, págs. 337-367.

VECHTEL, Klaus, «A esperança cristã no encontro definitivo com Deus», in *Envolvidos no Amor de Deus pelo Mundo – Experiência de Deus e Responsabilidade Humana*, Ed. Santuário de Fátima, Fátima 2015, págs. 89-108.

4. Artigos de Dicionários

FARIAS, José Jacinto, “Adoração eucarística”, in AZEVEDO, Carlos – CRISTINO, Luciano, coord., *Enciclopédia de Fátima*, Ed. Principia, Estoril, 2007, págs.16-18.

FARIAS, José Jacinto, “Redenção”, in AZEVEDO, Carlos – CRISTINO, Luciano, coord., *Enciclopédia de Fátima*, Ed. Principia, Estoril, 2007, págs. 445-449.

FEDERICI, Tommaso, “Doxologia”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, Ed. Paulus, São Paulo 1998, págs.226-231.

MENDES, Joaquim, “Eucaristia”, in AZEVEDO, Carlos – CRISTINO, Luciano, coord., *Enciclopédia de Fátima*, Ed. Principia, Estoril 2007, págs. 203-210.

PEREIRA DE MATOS, Manuel, “Trindade”, in *Enciclopédia de Fátima*, in AZEVEDO, Carlos – CRISTINO, Luciano, coord., *Enciclopédia de Fátima*, Ed. Principia, Estoril 2007, págs. 549-553.

SALVATI, Giuseppe, “Salvação”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, Ed. Paulus, São Paulo 1998, págs.815-827.

TOURÓN, Eliseo, “Escatologia”, in *Dicionário Teológico – O Deus Cristão*, Ed. Paulus, São Paulo 1998, págs. 264-280.

Anexo

Referências Cristológicas usadas no estudo apresentado no 2º Capítulo

1. *Nosso Senhor*

Aparições de Nossa Senhora

- 1) “Que é que Vossemecê me quer? Quero dizer-te que façam aqui uma capela em minha honra que sou a Senhora do Rosario, que continuem sempre a rezar o terço todos os dias, a guerra vai acabar e os melitares voltarão em breve para suas casas. Eu tinha muitas coisas para lhe pedir. Se curava uns doentes, e se convertia uns pecadores etc. Uns sim; outros não. É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados: e tomando um aspecto mais triste: Não ofendão mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido”³⁰⁵.
- 2) “Desta aparição as palavras que mais se me gravaram no coração foi o pedido da Nossa Santissima Mãe do Céu.– Não ofendam mais a Deus **Nosso Senhor** que já está muito ofendido. Que amorosa queixa e que terno pedido! Quem me dera que êle ecoasse pelo mundo fóra e que todos os filhos da Mãe do Céu ouvissem o som da sua vóz”³⁰⁶.
- 3) “Continuem a rezar o terço, para alcançarem o fim da guerra: em Outubro virá também **Nosso Senhor**, Nossa Senhora das Dôres e do Carmo, S. José com o Menino Jesus para abençoarem o Mundo. Deus está contente com os vossos sacrificios, mas não quer que durmais com a corda, trazei-a só durante o dia”³⁰⁷.
- 4) “Desaparecida Nossa Senhora na emensa distancia do firmamento vimos ao lado do sol S. José com o Menino e Nossa Senhora vestida de branco com um manto azul. S. José com o Menino parciam abençoar o mundo com uns gestos que faziam com a forma de cruz. Pouco depois desvanecida esta aparição, vi **Nosso Senhor** e Nossa Senhora que me dava a edeia de ser Nossa Senhora das Dôres. **Nosso Senhor** parcia abençoar o mundo da mesma fórmula que S. José. Desvaneceu-se esta aparição, e parceu-me vêr ainda Nossa Senhora em forma / semelhante a Nossa Senhora do Carmo”³⁰⁸.

Jacinta - Antes das Aparições

- 5) “isso não manda-me outra coisa, porque não me mandas beijar aquele **Nosso Senhor** que está ali, (era um cruxifixo que havia pendurado na parede) pois sim, respondi sobes acima d’uma cadeira, traze-lo para qui e de joelhos, dás-lhe tres abraços e tres beijos um pelo Francisco, outro por mim e outro por ti; a **Nosso Senhor**, dou todos quantos

³⁰⁵ 4ª, fl. 81, pág.235.

³⁰⁶ 2ª, fl. 23v, pág.168.

³⁰⁷ 4ª, fl. 80, pág.235.

³⁰⁸ 4ª, fl. 82, pág.236.

quiseres, e correu a buscar o cruxifixo, beijou e abraçou-o com tanta devoção, que nunca mais me esqueceu aquela / ação; depois olha com atenção para **Nosso Senhor** e pergunta; porque está **Nosso Senhor** assim pregado n'uma cruz? Porque morreu por nós. Conta-me como foi?”³⁰⁹.

- 6) “Minha Mãe costumava ao serão contar contos... vinha minha Mãe, com a história da Paixão... Eu conhecia pois a Paixão de **Nosso Senhor** como uma história, e como me bastava ouvir as histórias uma vez, para as repetir com todos os seus detalhes; comecei a contar aos meus companheiros, promenorizadamente a história de **Nosso Senhor**, como eu Ihe chamava”³¹⁰.
- 7) “ao ouvir contar os sufrimentos de **Nosso Senhor**, a pequenina (Jacinta) entreneceu-se e chorou; muitas vezes depois, pedia para Iha repetir, chorava com pena, e dizia, coitadinho de **Nosso Senhor**, eu não eide fazer nunca nenhum pecado, não quero que **Nosso Senhor** sofra mais”³¹¹.
- 8) “Jacinta, perguntei-lhe; para que vais ai no meio das ovelhas? Para fazer como **Nosso Senhor** que n'aquela santinho, que me deram tambem está assim, no meio de muitas, e com uma ao colo”³¹².

Durante as Aparições

- 9) “E, o que é o inferno? (responde a Lúcia) É uma cova de bichos e uma fogueira muito grande e vai para lá quem fáz pecados e não se confessa, e fica lá sempre a arder... o inferno nunca acaba. E o Céu também não. Quem vai para o Céu nunca mais de lá sai... Fizemos então pela primeira vez a meditação do inferno e da eternidade. O que mais imprecionou a Jacinta foi, a eternidade. Mesmo brincando de vez enquanto perguntava. Mas olha, então depois de muitos muitos anos o inferno ainda não acaba? Outras vezes E aquela gente que lá está á arder, não morre? E não se fáz em cinza? E se a gente resar muito por os pecadores, **Nosso Senhor** livra-os de lá? E com os sacrificios também? Coitadinhos havemos de resar e fazer muitos sacrificios por eles”³¹³.
- 10) “(Na prisão) Jacinta então tu não queres oferecerêste sacrificio a Nosso Senhor? Ihe perguntei. Quero, mas lembro-me de minha mãe e choro sem querer”³¹⁴.

³⁰⁹ 1ª, fls. 7-8, pág. 120.

³¹⁰ 1ª, fl. 8, pág. 120.

³¹¹ 1ª, fl. 9, pág. 121.

³¹² 1ª, fl. 14, pág. 124.

³¹³ 1ª, fl. 17, pág. 126.

³¹⁴ 1ª, fl. 26, pág. 131.

- 11) “Disse-me eu agora já não bailo mais. (Jacinta) E porque? porque quero oferecer êste sacrificio a Nosso Senhor. E como eramos as cabeças na brincadeira entre as crianças; acabaram os bailes que se questumavam fazer nestas ocasiões”³¹⁵.
- 12) “aquela gatinha simples das aldeias / não nos deixavam; contavam com toda a simplicidade todas as suas necessidades e aflições. A Jacinta mostrava pena em especial quando se tratava dalgum pecador; e então, dizia, temos que resar e oferecer sacrificios a **Nosso Senhor**, para que o converta e não vá para o inferno coitadinho”³¹⁶.
- 13) “Seja pela gruçura e aspreza da corda, seja porque ás vezes a pertassemos demasiado, êste instrumento fazia-nos por vezes sofrer horrivelmente; a Jacinta deixava ás vezes cair algumas lagrimas com a força do incomodo que Ihe causava; e dizendo-lhe eu algumas vezes para a tirar, respondia. Não! Quero oferecerêste sacrificio a **Nosso Senhor**, em reparação e pela conversão dos pecadores”³¹⁷.
- 14) “Vieram um dia falar-nos trez cavalheiros, depois do seu interrogatório bem pouco agradável, despediram-se, dizendo. Veijam se se resolvem a dizer êsse segredo, se não o S. Administrador está disposto a acabar-lhes com a vida. A Jacinta deixando transparcer a alegria no rosto diz. Mas que bom! Eu gosto tanto de **Nosso Senhor** e de Nossa Senhora e assim vamos velos breve”³¹⁸.
- 15) “Mas sufriam (a Jacinta e o Francisco) por me vêr sofrer e não poucas vezes as lágrimas Ihe banharam as faces por me verem aflita ou mortificada. Um dia, a Jacinta dizia-me, quem me dera que meus Pais fossem como os teus, para que esta gente tambem me podesse bater, porque assim tinha mais sacrificios para oferecer a **Nosso Senhor**”³¹⁹.
- 16) “Não, dessa água bôa não quero, bebia desta porque em vez de oferecer a **Nosso Senhor** a cede, ofrecia-Lhe o sacrificio de beber d’esta água suja. Na verdade a água d’esta lagoa era sugíissima, varias peçoas ai lavavam a roupa e os animais iam ai beber e / banhar -se; por isso minha mãe tinha o cuidado de recomendar a seus filhos que não bebessem d’essa água. Outras vezes dizia, **Nosso Senhor** deve estar contente com os nossos sacrificios porque eu tenho tanta, tanta cede; mas não quero beber; quero sofrer por Seu amor”³²⁰.
- 17) “Um dia estavamos sentadas no portal da casa de meus Tios, quando notamos que se aproximam varias peçoas, o Francisco, comigo sem tempo para mais curremos cada um

³¹⁵ 1ª, fl. 27, pág. 131.

³¹⁶ 1ª, fl. 29, pág. 133.

³¹⁷ 2ª, fl. 20, pág. 164.

³¹⁸ 2ª, fl. 21v, pág. 165.

³¹⁹ 2ª, fl. 28v, pág. 173.

³²⁰ 2ª, fls. 28v-29, pág. 174.

para seu quarto a esconder-nos debaixo das camas, a Jacinta diz, eu não me escondo. Vou oferecer a **Nosso Senhor** êste sacrificio”³²¹.

18) “Um dia disse-me a minha Tia; pergunta á Jacinta o que está a pensar, quando está tanto tempo com as mãos na cara, sem se mover; já lho tenho preguntado, mas sorri-se e, não responde. Fiz a pergunta. Penso (respondeu) em **Nosso Senhor**, Nossa Senhora, nos pecadores e em (nomeou algumas coisas do segredo) gosto muito de pensar”³²².

19) (Jacinta) “Vosses tem-se esquecido de dizer a **Nosso / Senhor** que o amam pelas graças que nos tem feito?”³²³.

Durante a doença da Jacinta

20) “Um dia na sua doença disse-me gosto tanto de dizer a Jesus que o amo! quando lho digo muitas vezes, parece que tenho lume no peito; mas não me queimo.

Outra vez dizia – gosto tanto de **Nosso Senhor** e de Nossa Senhora, que nunca me canço de lhes dizer que os amo”³²⁴.

21) “Passavam assim os dias da Jacinta, quando **Nosso Senhor** mandou a Penamonica, que a prostrou em cama com seu Irmãozinho, nas vésperas de adoecer dizia; doe-me tanto a cabeça, e tenho tanta sede; mas não quero beber, para sofrer pelos pecadores”³²⁵.

22) “Como desobedece assim a tua mãe e não ofereces êste sacrificio a **Nosso Senhor**? Ao ouvir isto deixou cair algumas lágrimas, que eu tive a felicidade de limpar; e disse agora não me lembrei, e chama pela Mãe pede-lhe predão que toma tudo quanto ela quizer; a Mãe trás-lhe a chicra do leite; toma-o sem mostrar a mais leve repugnância, depois disse-me se tu soubesses quanto me custou a tomar”³²⁶.

23) “Cada vez me custa mais a tomar o leite e os caldos, mas não digo nada, tomo tudo por amor de **Nosso Senhor** / e do Imaculado Coração de Maria, nossa Mãezinha do Céu. Perguntei-lhe um dia. Estás melhor? Já sabes que não melhoro; e acrescentou, tenho tantas dores no peito! mas não digo nada, soffro pela conversão dos pecadores”³²⁷.

³²¹ 2ª, fl. 29, pág. 174.

³²² 1ª, fl. 36, pág. 137.

³²³ 2ª, fl. 19, pág. 163.

³²⁴ 1ª, fl. 30, pág. 133.

³²⁵ 1ª, fl. 33, pág. 135.

³²⁶ 1ª, fl. 33, pág. 135.

³²⁷ 1ª, fl. 34, pág. 136.

- 24) “Se tu fosses comigo! O que mais me custa é ir sem ti. Se calhar o hospital é uma casa muito escura, onde não se vê nada; e eu estou ali a sofrer sozinha! Mas não importa, sofro por amor de **Nosso Senhor**, para reparar o Imaculado Coração de Maria, pela conversão dos pecadores e pelo S. Padre”³²⁸.
- 25) “Dá muitas saudades minhas a **Nosso Senhor** e a Nossa / Senhora e diz-lhe que sofro tudo quanto eles quizerem, para converter os pecadores e reparar o Imaculado Coração de Maria”³²⁹. (diz Jacinta ao seu irmão)
- 26) “Sofro sim: mas ofereço tudo pelos pecadores, e para reparar o Imaculado Coração de Maria. Depois falou com entusiasmo de **Nosso Senhor** e de Nossa Senhora e dizia gosto tanto de sofrer por seu amor! para dar-lhes gosto! Eles gostam muito de quem sofre para converter os pecadores ... Encontrei-a com a mesma alegria por sofrer por amor do Nosso bom Deus, do Imaculado / Coração de Maria, pelos pecadores e pelo Santo Padre, era o seu edial, era no que falava”³³⁰.
- 27) “nunca mais te eide tornar a vêr? Nem a minha Mãe nem os meus Irmãos, nem o meu pai? Nunca mais eide ver ninguem? E depois morro sozinha! Não penses nisso Ihe disse um dia. Deixa-me pensar, porque quanto mais penso mais sofro; e eu quero sofrer por amor de **Nosso Senhor** e pelos pecadores. E depois não me importo Nossa Senhora vai-me lá a buscar para o Céu”³³¹.
- 28) “A Jacinta dizia-me ás vezes. Sinto uma dôr tam grande no peito, mas não digo nada a minha Mãe; quero sofrer por **Nosso Senhor**, em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria, pelo Santo Padre e pela conversão dos pecadores”³³².
- 29) “Quando um dia pela manhã cheguei junto d’ela, perguntou-me, quantos sacrifícios oferecete esta noite a **Nosso Senhor**? Três, levantei-me três vezes a rezar as orações do Anjo. Pois, eu ofreci-Lhe muitos, muitos, não sei quantos foram porque tive muitas dores e não me queixei”³³³.
- 30) “Sua Mãe sabia o quanto Ihe repugnava o leite... Não minha Mãe, as uvas não as quero leve-as, dê-me antes o leite que o tomo, e sem mostrar a minima repugnância tomou-o. Minha tia retirou-se contente, pensando que o fastio da sua filhinha ia / desaparecendo.

³²⁸ 1ª, fl. 34, pág. 136.

³²⁹ 1ª, fl. 35, pág. 136.

³³⁰ 1ª, fl. 35, pág. 137.

³³¹ 1ª, fl. 37, pág. 138.

³³² 2ª, fl. 32v, pág. 178.

³³³ 2ª, fl. 32v, pág. 179.

Depois voltou-se para mim e disse-me. Apeteciam-me tanto aquelas uvas e custou-me tanto tomar o leite! Mas quis oferecer êste sacrificio a **Nosso Senhor**. Um outro dia pela manhã encontrei-a muito desfigurada e perguntei-lhe se se achava peor? Esta noite respondeu ela tive muitas dores e quis oferecer a **Nosso Senhor** o sacrificio de não me voltar na cama, por isso não dormi nada”³³⁴.

- 31) “Disse o que me parecia do seu estado de saude e depois contei a Sua Rvr.^{cia} como ela me tinha dito que já não era capás de se inclinar até ao chão para rezar. Sua Rvr.^{cia} mandou-me então dizer-lhe que não queria que descesse mais da cama para rezar, que deitada rezasse só o que pudesse sem se cançar. Dei-lhe o recado na primeira ocasião que tive e ela perguntou E **Nosso Senhor** ficará contente? Fica lhe respondi **Nosso Senhor** quer que a gente faça o que o Senhor Vigario nos manda”³³⁵.
- 32) “Ela (Jacinta)pegava n’elas (as flores do cabeço) e ás vezes dizia com as lágrimas a banhar-lhe as faces Nunca mais lá torno; nem aos Valinhos nem á Cova da Iria e tenho tantas saudades! Mas que te importa, se vais para o Céu vêr a **Nosso Senhor** e a Nossa Senhora? Pois é! Respondia e ficava contente, desfolhando o seu ramo de flôres e contando as petalas de cada uma”³³⁶.
- 33) “Não tenhas pena, de eu não ir contigo, é pouco tempo, podes passa-lo a pensar em Nossa Senhora, em **Nosso Senhor** e a dizer muitas vezes essas palavras que gostas tanto. Meu Deus eu vos amo! Imaculado Coração de Maria, Doce Coração de Maria, etc. Isso sim! respondeu com vivacidade, não me cançarei nunca de dize-las até morrer e depois eide canta-las muitas vez no Céu”³³⁷.
- 34) “Muito antes de ninguem falar em ela entrar no Hospital de Vila Nova de Ourem ela disse um dia. Nossa Senhora quer que eu vá para dois Hospitais, mas não é para me curar, é para sofrer mais por amor de **Nosso Senhor** e pelos pecadores”³³⁸.
- 35) “Entrava em sua casa e perguntava-me, comungaste? Se lhe dizia que sim. Chegaste aqui bem para junto de mim, que tens em teu coração a Jesus escondido.
- Outras vezes dizia-me, não sei como é, sinto a **Nosso Senhor** dentro em mim, compriendo o que me diz, e não oveijo nem oiço, mas, é tam bom estar com Êle!
- Em outra ocasião. Olha sabes? **Nosso Senhor** está triste, porque Nossa Senhora, disse-nos para não o ofenderem mais que já estava muito ofendido e ninguém fêz caso, continuam a fazer os mesmos pecados”³³⁹.

³³⁴ 2^a, fls. 33-33v, pág. 179.

³³⁵ 2^a, fl. 33v, pág. 179.

³³⁶ 2^a, fl. 34, pág. 179.

³³⁷ 3^a, fl. 5, pág. 194/195.

³³⁸ 2^a, fl. 37v, pág. 183.

- 36) “Um dia deram-me uma estampa do Coração de Jesus, bastante bonita para o que os homens podem fazer, leveia á Jacinta. Queres êste santinho? Pegou n’êle, olhou-o com atenção e disse, é tam feio, não se pairesse nada com **Nosso Senhor** que é tam bonito, mas quero, sempre é Êle. E trazia-o sempre com ela,de noite e na doença, tinha-o debaixo da almofada, até que se rompeu. Beijava-o com frequência...”³⁴⁰.
- 37) “Jacinta, queres que diga a algumas que fiquem aqui ao pé de ti a fazer-te companhia? Pois sim. Mas dessas mais pequeninas que eu. Então todas porfiavam dizendo, fico eu, fico eu: Depois entretinha-se com elas ensinado-lhes o Padre Nosso, a Avé Maria, a benzer-se, a cantar e sôbre a cama d’ela ou sentadas no chão no meio da casa se estava levantada, jogavam...Rezava com elas o terço, aconselhava-as a não fazerem pecados, para não ofenderem a Deus **Nosso Senhor** e não irem para o inferno”³⁴¹.
- 38) “Ai tinham tambem lugar, minuciosos e fatigantes enterrogatorios; e ela sem mostrar nunca a mínima empaciência ou aborrecimento: apenas me dizia depois; já me doia tanto a cabeça de ouvir aquela gente! Agora que não posso fugir para me esconder, ofreço mais sacrificios d’êstes a **Nosso Senhor**”³⁴².
- 39) “Se na sua (Jacinta) presença alguma criança ou mesmo pessoas grandes, diziam alguma coisa, ou faziam qualquer acção menos conveniente, repriêndias dizendo: não façam isso que ofendem a Deus **Nosso Senhor** e Êle já está tam ofendido!”³⁴³.
- 40) “Se diziam alguma coisa que não lhe parcesse bem, acudia logo, não digam isso, que ofendem a Deus **Nosso Senhor**. Se contavam alguma coisa de suas familias que não fosse bôa: respondia-lhes: não deixem os seus filhinhos fazerem pecados, que / lhe podem ir para o inferno”³⁴⁴.
- 41) “Se eram peçoas maiores Digam-lhe que não façam isso, que é pecado, que ofendem a Deus **Nosso Senhor** e depois podem condenar -se”³⁴⁵.

³³⁹ 3^a, fl. 6, pág. 195.

³⁴⁰ 3^a, fl. 5v, pág. 195.

³⁴¹ 4^a, fl. 107, pág. 246.

³⁴² 4^a, fl. 108, pág. 246.

³⁴³ 4^a, fl. 105, pág. 245.

³⁴⁴ 4^a, fl. 108, pág. 246.

³⁴⁵ 4^a, fl. 109, pág. 246.

Francisco -durante as Aparições

- 42) (Influência da 1ª Ap.) “Um dia disse-me: gostei muito de vêr o Anjo, mas gostei ainda mais de Nossa Senhora. Do que / gostei mais foi de vêr a **Nosso Senhor**, naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus! Mas Êle está tam triste, por causa de tantos pecados! Nós nunca havemos de fazer nenhum”³⁴⁶.
- 43) “Quando depois do dia 13 de Setembro lhe disse que em Outubro vinha também **Nosso Senhor**, êle mostrou grande alegria. Ai que bom! Só o vimos duas vezes ainda e eu gosto tanto d’êle! De vez em quando perguntava: ainda faltaram muitos dias para o dia 13? Estou ancioso que venha para vêr outra vez a **Nosso Senhor**”³⁴⁷.
- 44) “Depois do dia 13 de Outubro, dizia. Gostei muito de vêr **Nosso Senhor**: mas gostei mais de o vêr n’aquela luz onde nós estávamos também: Daqui a pouco já **Nosso Senhor** me leva lá pró pé d’Ele e entam veijo sempre”³⁴⁸.
- 45) “Deixa lá. Não disse Nossa Senhora que iamos a ter muito que sofrer, para reparar a **Nosso Senhor** e o seu Imaculado Coração de tantos pecados com que são ofendidos? Êles estão tam tristes! Se com / estes sufrimentos os pudermos consular já ficamos contentes”³⁴⁹.
- 46) “Não poucas vezes o íamos surpriender de trás / d’uma parede, ou d’um silvado, para onde, dessimoladamente se tinha escapado: de juelhos a rezar ou a pensar como êle dizia: em **Nosso Senhor** triste por causa de tantos pecados. Se lhe perguntava. Francisco, por que não me dizes para rezar contigo e mais a Jacinta? Gosto mais (respondia) de rezar sozinho, para pensar e consular a **Nosso Senhor** que está tam triste”³⁵⁰.
- 47) “Um dia perguntei-lhe. Francisco tu de que gostas mais de consular a **Nosso Senhor** ou converter os pecadores. para que não fossem mais almas para o inferno? Gostava mais de consular a **Nosso Senhor**. Não reparaste como Nossa Senhora ainda no ultimo mez se pôs tão triste quando disse que não ofendessem a Deus **Nosso Senhor** que já está

³⁴⁶ 4ª, fl. 13, pág. 204.

³⁴⁷ 4ª, fl. 13, pág. 204.

³⁴⁸ 4ª, fl. 22, pág. 208.

³⁴⁹ 4ª, fl. 13, pág. 204.

³⁵⁰ 4ª, fl. 33, pág. 214.

muito ofendido? Eu queria consular a **Nosso Senhor** e depois converter os pecadores, para que não o ofendessem mais”³⁵¹.

48) “Minhas Irmãs tomarão partido de minha Mãe e enventaram um sem numero de ameaças para assustar-me com a entrevista do Parco, enformei a Jacinta e seu Irmão do que se passava os quais me responderam, – nós também vamos o Senhor Prior mandou também dizer a minha mãe para nos levar lá; mas minha Mãe não nos disse nada destas coisas; paciência se nos baterem, sufremos por amor de **Nosso Senhor** e pelos pecadores”³⁵².

49) “Mas o Francisco aproximou-se de mim e disse-me: – Não cantemos mais isso. **Nosso Senhor** decerto agora não gosta que cantemos essas coisas. E lá nos escapámos como pudemos, por entre a outra criança, para o nosso poço predilecto”³⁵³.

50) “Ele quando a Jacinta se mostrava mais emprecionada com a lembrança do inferno costumava dizer-lhe: não penses tanto no infer/no! pensa antes em **Nosso Senhor** e Nossa Senhora. Eu não penso n’êle, para não ter medo”³⁵⁴.

“vinha a pedido d’uma outra mulher d’um lugarejo vizinho a quem tinham prendido um filho acusando-o não me lembro de que crime pelo qual se não se justificava a sua inocência seria condenado ao desterro ou pelo menos a um considravel número de anos de prisão... ao chegar a Fátima diz-me o Francisco, olha, enquanto que vais à escola eu fico com Jesus escondido e cá lhe peço isso. Ao sair da escola fui chama-lo e perguntei-lhe: pediste aquela graça a **Nosso Senhor**? Pedi: diz à tua Tereza que daqui a poucos dias êle vem para casa”³⁵⁵.

Na doença de Francisco

51) “Na sua doença sofria com uma paciencia eroica / sem deixar escapar um gemido nem a mais leve queixa. Perguntei-lhe um dia, pouco antes d’êle morrer. Francisco, sofres muito? – sim, mas soffro tudo por amor de **Nosso Senhor** e de Nossa Senhora”³⁵⁶.

52) “Um dia perguntei-lhe Francisco, sentes-te muito mal? Sinto, mas soffro para consular a **Nosso Senhor**.

/Ao entrar um dia com a Jacinta no seu quarto, disse-nos: hoje falem pouco, que me doi muito a cabeça. Não te esqueças de oferecer por os pecadores Ihe disse a Jacinta. Sim:

³⁵¹ 4ª, fl. 33, pág. 214.

³⁵² 2ª, fl. 14v, pág. 157.

³⁵³ 4ª, fl. 29, pág. 213.

³⁵⁴ 4ª, fl. 37, pág. 216.

³⁵⁵ 4ª, fl. 42, pág. 218.

³⁵⁶ 2ª, fl. 33, pág. 178.

mas primeiro ofreço para consular a **Nosso Senhor**, a Nossa Senhora, e depois então é que ofreço por os pecadores, e por o Santo Padre”³⁵⁷.

53) “Enquanto a Jacinta parcia preocupada com o unico pensamento de converter pecadores, e livrar almas do inferno, êle parcia só pensar em consular a **Nosso Senhor** e a Nossa Senhora que lhe tinha parecido estarem tam tristes”³⁵⁸.

54) “Outro dia ao chegar encontrei-o muito contente. Estás melhor? Não. Sinto-me muito peor, já me falta pouco para ir para o Céu: lá vou consular muito a **Nosso Senhor**, e a Nossa Senhora. A Jacinta vai a pedir muito por os pecadores, por o Santo Padre e por ti: e tu, ficas cá, porque Nossa Senhora o quer. Olha fáz tudo o que ela te disser”³⁵⁹.

55) “Na doença o Francisco mostrou-se sempre alegre e contente. Às vezes perguntava-lhe. Sofres muito Francisco? Bastante: mas não emporta, sofro para consular a **Nosso Senhor** e depois d’aqui a pouco vou para o Céu!...

Nas vésperas de morrer disse-me, olha estou muito mal, já me falta pouco para ir para o Céu. Então vê lá, não te esqueças de lá / pedir muito por os pecadores, por o Santo Padre, por mim e pela Jacinta. Sim eu peço, mas olha, essas coisas pede-as antes à Jacinta que eu tenho medo de me esquecer quando vir a **Nosso Senhor!** e depois antes o quero consular”³⁶⁰.

“quando os rapazes da Aljustrel atiram pedras aos de Buleiros êle tambem atirou algumas. Quando lhe dei êste recado da Irmã respondeu: Êsses já os confessei, mas torno a confessa-los: se calhar é por causa dêstes pecados que eu fiz que **Nosso Senhor** está tam triste! Mas eu ainda que não morresse nunca mais os tornava a fazer. Agora eu estou arrependido... Olha, pede tu tambem a **Nosso Senhor**, que me perdô os meus pecados. Peço sim, está descansado, se **Nosso Senhor** tus não tivesse já perdoado, não dizia Nossa Senhora ainda outro dia à Jacinta que te vinha buscar muito em breve para o Céu. Agora eu vou à Missa e lá peço a Jesus escondido por ti. Olha pede-lhe para o Senhor Prior me dar a Sagrada Comunhão”³⁶¹.

56) “Depois de comungar no dia seguinte dizia para a Irmãzinha: hoje sou mais feliz que tu, porque tenho dentro do meu peito a Jesus escondido. Eu vou para o Céu, mas lá vou pedir muito a **Nosso Senhor** e a Nossa Senhora que vos levem também para lá depressa”³⁶².

³⁵⁷ 4^a, fls. 34/35, pág. 215.

³⁵⁸ 4^a, fl. 35, pág. 215.

³⁵⁹ 4^a, fl. 35, pág. 215.

³⁶⁰ 4^a, fl. 46, pág. 220.

³⁶¹ 4^a, fl. 48, págs. 220-221.

³⁶² 4^a, fl. 49, pág. 221.

- 57) “Depois disse-me. Decerto no Céu, vou ter muitas saudades tuas! quem dera que Nossa Senhora te levasse também para lá breve. Não tens, não: imagine-se ao pé de **Nosso Senhor** e de Nossa Senhora que são tam bons! Pois é, se calhar, nem me lembro”³⁶³.
- 58) “Assim chegou ao dia feliz de partir para o Céu. Na vespera disse a mim e á sua Irmãzinha, vou para o Céu, mas lá eide pedir muito a **Nosso Senhor** e a Nossa Senhora que as levem tambem para lá depressa”³⁶⁴.

Outras referências a ‘Nosso Senhor’

Mãe da Lúcia

- 59) “O sol que tu vez nascer todos os dias, aculá por detrás da serra, é a candeia de **Nosso Senhor** que Ele acende todos os dias para nos aquecer e podermos ver para trabalhar. / - Por isto, eu dizia às outras crianças que a lua era a candeia de Nossa Senhora, as estrelas as candeias dos anjos e o sol a candeia de **Nosso Senhor**”³⁶⁵.
- 60) “Nenhuma candeia é tam bonita como a de **Nosso Senhor** (dizia êle á Jacinta que gostava mais da de Nossa Senhora, porque dizia ela não fáz doer a vista)”³⁶⁶.
- 61) “A lua era a de Nossa Senhora, e o sol a de **Nosso Senhor**; pelo que a Jacinta dizia ás vezes; ainda gosto mais da candeia de Nossa Senhora, que não nos queima nem sega e a de **Nosso Senhor** sim”³⁶⁷.
- 62) (a mãe) “Disse-me o que queria que eu pedisse a **Nosso Senhor** quando O tivesse em meu peito e despediu-me com estas palavras; (sobre tudo pede a **Nosso Senhor** que te faça, uma santa.) palavras que se me gravaram tam indeleveis no Coração que foram as primeiras que disse a **Nosso Senhor** logo que O recebi; e ainda hoje me parece ouvir o eco da voz de minha Mãe a repetir-mas”³⁶⁸.
- 63) “Os vizinhos vinham não poucas vezes fazer-nos companhia e questumavam dizer que apesar de os não deixar-mos dormir, se sentiam alegres e Ihe passavam todas as arrelias

³⁶³ 4ª, fl. 50, pág. 221.

³⁶⁴ 2ª, fl. 33, pág. 178.

³⁶⁵ 5ª, fl. 16, pág. 270.

³⁶⁶ 4ª, fl. 6, pág. 200.

³⁶⁷ 1ª, fl. 9, pág. 121.

³⁶⁸ 2ª, fl. 5, pág. 147.

com ouvirem a festa que nós fazíamos; a varias mulheres ouvi algumas vezes dizerem / a minha Mãe, – que feliz que tu és que encanto de filhos que **Nosso Senhor** te deu”³⁶⁹.

- 64) “E que haja tanta gente parva que os acredite e anda para aí a correr e a rezar diante de uma carrasqueira, enquanto que na igreja está **Nosso Senhor** no sacrário e ninguém lá vai! E a falta que as coisas da Cova de Iria me fazem para o governo da casa?”³⁷⁰.

Lúcia

- 65) “Lembro-me de ser embalada e de adormecer ao som de varios cantos; e como era a mais nova de 5 meninas e um menino que **Nosso Senhor** concedeu a meus pais, lembro-me de haver entre eles varias contendidas, por todos quererem ter-me em seus braços e entreter-se comigo”³⁷¹.

- 66) “Quando agora leiu no Novo Testamento essas scenas tam encantadoras da passagem de **Nosso Senhor** pela Palestina, recordo estas que tam criança ainda **Nosso Senhor** me fez presenciar, nesses pobres caminhos e estradas da Aljustrel a Fátima e á Cova de Iria, e dou graças a Deus, oferecendo-lhe a fé do nosso bom povo Portuguez: e penso: se esta gente se abate assim diante de três pobres crianças, só porque a elas é concedida misericordiosamente a graça de falar com {a} Mãe de Deus, que não fariam se vissem diante de si o próprio Jesus Cristo?”³⁷².

- 67) “Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer que durmais com a corda, trazei -a só durante o dia. Escusado será dizer que obedecemos pontualmente ás suas ordens. Como em o mêz passado, **Nosso Senhor**, segundo parece tinha querido manifestar alguma coisa de extraordinario, minha Mãe animava a esprança, de que agora em êste dia, êsses factos serião mais claros e evidentes; mas como nosso bom Deus, talvez para dar-nos ocasião de lhe oferecer algum sacrifício mais permitiu que em êste dia não transparecesse nenhum raio da sua glória. Minha Mãe desanimou de novo e a presseguição em casa recomeçou de novo”³⁷³.

- 68) “Por sua vêz minha mãe sofria tudo com uma paciência e resignação eroica, e se me reprimia e castigava era porque me julgava mentirosa. Por vezes completamente

³⁶⁹ 2ª, fl. 6, pág. 148.

³⁷⁰ 6ª, fl. 149, pág. 364.

³⁷¹ 2ª, fl. 1v, pág. 143.

³⁷² 4ª, fl. 79, pág. 234.

³⁷³ 2ª, fl. 21v, pág. 165.

conforme com os desgostos que **Nosso Senhor** lhe enviava dizia. – Será tudo isto o castigo que Deus me manda pelos meus pecados? Se assim é, bendito seja Deus”³⁷⁴.

- 69) “Por uma graça especial de **Nosso Senhor**, nunca tive o menor pensa/mento nem movimento, contra o seu modo de proceder a meu respeito. Como o Anjo me tinha anunciado que Deus me mandaria sufrimentos, vi sempre em tudo isto, Deus que assim queria”³⁷⁵.
- 70) “Mas estou fazendo como V. Ex.^{cia} Rvr.^{ma} me disse que escrevesse à maneira que me fosse recordando com tôda a simplicidade; assim pois o quero fazer, sem me emportar de ordem nem estilo. Paresse-me que assim a minha obediência é mais perfeita, e portanto mais agradável a **Nosso Senhor** e ao Imaculado Coração de Maria”³⁷⁶.
- 71) “Vou pois começar, Ex.^{mo} e Rvr.^{mo} Senhor Bispo, por escrever o que o bom Deus me queira fazer lembrar do Francisco. Espero que **Nosso Senhor** lhe faça conhecer no Céu, o que a seu respeito escrevo na terra, para que / junto de Jesus e Maria, entresseda por mim, em especial nêstes dias”³⁷⁷.
- 72) “Nem sei também para que estou a contar a V. Ex.^{cia} todas estas coisas da vida de família, mas é Deus que assim mo inspira. Êle sabe o motivo por que o fáz; é talvez para que V. Ex.^{cia}Rvr.^{ma} possa vêr, quanto me devia ser sencível o sufrimento que o bom Deus me vai pedir, depois de ter sido tam amimada. E como V. Ex.^{cia} me manda dizer todos os sufrimentos que **Nosso Senhor** me pediu e graças que se dignou por miséricórdia conceder-me; paresse que assim me dá mais geito a dize-las tal qual como elas se passaram”³⁷⁸.
- 73) (Madre provincial M^a do Carmo Corte Real)“Em parte a Irmã, é responsavel diante de **Nosso Senhor** do estado de fervor ou de negligência das Irmãs na observancia, porque o fervor se aumenta ou se esfria nos recreios e as Irmãs fazem os recreios que a Irmã fizer...”³⁷⁹.
- 74) “mas como o Sr. Bispo quer que vá para o Porto, ofereço o sacrificio a **Nosso Senhor** e vou para o Porto”³⁸⁰.

³⁷⁴ 2^a, fl. 22, pág. 166.

³⁷⁵ 2^a, fl. 19, pág. 162.

³⁷⁶ 2^a, fl. 26, pág. 171.

³⁷⁷ 4^a, fl. 3, pág. 199.

³⁷⁸ 2^a, fl. 7, pág. 149.

³⁷⁹ 2^a, fl.38, pág. 184.

³⁸⁰ 6^a, fl. 200, pág. 415.

Os interrogadores

- 75) “Não me parese uma revelação do Céu, quando se dão estas coisas por ordinario, **Nosso Senhor** manda essas almas a quem se comunica dar conta do que se passa a seus confessores ou Parcos e esta ao contrario retrai-se quanto pode, isto também pode ser um engano do Demonio”³⁸¹.
- 76) “Quanto esta reflexão me fêz sofrer só **Nosso Senhor** pode saber porque só Êle pode penetrar o nosso intimo; Comecei então a duvidar se as manifestações serão do Demonio que procurava por êsse meio, perder -me, e como tinha ouvido dizer que o Demonio trazia sempre a guerra e a desordem comecei a pensar que na verdade desde que via estas coisas não tinha tido mais alegria nem bem estar em nossa casa; que angustia que eu sentia”³⁸².
- 77) “– não é o Demonio não! O demonio dizem que é muito feio e que está debaixo da terra no inferno, e aquela Senhora é tam bonita, e nós vimula subir ao Céu. **Nosso Senhor** serviu-se disto para desvanecer algo a minha duvida, mas no decurso deste mez predi o entusiasmo pela pratica do sacrifício e da mortificação e titubeava se acabaria por dizer que tinha mentido e assim acabar com tudo”³⁸³.
- 78) “depois deste enterrogatório (sacerdote de Santarém) a minha duvida aumentou e não sabia verdadeiramente que fazer; pedia constantemente a **Nosso Senhor** e a Nossa Senhora que me dissessem como havia de fazer. Ó meu Deus e minha Mãizinha do Céu, vós sabeis que não vos quero ofender com mentiras, mas bem vedes que não é bem dizer o mais que me dissestes”³⁸⁴.
- 79) “Treminado o seu interrogatorio (Dr. Carlos Azevedo Mendes 08-09-1917) pediu a minha Mãe, para me deixar ir encinar-lhe o sitio das aparições e rezar ai com êle, obtive a licença desejada e lá vamos; mas eu estremeci de pavor ao ver-me só por aqueles caminhos na companhia do desconhecido, tranquilizou-me porem a edeia de que se me matava ia vêr a **Nosso Senhor** e a Nossa Senhora.”³⁸⁵
- 80) (Pe Faustino, Vigário do Olival) “Deu-nos ainda algumas instrucões mais sôbre a vida espiritual, sobre tudo encinou-nos o modo de dar gôsto a **Nosso Senhor** em tudo, e a maneira de lhe oferecer um sem numero de pequenos sacrificios. Se vos apetercer comer uma coisa, meus filhinhos deixai -a e em seu lugar comeis outra e ofereceis a Deus um

³⁸¹ 2ª, fl. 15, pág. 158.

³⁸² 2ª, fl. 15, pág. 158.

³⁸³ 2ª, fl. 15, pág. 158.

³⁸⁴ 2ª, fl. 25v, pág. 170.

³⁸⁵ 2ª, fl. 22v, pág. 167.

sacrifício, se vos apetece brincar, não brincais e oferecis a Deus outro sacrifício; se vos enterrogam e não vos podeis escusar é Deus que assim o quer, oferecis-lhe mais êste sacrifício”³⁸⁶.

- 81) Dr. Formigão “A menina tem obrigação de amar muito a **Nosso Senhor** por tantas graças e benefícios que Ihe está concedendo. Gravou-se tam intimamente na minha alma esta frase que desde então adquiri o hábito de dizer constantemente a **Nosso Senhor**. – Meu Deus, eu vos amo, em agradecimento pelas grassas que me tendes concedido”³⁸⁷.

2. Jesus, ó Jesus, ó meu Jesus

Referências relacionadas com a Aparição de julho

- 82) “Foi êste o dia em que a S.S. Virgem se dignou revelar-nos o segredo. Depois para reanimar o meu fervor decaído disse-nos. – Sacrificai-vos pelos pecadores e dizeia **Jesus** muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício. **Ó Jesus** é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria”³⁸⁸.
- 83) (13 julho) “O que me lembro é que, Nossa Senhora disse que era preciso resarem o terço para alcançarem as graças durante o ano. E continuou. Sacrificai-vos pelos pecadores, e dizei muitas vezes, em especial, sempre que fizerdes algum sacrifício. **Ó Jesus** é por vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria”³⁸⁹.
- 84) “Foi êste o dia em que a S.S. Virgem se dignou revelar-nos o segredo. Depois para reanimar o meu fervor decaído disse-nos.– Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei a **Jesus** muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício. **Ó Jesus** é por vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria”³⁹⁰.

³⁸⁶ 2^a, fl. 25v, pág. 170.

³⁸⁷ 2^a, fl. 19, pág. 163.

³⁸⁸ 2^a, fl. 16v, pág. 160.

³⁸⁹ 4^a, fl. 73, pág. 232.

³⁹⁰ 2^a, fl. 16v, pág. 160.

- 85) “Quando rezais o terço, dissei depois de cada mistério. **Ó meu Jesus** perdoai-nos, livrai-nos do fôgo do inferno, levai as alminhas tôdas para o Céu, principalmente aquelas que mais precisarem”³⁹¹.

Elementos cristológicos depois da Aparição de julho

- 86) “Desde que Nossa Senhora nos encinou a oferecer a **Jesus** os nossos sacrificios, sempre que combina/vamos fazer algum ou que tenhamos alguma prova a sofrer, a Jacinta perguntava; já disseste a **Jesus** que é por seu amor? Se Ihe dizia que não; então digo-lho eu, e punha as mãozinhas, levantava os olhos ao Céu e dizia. **Ó Jesus** é por vosso amor e, pela conversão dos pecadores”³⁹².
- 87) “O que me lembro do novo priodo da vida da Jacinta, tenho que dizer, que há algumas coisas, nas manifestações de Nossa Senhora que nós tínhamos combinado, nunca dizer a ninguém, e talvez agora me veja obrigada a dizer alguma coisa d’isso, para dizer onde a / Jacinta foi beber tanto amor a **Jesus** ao sofrimento e aos pecadores, pela salvação dos quais tanto se sacrificou. V. Ex.^{cia} Rvr.^{ma} não ignora como foi ela que não podendo conter em si tanto goso, quebrou o nosso contrato de não dizer nada a ninguém”³⁹³.
- 88) “A Jacinta ficou com tanto amor ao Santo Padre, que sempre que oferecia os seus sacrificios a **Jesus**, acrescentava; e pelo Santo Padre. No fim de resar o Terço resava sempre tres Avé Marias pelo Santo Padre”³⁹⁴.
- 89) (Na prisão) “Nem os teus pais nem os meus; nos vieram vêr. Não se emportaram mais de nós. Não chores Ihe disse o Francisco oferecemos a **Jesus** pelos pecadores; e levantando os olhos e maozinhas ao Céu fez êle o ofrecimento. **Ó meu Jesus** é por vosso amor e pela conversão dos pecadores”³⁹⁵.

“E com as lagrimas as correr-lhe pelas faces; eu queria sequer vêr a minha Mãe. Então tu não queres oferecer êste sacrificio pela conversão dos pecadores? quero, quero. E com as lagrimas a banhar-lhe as faces; as mãos e os olhos levantados ao Céu, fáz o ofrecimento. **Ó meu Jesus** é por vosso amor, pela conversão dos pecadores, pelo Santo Padre e em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria”³⁹⁶.

³⁹¹ 4^a, fl. 75, pág. 232.

³⁹² 1^a, fl. 22/23, pg. 129.

³⁹³ 1^a, fl. 15/16, pg. 125.

³⁹⁴ 1^a, fl. 23, pg. 129.

³⁹⁵ 1^a, fl. 24, pg. 130.

³⁹⁶ 1^a, fl. 25, pg. 130.

- 90) (Pe. Cruz de Lisboa) “Foi-nos encinando uma ladainha de jaculatorios dos quais / a Jacinta escolheu duas que depois não seçava de repetir; e eram. **Ó meu Jesus** eu vos amo. Doce Coração de Maria, sede a minha Salvação”³⁹⁷.
- 91) “O inferno! O inferno! que pena eu tenho das almas que vão para o inferno!... e meio tremula ajuelhava de mãos postas a rezar a oração que Nossa Senhora nos tinha encinado. **Ó meu Jesus** perdoai-nos, livrai-nos do fôgo do inferno, levai as alminhas tôdas para o Céu, principalmente as que mais precisarem”³⁹⁸.

Elementos cristológicos na doença de Jacinta

- 92) “Um dia na sua doença disse-me gosto tanto de dizer **a Jesus** que o amo! quando lho digo muitas vezes, parece que tenho lume no peito; mas não me queimo.
Outra vez dizia – gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora que nunca me canço de lhes dizer que os amo”³⁹⁹.
- 93) “Todo o tempo que me ficava livre da escola, e de alguma outra coisita que me mandassem fazer, ia para junto dos meus companheiros. Quando um dia passava para a escola diz-me a Jacinta. Olha diz a Jesus escondido, que eu gosto muito d’Ele, e que o amo muito. Outras vezes dizia, diz a **Jesus**, que lhe mando muitas saudades”⁴⁰⁰.
- 94) “Quando se retiravam dizia tenho muita sede, mas não quero beber; ofereço a **Jesus** pelos pecadores.
Um dia que minha tia me fazia algumas perguntas, chamou-me e disse-me, não quero que digas a ninguem que eu soffro, nem á minha Mãe; porque não quero que se aflija”⁴⁰¹.
- 95) Perguntei-lhe uma vez. Que vais a fazer no Céu? Vou amar muito a **Jesus**, o Imaculado Coração de Maria, pedir muito por ti, pelos pecadores, pelo Santo Padre, pelos meus pais e Irmãos e por todas essas peçoas que me têm pedido para pedir por elas.⁴⁰²

³⁹⁷ 1ª, fl. 29, pág. 133.

³⁹⁸ 3ª, fl. 2, pág. 188.

³⁹⁹ 1ª, fl. 30, pág. 133.

⁴⁰⁰ 1ª, fl. 33, pág. 135.

⁴⁰¹ 1ª, fl. 38, pág. 138.

⁴⁰² 1ª, fl. 37, pág. 138.

- 96) “Chegou por fim o dia de partir para Lisboa A despedida cortava o coração. Permaneceu muito tempo abraçada ao meu pescoço e dizia chorando, nunca mais nos tornamos a vêr; resa muito por mim até que eu vá para o Céu. Depois lá eu peço muito por ti; não digas nunca o segredo a ninguém, ainda que te matem. Ama muito a **Jesus** e o Imaculado Coração de Maria e faz muitos sacrifícios pelos pecadores”⁴⁰³.
- 97) “As vezes beijava um cruxifixo e abraçando-o, dizia. **Ó meu Jesus**, eu Vos amo, e quero sofrer muito por Vosso amor.
Outras vezes dizia. **Ó Jesus**, agora podes converter muitos pecadores porque este sacrifício é muito grande!”⁴⁰⁴.
- 98) “Se calhava de ouvir algumas d’essas palavras que alguma gente parese fazer alarde de pronunciar, cubria a cara com as mãos e dizia. **Ó meu Deus**, esta gente não saberá que por dizer estas coisas pode ir para o inferno? Perdoa-lhes **meu Jesus** e converte-os, decerto não sabem que com isto ofendem a Deus. Que pena **meu Jesus**! Eu rezo por eles. E lá repetia a oração encinada por Nossa Senhora. **Ó meu Jesus** perdoai-nos etc”⁴⁰⁵.
- 99) “Nossa Senhora veio-nos ver; e diz que vem buscar o Francisco muito breve para o Céu. E a mim perguntou-me se queria ainda converter mais pecadores? disse-lhe que sim. Disse-me que ia para um hospital, que lá sofreria muito; que sofresse pela conversão dos pecadores em reparação dos pecados contra o Imaculado Coração de Maria, e por amor de Jesus”⁴⁰⁶.

Elementos cristológicos diversos

- 100) “**Jesus**, Maria, José salvai a minha alma que ela vossa é. Senhor Jesus, tende piedade de mim, pelos meritos da Vossa Vida, Paixão e morte na Cruz. Pai, em Vossas mãos entrego o meu espirito”⁴⁰⁷.
- 101) “Os Mandamentos da Lei de Deus eram a regra da sua vida, o que inculcava a todos, tendo por norma especial o que nos diz **Jesus Cristo** no seu Evangelho: A um jovem que se aproximou do **Senhor** e lhe perguntou: «**Mestre**, que hei-de fazer...? **Jesus** respondeu-lhe:... Retorquiu **Jesus**: Não matarás...” (Mt 19, 16-19).

⁴⁰³ 1ª, fl. 38, pág. 139.

⁴⁰⁴ 1ª, fl. 37, pág. 138.

⁴⁰⁵ 3ª, fl. 3, págs. 189-190.

⁴⁰⁶ 1ª, fl. 34, pág. 136.

⁴⁰⁷ 5ª, fl. 25, pág. 280.

A um legista, que também interrogou **Jesus**, perguntando-lhe qual era o maior mandamento da Lei, **Jesus** respondeu-lhe: "...” (Mt22, 37-40)”⁴⁰⁸.

102)“Sim, a Jacinta e o Francisco levo-os em breve, mas tu ficas cá mais algum tempo. **Jesus** quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar. Êle quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração”⁴⁰⁹.

103)“Depois de ter implorado a proteção dos Santíssimos Corações de Jesus e Maria, Nossa Terna Mãe, de ter pedido luz e graça aos pés do Sacrario, para não escrever nada que não seja unica e exclusivamente para a glória de **Jesus** e da Santíssima Virgem”⁴¹⁰.

104)“Vou pois começar, Ex.^{mo} e Rvr.^{mo} Senhor Bispo, por escrever o que o bom Deus me queira fazer lembrar do Francisco. Espero que **Nosso Senhor** lhe faça conhecer no Céu, o que a seu respeito escrevo na terra, para que / junto de **Jesus** e Maria, entresseda por mim, em especial nêstes dias”⁴¹¹.

105)“Prece à Jacinta: Ó tu que a terra/Passaste voando,/Jacinta querida,/Numa dor intensa,/ **Jesus** amando,/Não esqueças a prece/Que eu te pedia./Sê minha amiga/Junto do trono/Da Virgem Maria./

Prece à Jacinta: Lírio de candura,/Pérola brilhante/Oh! lá no Céu/Onde vives triunfante,/Serafim de amor,/Com teu Irmãozinho/Roga por mim/Aos pés do Senhor”⁴¹².

106)“Chegou por fim o desejado dia, e a pequenita estava doida de contente, lá nos colocarão as duas ao lado do altar; e na prossição ao lado do paleo, cada uma com o seu açafate de flôres, nos sitios marcados por minha Irmã, atirava / a **Jesus** as minhas flôres, mas por mais sinais que fiz á Jacinta, não consegui que espalhasse nem uma, olhava continuamente para o Senhor Prior, e nada mais, quando treminou a função, minha Irmã trouxe-nos para fóra da Igreja e perguntou, Jacinta por que não deitaste as flôres a **Jesus**? Porque não o vi”⁴¹³.

107)“E levantando os olhos e maozinhas ao Céu fez êle o ofrecimento. **Ó meu Jesus** é por vosso amor e pela conversão dos pecadores. A Jacinta acrescentou, é também pelo Santo Padre e em reparação dos pecados cometidos / contra o Imaculado Coração de Maria”⁴¹⁴.

⁴⁰⁸ 6^a, fl. 75, pág. 285.

⁴⁰⁹ 4^a, fl. 71, pág. 231.

⁴¹⁰ 1^a, fl. 1, pág. 116.

⁴¹¹ 4^a, fls. 4/5, pág. 199.

⁴¹² 1^a, fl. 3, pág. 118.

⁴¹³ 1^a, fl. 11, pág. 122.

⁴¹⁴ 1^a, fl. 24, pág. 130.

108)“Se calhar é por causa destes pecados que eu fiz que **Nosso Senhor** está tam triste! Mas eu ainda que não morresse nunca mais os tornava a fazer. Agora eu estou arrependido. E pondo as mãos rezou a oração. **Ó meu Jesus** perdoai-nos, livrainos do fôgo do inferno, levai as alminhas tôdas para o Céu, principalmente as que mais precisarem”⁴¹⁵.

109)“Tantos, vindos de longe e de perto, passam por essa pobre casa tão humilde, prolongando o eco das vozes dos que aí nos precederam, trabalhando, rezando e cantando, e agora no Céu entoam o cântico novo de acção de graças e louvor ao nosso Deus único, verdadeiro Salvador: Pai Nosso... Avé Maria... e bendito é o fruto do vosso ventre **Jesus**... Ámen”⁴¹⁶.

3. *Menino Jesus – Jesus escondido*

Referências relacionadas com a Jacinta

110)“Minha irmã, questumava ainda, em uma fésta anual, que devia ser talvez a de Corpos; vestir alguns anjinhos, para irem ao lado do paleo, na prossição, a deitar flôres... Provou-lhe (à Jacinta) também um vestido, e nos ençaios disse-nos como devíamos deitar as flores ao **Menino Jesus**”⁴¹⁷.

111)“Depois, perguntou-me então tu viste o **Menino Jesus**? não! mas tu não sabes que o **Menino Jesus** da hóstia que não se vê, está escondido, é o que nós recebemos na comunhão.”⁴¹⁸.

112)“A Jacinta fazia-me continuamente perguntas a respeito de **Jesus escondido**, e lembrome que um dia perguntou-me; Como é que tanta gente recebe ao mesmo tempo o **Menino Jesus escondido**, é um bocadito para cada um? Não. Não vês que são muitas hóstias e que em cada uma está um Menino”⁴¹⁹.

⁴¹⁵ 4ª, fl. 48, pág. 221.

⁴¹⁶ 6ª, fl. 126, pág. 341.

⁴¹⁷ 1ª, fl. 10, pág. 122.

⁴¹⁸ 1ª, fl. 11, pág. 122.

⁴¹⁹ 1ª, fl. 12, pág. 123.

- 113)“A Jacinta gostava de durante o recreio ir visitar o Santissimo, mas dizia ela, parece que adivinham logo que a gente entra na Igreja é tanta gente a fazer-nos perguntas! Eu gostava de estar muito tempo sozinha a falar com Jesus escondido; mas nunca nos deixam”⁴²⁰.
- 114)“Todo o tempo que me ficava livre da escola, e de alguma outra coisita que me mandassem fazer, ia para junto dos meus companheiros. Quando um dia passava para a escola diz-me a Jacinta. Olha diz a **Jesus escondido**, que eu gosto muito d’Ele, e que o amo muito. Outras vezes dizia, diz a Jesus, que Lhe mando muitas saudades”⁴²¹.
- 115)“Preguntava-me ás vezes. E vou morrer sem receber a **Jesus escondido**? Se m’O levasse Nossa Senhora, quando me for a buscar!... (Jacinta)⁴²²”.
- 116)“Em outra ocasião levei-lhe uma estampa que tinha o sagrado caliz com uma Hóstia. Pegou n’ela e beijou-o e radiante de alegria dizia, é **Jesus escondido**, gosto tanto d’ê! quem me dera recebe-lo na Igreja! No Céu não se comunga? Se lá se comungar eu comungo todos os dias. Se o Anjo fosse ao hospital a levar-me outra vez a Sagrada Comunhão! que contente que eu ficava. Quando ás vezes voltava da Igreja e entrava em sua casa perguntava-me, comungaste? Se lhe dizia que sim. Chegate aqui bem para junto de mim, que tens em teu coração a **Jesus escondido**”⁴²³.

Referências relacionadas com o Francisco

- 117)“Um dia ao chegar junto de sua casa despedi-me d’um grupo de crianças da escola que vinham comigo e entrei...perguntou-me: Tu vinhas com todos êsses? Vinha. Não andes com êles que podes aprender a fazer pecados: quando saires da escola vai um bocado para o pé de **Jesus escondido** e depois vem sozinha”⁴²⁴.
- 118)“Quando voltei da Igreja já a Jacinta se / tinha levantado e estava sentada na sua cama. Logo que me viu perguntou-me: pediste a Jesus escondido para o Senhor Prior me dar a Sagrada Comunhão? pedi”⁴²⁵.

⁴²⁰ 1ª, fl. 28, pág. 132.

⁴²¹ 1ª, fl. 33, pág. 135.

⁴²² 1ª, fl. 37, pág. 138.

⁴²³ 3ª, fl. 6, pg. 195.

⁴²⁴ 3ª, fl. 34, pág. 215.

⁴²⁵ 4ª, fl. 49, pág. 221.

- 119)“Quando ia á escola, por vezes ao chegar a Fátima dizia-me, olha tu vai á escola, eu fico aqui na Igreja junto de Jesus escondido, não me vale a pena aprender a lêr, daqui a pouco vou para o Céu. Quando voltares / vem por cá chamar-me”⁴²⁶.
- 120)“Depois que aduiceu dizia-me às vezes quando a caminho da escola passava por sua casa. Olha vai á Igreja e dá muitas saudades minhas a Jesus escondido. Do que tenho mais pena é de não poder já ir a estar uns bocados com Jesus escondido”⁴²⁷.
- 121)“Ao chegar a Fátima diz-me o Francisco, olha, enquanto que vais à escola eu fico com Jesus escondido e cá lhe peço isso. Ao sair da escola fui chama-lo e perguntei-lhe: pediste aquela graça a **Nosso Senhor**? Pedi: diz á tua Tereza que daqui a poucos dias êle vem para casa”⁴²⁸.
- 122)“Um outro dia ao sair de casa, notei que o Francisco andava, muito de vagar: que tens? lhe perguntei, parece que não podes andar? doi-me muito a cabeça e parece que vou a cair. Então não venhas, fica em casa. Não fico! quero antes ficar na Igreja com Jesus escondido enquanto que tu vais à escola”⁴²⁹.
- 123)“Peço sim, está descançado, se **Nosso Senhor** tus não tivesse já perdoado, não dizia Nossa Senhora ainda outro dia à Jacinta que te vinha buscar muito em breve para o Céu. Agora eu vou á Missa e lá peço a Jesus escondido por ti. Olha pede-lhe para o Senhor Prior me dar a Sagrada Comunhão. Pois sim”⁴³⁰.
- 124)“Depois de comungar no dia seguinte dizia para a Irmãzinha: hoje sou mais feliz que tu, porque tenho dentro do meu peito a Jesus escondido. Eu vou para o Céu, mas lá vou pedir muito a **Nosso Senhor** e a Nossa Senhora que vos levem também para lá depressa”⁴³¹.

Outras Referências

- 125)“Minha Mãe repriendeu-o com toda a severidade, dizendo que aquelas coisas feias não se diziam, que era pecado e que o Menino Jesus se desgostava e mandava para o inferno, os que faziam pecados se não se confessavam”⁴³².

⁴²⁶ 4ª, fl. 33, pág. 214.

⁴²⁷ 4ª, fl. 34, pág. 215.

⁴²⁸ 4ª, fl. 42, pág. 218.

⁴²⁹ 4ª, fl. 42, pág. 218.

⁴³⁰ 4ª, fl. 48, pág. 221.

⁴³¹ 4ª, fl. 49, pg. 221.

⁴³² 1ª, fl. 6, pág. 119.

126)“Minha Mãe não quer que quando estiverem êstes, aqui fiquemos, disse que fossemos para o nosso pateo brincar, não quer que aprenda essas coisas feias, que são pecados, e das que o Menino Jesus não gosta”⁴³³.

127)“Os dois pequenitos que desejavam ardentemente receber a Jesus escondido como eles dizião, foram fazer o pedido á Mãe. Minha Tia disse que sim / mas poucas vezes os deixava ir, por que dizia ela, a Igreja é bastante longe, vosses são muito pequeninos, e de todos modos, o Senhor Prior não vos dá a comunhão antes dos 10 anos”⁴³⁴.

128)(set 1917) “Continuem a rezar o terço, para alcançarem o fim da guerra: em Outubro virá também Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dôres e do Carmo, S. José com o Menino Jesus para abençoarem o Mundo”⁴³⁵.

129)“Passamos pela Cova de Iria a despedir-nos e a rezar o nosso terço, depois lá vamos por caminhos e atalhos para tornar a nossa caminhada mais curta; como terá ido Nossa Senhora, S. José com o Menino, a caminho do Egipto, atravessando plenices e outeiros, os montes e os vales da Judeia, para subtrair o seu Menino aos perigos que o rodeiam”⁴³⁶.

4. Corações de Jesus e Maria

Referências relacionadas com as angelofanias

130)“Não temais sou o Anjo da paz, orai comigo, e ajuelhando em terra curvou a fronte até ao chão e fêz-nos repetir três vezes estas palavras. Meu Deus! Eu creio, Adoro, Espero e amo-vos; Peço-Vos perdão para os que não creem não adoram, não esperam e não Vos amam. Depois erguendo-se disse. Orai assim, os **Corações de Jesus e Maria** estão atentos á vós das vossas suplicas”⁴³⁷.

⁴³³ 1ª, fl. 7, pág. 120.

⁴³⁴ 1ª, fl. 11, pág. 122.

⁴³⁵ 4ª, fl. 80, pág. 235.

⁴³⁶ 6ª, fl. 201, pág. 416.

⁴³⁷ 2ª, fl. 9v, pág. 152; (4ª, fl. 59, pg. 226).

- 131)“Que fazeis? Orai, Orai muito; os **Corações Santíssimos de Jesus e Maria** teem sôbre vós dezignios de miséricordia, ofereci constante/mente, ao Altissimo, orações e sacrificios”⁴³⁸.
- 132)“Contei-lhe entam tudo o que o Anjo tinha dito na primeira e segunda aparição. Mas êle parcia não ter recebido a compriensão do que as palavras significavam, e preguntava. Quem é o Altissimo? Que quer dizer, os **corações de Jesus e Maria** estam atentos a vós das vossas supplicas? etc”⁴³⁹.
- 133)“O Anjo deixa suspenso no ar o Caliz, ajuelha junto de nós, e fáz-nos repetir três vezes. Santissima Trindade; Padre Filho Espírito Santo, ofereço-vos o preciosissimo Corpo Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrarios da terra, em reparação dos ultrages, sacrilégios e indifrenças com que Êle mesmo é ofendido; e pelos meritos infinitos do seu Santissimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peçovos a conversão dos pobres pecadores”⁴⁴⁰.
- 134)“Deixando o caliz e a Hostia suspenso no ar, prostrou-se em terra e repetiu tres vezes a oração. Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espirito Santo, adoro-vos profundamente e ofereço-vos o preciosissimo Corpo sangue, alma e Devindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrarios da terra, em reparação dos ultrages, sacrilegios e endifrenças com que Êle mesmo é ofendido. E pelos meritos infinitos do seu santissimo Coração, e do Coração Imaculado de Maria, peço-vos a conversão dos / pobres pecadores”⁴⁴¹.
- 135)“Como minha Irmã, era zeladora do **Coração de Jesus**, sempre, que havia comunhão solene de crianças, levava-me a renovar a minha. / Minha Tia, levou uma vez a sua filhinha a ver a festa; A pequenita fiquexou-se nos Anjos que deitavam flôres”⁴⁴².
- 136)“Nas fêstas principais da Freguezia como a do **S. Coração de Jesus**, Nossa Senhora do Rosario, S. Antonio etc. havia sempre á noite a rifa dos bolos e o baile não faltava”⁴⁴³.
- 137)“Diz a tôda a gente que Deus nos consede as graças por meio do Coração Imaculado de Maria, que Ihas peçam a ela, que o **Coração de Jesus** quer, que a seu

⁴³⁸ 2^a, fl. 9v, pág. 152; (4^a, fl. 10, pág. 202).

⁴³⁹ 4^a, fl. 10, pág. 202.

⁴⁴⁰ 2^a, fl. 10v, pág. 153.

⁴⁴¹ 4^a, fl. 62, pág. 227.

⁴⁴² 1^a, fl. 9, pág. 121.

⁴⁴³ 2^o, fl. 2, pág. 143.

lado se venere o **Coração Imaculado de Maria**. Que peçam a páz ao Imaculado Coração de Maria, que Deus lha entregou a ela. Se eu pudesse meter no coração de toda a gente o lume que tenho cá dentro no peito a quei-mar-me e a fazer-me gostar tanto do **Coração de Jesus e do Coração de Maria!**⁴⁴⁴.

138)“Um dia deram-me uma estampa do **Coração de Jesus**, bastante bonita para o que os homens podem fazer, leveia á Jacinta. Queres êste santinho? Pegou n’êle, olhou-o com atenção e disse, é tam feio, não se pairesse nada com Nosso Senhor que é tam bonito, mas quero, sempre é Êle. E trazia-o sempre com ela, de noite e na doença, tinha- o debaixo da almofada até que se rompeu. Beijava-o com frequência e dizia beijo-o no Coração que é do que mais gosto, quem me dera também um Coração de Maria! não tens nenhum? gostava de ter os dois juntos”⁴⁴⁵.

139)“Depois de ter implorado a proteção dos **Santissimos Corações de Jesus e Maria**, Nossa Terna Mãe, de ter pedido luz e graça aos pés do Sacrario, para não escrever nada que não seja unica e exclusivamente para a glória de Jesus e da Santissima Virgem”⁴⁴⁶.

140)“Começo pois êste trabalho, pedindo aos **Santissimos Corações de Jesus e Maria**, que se dignem abençoalo, e servir-se d’êste acto de obediência para a conversão dos pobres pecadores, pelos quais esta alma tanto se sacrificou”⁴⁴⁷.

141)“Vou a vêr se dou começo à narração do que me lembro da vida da Jacinta. Como não disponho de tempo livre... irei recordando e apontando o que os **Santissimos Corações de Jesus e Maria** quizerem fazer-me recordar”⁴⁴⁸.

5. *Senhor*

Nas angelofanias

142)“De tudo que poderdes, ofrecei um sacrificio em acto de reparação pelos pecados com que Êle é ofendido e de supplica pela conversão dos pecadores. Atrai assim sôbre a

⁴⁴⁴ 3^a, fl. 5v, pág.195.

⁴⁴⁵ 3^a, fl. 5v, pág. 195.

⁴⁴⁶ 1^a, fl. 1, pág. 116.

⁴⁴⁷ 1^a, fl. 1, pág. 116.

⁴⁴⁸ 1^a, fl. 3, pág. 117.

vossa pátria a páz. Eu sou o Anjo da sua guarda o Anjo de Portugal. Sôbretudo aceitai e suportai com submissão o sufrimento que o **Senhor** vos enviar”⁴⁴⁹.

143)“Estas palavras do Anjo, gravaram-se em nosso espirito, como uma luz que nos fazia compriender quem era Deus, como nos amava e queria ser amado, o valor do sacrificio e como êle Lhe era agradável, como por atenção a êle convertia os pecadores. Por isso desde êsse momento começamos a oferecer ao Senhor, tudo que nos mortificava, mas sem discurrer-mos a procurar outras mortificações ou penitências, exceto a de passarmos horas seguidas prostrados por terra repetindo a oração que o Anjo nos tinha encinado⁴⁵⁰.

144)“Apezar de ser criança compreendia perfeitamente a situação em que nos encontrávamos; lembrava-me entam das palavras do Anjo, sobretudo - aceitai submissos os sacrificios que o Senhor vos enviar. Retirava-me entam a um lugar solitário para com o meu sufrimento não aumentar o de minha /Mãe, (êste lugar era por ordinario o nosso poço)”⁴⁵¹.

145)“No escrito sôbre a Jacinta já disse a V. Ex.^{cia} Rvr.^{ma} a parte que ela e seu Irmão tomarão nesta prova (2º interrogatório Do pároco) que o Senhor nos enviou e como me espraram em oração junto do poço etc”⁴⁵².

Nos discursos de Lúcia

146)Prece à Jacinta: Lirio de candura /Perola brilhante/O’h! lá no Céu/Onde vives triunfante /Serafim de amor; /Com teu Irmãozinho/Roga por mim/Aos pés do **Senhor**”⁴⁵³.

147)“O que em essa entrevista se passou não vou agora descrevê-la, porque V. Ex.^{cia} Rvr.^{ma} decerto o recorda melhor do que eu. Na verdade quando vos vi Ex.^{mo} e Rvr.^{mo} Senhor receber-me com tanta bondade, sem me fazer a minima pergunta curiosa ou enutil, intereçando-vos apenas pelo bem da minha alma, e prontificando-vos a /tomar conta da pobre ovelhinha que o **Senhor** acabava de vos confiar; fiquei mais do que nunca crente que V. Ex.^{cia} Rvr.^{ma} tudo sabia, e não exitei um momento em me abandonar nas vossas mãos”⁴⁵⁴.

⁴⁴⁹ 4ª, fl. 61, pág. 227.

⁴⁵⁰ 4ª, fl.61, pág.227.

⁴⁵¹ 2ª, fl. 11v, pág. 154.

⁴⁵² 2ª, fl. 17, pág. 160.

⁴⁵³ 1ª, fl.4, pág.118.

⁴⁵⁴ 2ª, fl. 36/36v, pág. 182.

- 148)“Poderá talvez parcer n’este escrito, que na minha terra não encontrava amisade ou carinho em peçoá alguma; não é assim, havia uma porçãozinha escolhida do redil **do Senhor**, que mostrava por mim uma simpatia única. Eram as criancinhas, corriam para junto de mim numa alegria doida”⁴⁵⁵.
- 149)“Que será isto? Não sei; talvez mais uma moeda que o **Senhor** quiz confiar-me da qual me pedirá contas. Oxalá eu saiba negociar com ela, para lha restituir mil vezes multiplicada”⁴⁵⁶.
- 150)“**Jesus**, Maria, José salvai a minha alma que ela vossa é”; “**Senhor Jesus**, tende piedade de mim, pelos meritos da Vossa Vida, Paixão e morte na Cruz”⁴⁵⁷.
- 151)“Os Mandamentos da Lei de Deus eram a regra da sua vida, o que inculcava a todos, tendo por norma especial o que nos diz Jesus Cristo no seu Evangelho: A um jovem que se aproximou do **Senhor** e lhe perguntou: «Mestre, que hei-de fazer de bom para alcançar a vida eterna?» Jesus respondeu-lhe: Porque me interrogas sobre o que é bom? Bom é um só... Retorquiu Jesus: «Não matarás...» (Mt XIX, 16/19)”⁴⁵⁸.
- 152)“À mulher adúltera e arrependida, na frente dos seus acusadores preparados para apedrejá-la, quando esperava ouvir, do supremo juiz a última palavra da sua condenação, ouve em vez: uma palavra de perdão, de conforto e de esperança: «Mulher, ninguém te condenou? Não, **Senhor**...»”⁴⁵⁹.
- 153)“Na semana santa, o trabalho das minhas irmãs era: cair toda a casa, por den/tro e por fora, limpar e esfregar tudo, para que no Domingo de Pascoa tudo estivesse um primor, para receber o **Senhor Ressuscitado**, na pessoa do Sr. Prior, que em Seu nome nos ia dar as Boas Festas. Quando o Sr. Prior se aproximava ... o Pai fazia estalar em nosso pátio 3 foguetes em honra da Ressurreição do **Senhor Jesus**, depois, entrava em casa a correr, para com toda a família, de joelhos, na casa de fora receber a Visita Pascal, beijar o crucifixo e receber a Bênção que o Sr. Prior dava em nome do **Senhor Jesus Ressuscitado**”⁴⁶⁰.
- 154)“Como que, num cântico perene do eterno louvor de glória ao Nosso Deus Salvador: toda a terra está cheia do seu louvor, os Céus narram a glória do seu amor, Ossana ao filho de David, Bendito o que vem em nome do Senhor!”⁴⁶¹.

⁴⁵⁵ 2^a, fl. 37v, pág. 184.

⁴⁵⁶ 2^o, fl. 38, pág. 184.

⁴⁵⁷ 5^a, fl. 25, pág. 280.

⁴⁵⁸ 6^a, fl. 75, pág. 285.

⁴⁵⁹ 6^a, fl. 86, pág. 296.

⁴⁶⁰ 6^a, fls.102/103, pág. 317.

⁴⁶¹ 6^a, fl. 113, pág. 328.

- 155) “Assim, respigando aqui e além, o que melhor me parece para oferecer ao Senhor, como um belo cântico de louvor que lhe dê gosto e glória na terra e no Céu para sempre”⁴⁶².
- 156) “Pergunto-me a mim mesma: Para que vai servir este trabalho? E respondo: Não sei. Faço-o por amor do Senhor, faço-o por obediência, visto que os superiores me dizem que o faça; faço-o para satisfazer o pedido do Sr. Reitor do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, que me pediu para não deixar pormenor algum sem escrever, do que possa recordar da vida da minha família”⁴⁶³.
- 157) “Esta escolha exige fidelidade na correspondência, como o Senhor também diz noutra lugar: «Se alguém quizer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua Cruz e siga-Me» (Mt.16-24) É que toda a obra salvífica de Deus, assenta no pedestal da Cruz Redentora de Cristo”⁴⁶⁴.
- 158) “Queremos Deus, homens ingratos,/ Ao Pai supremo, ao Redentor./ Zombam da fé, os insensatos,/ Erguem-se em vão contra o Senhor. Da nossa fé, ó Virgem,/ O brado abençoai/ Queremos Deus, que é nosso Rei,/ Queremos Deus, que é nosso Pai”⁴⁶⁵.
- 159) “Aqui, eu creio que minha Mãe, foi conduzida pelo Espírito Santo, levando-a, logo desde o principio, a querer entregar á direcção da Igreja, a sua filha ... o que realizou quando me confiou aos cuidados paternais e pastorais de Sua Ex.^{cia} o Sr. D. José Bispo de Leiria. O que sua Ex.^{cia} fez com delicada diligência, tomando à sua conta a pobre ovelhinha que o Senhor lhe havia confiado aos seus cuidados pastorais”⁴⁶⁶.

6. Outras referências

Filho

- 160) O Anjo deixa suspenso no ar o Caliz, ajuelha junto de nós, e fáz-nos repetir três vezes. Santíssima Trindade; Padre **Filho** Espírito Santo, ofereço-vos o preciosissimo Corpo Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrarios da terra, em reparação dos ultrages, sacrilégios e indifrenças com que Êle mesmo é ofendido; e pelos meritos infinitos do seu Santissimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peçovos a conversão dos pobres pecadores⁴⁶⁷.

⁴⁶² 6^a, fl. 119, pág. 334.

⁴⁶³ 6^a, fl. 119, pág. 334.

⁴⁶⁴ 6^a, fl. 167, pág. 383.

⁴⁶⁵ 6^a, fl. 171, pág. 387.

⁴⁶⁶ 6^a, fls. 210/211, pág. 425.

⁴⁶⁷ 2^a, fl. 10v, pág. 153.

- 161) Deixando o caliz e a Hostia suspensos no ar, prostrou-se em terra e repetiu tres vezes a oração. Santíssima Trindade, Padre, **Filho**, Espírito Santo, adoro-vos profundamente e ofereço-vos o preciosissimo Corpo sangue, Alma e Devindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrarios da terra, em reparação dos ultrages, sacrilegios e endifrenças com que Êle mesmo é ofendido. E pelos meritos infinitos do seu santissimo Coração, e do Coração Imaculado de Maria, peço-vos a conversão dos / pobres pecadores⁴⁶⁸.
- 162) “Minha filha, a sua alma é o templo do Espírito Santo guarde-a sempre pura para que Êle possa continuar N’ela a sua acção Divina. Ao ouvir estas palavras senti-me penetrada de respeito pelo meu intimo e perguntei ao bom confessor como devia fazer; de joelhos, ai aos pés de Nossa Senhora, peça-lhe com muita confiança que tome conta do seu coração, que o prepare para receber amanhã dignamente o seu querido **filho** e que o guarde para Êle só”⁴⁶⁹.
- 163) “Em nome do Pai, **do Filho** e do Espírito Santo – Avé Maria!”⁴⁷⁰.
- 164) “Era o escalão mais difficil de subir na encos/ta do seu calvário. Semelhante a Nossa Senhora, para Quem, com a Encarnação do Filho de Deus, lhe vieram as dificuldades, os aneios, as tribulações, as angustias e o martirio... (a fuga de Maria e José para o Egito) depois do seu regresso, as contradições e perseguições dos que maquinavam a morte de seu **Filho**”⁴⁷¹.
- 165) Glória ao Pai e **ao Filho** e ao Espírito Santo... Queremos Deus, homens ingratos,/ Ao Pai supremo, ao Redentor./ Zombam da fé, os insensatos,/ Erguem-se em vão contra o Senhor. Da nossa fé, ó Virgem,/ O brado abençoai/ Queremos Deus que é nosso Rei,/ Queremos Deus que é nosso Pai”⁴⁷².
- 166) “Assim, marcou o dia da nossa ida e lá fomos as duas caminho além, por estradas e carreiros pedregosos, atravessando montes, campos e outeiros silênciosos onde só se ouvia o balbuciar das nossas vozes rezando o Terço... Glória ao Pai, ao **Filho** e ao Espírito Santo,...”⁴⁷³

⁴⁶⁸ 4^a, fls. 62/63, pág. 227.

⁴⁶⁹ 2^a, fl. 4v, pág. 146.

⁴⁷⁰ 6^a, fl. 75, pág. 285.

⁴⁷¹ 6^a, fl. 147, pág. 362.

⁴⁷² 6^a, fl. 171, pág. 387.

⁴⁷³ 6^a, fl. 196, pág. 411.

Jesus Cristo

- 167)“O Anjo deixa suspenso no ar o Caliz, ajuelha junto de nós, e fáz-nos repetir três vezes. Santissima Trindade; Padre Filho Espírito Santo, ofereço-vos o preciosíssimo Corpo Sangue, Alma e Divindade de **Jesus Cristo**, presente em todos os sacrarios da terra, em reparação dos ultrages, sacrilégios e indifrenças com que Êle mesmo é ofendido; e pelos meritos infinitos do seu Santissimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peçovos a conversão dos pobres pecadores”⁴⁷⁴.
- 168)“Apareceu-nos pela terceira vez, trazendo da mão um caliz e sobre êle uma Hóstia da qual caiam dentro do caliz algumas gôtas de sangue. Deixando o caliz e a Hostia suspensos no ar, prostrou-se em terra e repetiu tres vezes a oração. Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, adoro-vos profundamente e ofereço-vos o preciosissimo Corpo sangue, Alma e Devindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrarios da terra, em reparação dos ultrages, sacrilegios e endifrenças com que Êle mesmo é ofendido. E pelos meritos infinitos do seu santissimo Coração, e do Coração Imaculado de Maria, peço-vos a conversão dos / pobres pecadores”⁴⁷⁵.
- 169)“Tomai e bebei o **Corpo e Sangue de Jesus Cristo**, orrivelmente ultrajado pelos homens ingratos; reparaí os seus crimes e conçulai o vosso Deus”⁴⁷⁶.
- 170)“Quando agora leiu no Novo Testamento essas scenas tam encantadoras da passagem de **Nosso Senhor** pela Palestina, recorde estas que tam criança ainda **Nosso Senhor** me fez presenciar, nesses pobres caminhos e estradas de Aljustrel a Fátima e á Cova de Iria, e dou graças a Deus, ofrecendo-lhe a fê do nosso bom povo Portuguez: e penso: se esta gente se abate assim diante de três pobres crianças, só porque a elas é concedida misericordiosamente a graça de falar com {a} Mãe de Deus, que não fariam se vissem diante de si o próprio **Jesus Cristo**?”⁴⁷⁷.
- 171)“O Pai, parece que adivinhou, que tenho quase 82 anos e ainda por aqui ando à espera de ser boa para ir para o Céu, mas, como **Jesus Cristo** diz que só Deus é Bom, terá Ele que me levar para lá por misericórdia sem esperar que eu seja boa”⁴⁷⁸.
- 172)“Enquanto que isto escrevo, estou recordando a história do santo rei David, que – apesar de ter sido tão grande pecador – foi escolhido por Deus, para da sua descendência, nascer S. José, Nossa Senhora e **Jesus Cristo**, o Filho de David-Osana

⁴⁷⁴4^a, fl.62, pág.227; (2^a, fl. 10v, pág.153).

⁴⁷⁵4^a, fls. 62/63, pág.227.

⁴⁷⁶2^a, fl.10v, pág.153; (4^o, fls.63, pág.227/228).

⁴⁷⁷4^a, fl.79, pág. 234.

⁴⁷⁸5^a, fl. 17, pág. 272.

ao Filho de David– Aquele que disse ter vindo para salvar os pecadores, porque, não são os sãos que precisam de médico, mas sim os doentes”⁴⁷⁹.

173)No final, recordo o Santo Rei David que, apesar de haver sido tão grande pecador, porque se arrependeu, fez penitência e mudou de vida, foi escolhido por Deus para da sua descendência nascer S. José, Nossa Senhora e **Jesus Cristo**, o Filho de Deus⁴⁸⁰.

174)“Os Mandamentos da Lei de Deus eram a regra da sua vida, o que inculcava a todos, tendo por norma especial o que nos diz **Jesus Cristo** no seu Evangelho: A um jovem que se aproximou do Senhor e lhe perguntou: «Mestre, que hei-de fazer de bom para alcançar a vida eterna?» Jesus respondeu-lhe: Porque me interrogas sobre o que é bom? Bom é um só... Retorquiu Jesus: «Não matarás...» (Mt XIX, 16/19)”⁴⁸¹.

175)“Deus é a verdade que não se engana nem / pode enganar-nos – assim se ensinava no catecismo, nesse tempo – **Jesus Cristo** diz no Seu Evangelho: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; quem Me segue não anda nas trevas, mas tem em si a luz da vida”⁴⁸².

176)“Pois é o que eu faço, ajudar, para que, quem caiu uma vez não venha a cair duas. **Jesus Cristo**, quando andava neste mundo, recebeu a Madalena arrependida, que era uma grande pecadora e perdoou-lhe”⁴⁸³.

Cristo

177)Também tenho três objectos – pequenos – que eram da nossa casa ... Um é a “Imitação **de Cristo**”... A “Imitação de **Cristo** tenho-a trazido sempre comigo. Já está velhinha, mas é a mesma”⁴⁸⁴.

178)“Tenho-as trazido sempre comigo e guardado, como recordação de minha Mãe e do meu tempo de criança, assim como a Imitação de **Cristo**, que minha Mãe me mandou para o Porto, quando eu estava no colégio”⁴⁸⁵.

⁴⁷⁹5^a, fl. 25, pág. 281.

⁴⁸⁰ Apên. à 5^a, pg. 38.

⁴⁸¹ 6^a, fl. 75, pág. 285.

⁴⁸² 6^a, fl. 111, pág. 325.

⁴⁸³ 6^a, fl. 144, pág. 360.

⁴⁸⁴ 5^a, n^o 4, pg. 35.

⁴⁸⁵ 5^a, n^o 4, pág. 36

179)“A **Imitação de Cristo** conservei-a até ainda à pouco tempo, como me inteirei que o Senhor Reitor do Santuário de Fátima, andava procurando de objectos que tivessem pertencido à casa que foi dos meus pais, com licença da / Nossa Madre Priora, dei-lhe a **Imitação de Cristo**”⁴⁸⁶.

180)“A seguir, na nossa eira, tomamos a ceia com a madrinha Teresa e todos os da sua casa, chegou para todos e ainda sobrou. A mãe, quando depois calhava de falar deste acontecimento dizia: Chegou para todos e ainda sobrou, não tanto como os 12 cestos da multiplicação dos pães que fez **Cristo** no deserto, mas o preciso para se poder dizer que: sobrou”⁴⁸⁷.

181)“É que eu, então, ainda não conhecia o que nos diz a **Imitação de Cristo**: «Vaidade das vaidades, tudo é vaidade excepto amar e servir a Deus»”⁴⁸⁸.

182)“Mas em tudo isto, estão os planos de Deus que escolhe a cada um para por seu meio realizar a missão a que lhe destina. Assim **Cristo** o diz no Seu Evangelho: «Não fostes vós que Me escolhestes...»” (Jo. 15, 16)”⁴⁸⁹.

183)“São Leão Papa diz: “Ninguém receie que estas liberalidades lhe tragam falta de recursos, porque a benevolência é já por si uma grande riqueza e, além disso, nunca os frutos da generosidade escasseiam onde **Cristo** alimenta e é alimentado. Em tudo isto intervém aquela mão divina que ao partir o pão o faz crescer e, ao reparti-lo o multiplica”⁴⁹⁰.

184)“Esta escolha exige fidelidade na correspondência, como o Senhor também diz noutra lugar: «Se alguém quizer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua Cruz e siga-Me» (Mt.16-24) É que toda a obra salvífica de Deus, assenta no pedestal da Cruz Redentora de Cristo”⁴⁹¹.

Nosso Deus Salvador

185)“Ao terminar de escrever isto que aqui deixo, sinto brotar-me do coração / um hino de acção de graças ao **Nosso Deus Salvador**, pelos dotes da natureza e da graça com

⁴⁸⁶ 6ª, fls. 84/85, pág. 295.

⁴⁸⁷ 6ª, fl.100, pág. 315.

⁴⁸⁸6ª, fl.108, pág. 323.

⁴⁸⁹ 6ª, fl. 167, págs. 382/383.

⁴⁹⁰ 6ª, fl. 114, págs. 329/330.

⁴⁹¹ 6ª, fl. 167, pág. 383.

que se dignou enriquecer aquela que escolheu, para dar-me o ser sobre a terra e erguer-me o olhar para o Céu”⁴⁹².

186)“Como que, num cântico perene do eterno louvor de glória ao **Nosso Deus Salvador**: toda a terra está cheia do seu louvor, os Céus narram a glória do seu amor; Osana ao Filho de David, Bendito o que vem em nome do Senhor!”⁴⁹³.

187)“Tantos, vindos de longe e de perto, passam por essa pobre casa tão humilde, prolongando o eco das vozes dos que aí nos precederam, trabalhando, rezando e cantando, e agora no Céu entoam o cantico novo de acção de graças e louvor ao nosso Deus único, verdadeiro **Salvador**: Pai Nosso... Avé Maria... e bendito é o fruto do vosso ventre Jesus... Ámen”⁴⁹⁴.

188)“Enquanto que isto escrevo, estou recordando a história do santo rei David, que – apesar de ter sido tão grande pecador – foi escolhido por Deus, para da sua descendência, nascer S. José, Nossa Senhora e Jesus Cristo, o **Filho de David** -Osana ao Filho de David– Aquele que disse ter vindo para salvar os pecadores, porque, não são os sãos que precisam de médico, mas sim os doentes”⁴⁹⁵.

⁴⁹² 6^a, fl.113, pág.327/328.

⁴⁹³ 6^a, fl.114, pág. 328.

⁴⁹⁴ 6^a, fl.126, pág.341/342

⁴⁹⁵ 5^a, fl. 25, pág. 281.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	2
Capítulo I: Enquadramento da Doutrina e Devoções Cristocêntricas das <i>Memórias</i>	6
188.1. Os documentos doutrinários do início do séc. XX.....	7
188.1.1. <i>Catecismo da Doutrina Cristã</i>	8
188.1.2. <i>A Cartilha da Doutrina Cristã</i>	12
188.1.3. <i>A Missão abreviada</i>	16
188.1.4. <i>O surgimento de devoções eclesiais cristocêntricas</i>	21
188.2. As devoções cristocêntricas de Fátima	23
188.2.1. <i>A vida espiritual e eclesial na paróquia de Fátima</i>	24
188.2.2. <i>Elementos das devoções cristocêntricas nas Memórias</i>	26
Capítulo II: Os elementos cristológicos nas <i>Memórias</i>	28
2.1. Referência cristológica – ‘Nosso Senhor’	28
2.1.1. ‘Nosso Senhor’ das Aparições da Virgem Maria.....	29
2.1.2. ‘Nosso Senhor’ no ciclo de Jacinta.....	30
2.1.3 ‘Nosso Senhor’ no ciclo de Francisco.....	34
2.1.4. Outras referências	37
2.2. Referências cristológicas: ‘Jesus’, ‘ó Jesus’, ‘ó meu Jesus’	40
2.2.1 ‘Jesus’, ‘ó Jesus’, ‘ó meu Jesus’: na Aparição de julho	40
2.2.2 ‘Jesus’, ‘ó Jesus’, ‘ó meu Jesus’ – depois da Aparição de julho.....	41
2.2.3. ‘Jesus’, ‘ó Jesus’, ‘ó meu Jesus’ – na doença de Jacinta.....	42
2.2.4. ‘Jesus’, ‘ó Jesus’, ‘ó meu Jesus’: referências ligadas a Francisco e	

2.3. ‘Jesus escondido’ e ‘Menino Jesus’	44
2.3.1. ‘Jesus escondido’ e ‘Menino Jesus’ na perspectiva de Jacinta.....	44
2.3.2. ‘Jesus escondido’ e ‘Menino Jesus’ na perspectiva de Francisco	46
2.4. As referências cristológicas: ‘Corações de Jesus e de Maria’	47
2.4.1. ‘Corações de Jesus e de Maria’ nas angelofanias	47
2.4.2 ‘Corações de Jesus e de Maria’ fora do ciclo das angelofanias	49
2.5. As referências cristológicas ‘Senhor’	51
2.5.1 ‘Senhor’ a relação da referência cristológica com as angelofanias	51
2.5.2. ‘Senhor’: a relação da nomenclatura nos discursos de Lúcia	52
Capítulo III: Traços cristológicos das <i>Memórias</i>	54
3.1. A dimensão soteriológica.....	55
3.1.1. A soteriologia na mensagem do Anjo.....	56
3.1.2. A soteriologia nas mariofanias	57
3.1.3. A figura de Jesus de Jacinta: ‘Nosso Senhor’ e ‘Jesus’	58
3.1.4. A figura de Jesus na perspectiva de Francisco	60
3.2. A dimensão doxológica	62
3.2.1. O Mistério da Trindade como fonte da doxologia	63
3.2.2. A doxologia de Jacinta	64
3.3. A dimensão eucarística.....	66
3.3.1. O Jesus eucarístico da terceira angelofania	66
3.3.2. O Jesus eucarístico de Francisco e Jacinta.....	68
3.4 A dimensão cordial de Jesus	71
3.4.1. O ‘Coração de Jesus’ no ciclo angélico	71
3.4.2. A unidade dos “Corações de Jesus e de Maria”	72

3.5. A dimensão escatológica.....	74
3.5.1 A escatologia das marifanias	75
3.5.2. O inferno.....	76
CONCLUSÃO.....	79
BIBLIOGRAFIA	82
Anexo	86
1. <i>Nosso Senhor</i>	87
2. <i>Jesus, ó Jesus, ó meu Jesus</i>	101
3. <i>Menino Jesus – Jesus escondido</i>	106
4. <i>Corações de Jesus e Maria</i>	109
5. <i>Senhor</i>	111
6. Outras referências	114